

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CENTRO-OESTE-UNICENTRO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM LETRAS  
NÍVEL DE MESTRADO EM LETRAS  
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: INTERFACES ENTRE LÍNGUA E  
LITERATURA**

**CRENÇAS E ATITUDES DE JOVENS DESCENDENTES DE UCRANIANOS  
EM RELAÇÃO À LÍNGUA UCRANIANA E SUA MANUTENÇÃO EM  
PRUDENTÓPOLIS**

**EDINA SMAHA**

**Guarapuava, 2018**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CENTRO-OESTE-UNICENTRO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTOSENSU* EM LETRAS  
NÍVEL DE MESTRADO EM LETRAS  
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: INTERFACES ENTRE LÍNGUA E  
LITERATURA**

**CRENÇAS E ATITUDES DE JOVENS DESCENDENTES DE UCRANIANOS  
EM RELAÇÃO À LÍNGUA UCRANIANA E SUA MANUTENÇÃO EM  
PRUDENTÓPOLIS**

Dissertação apresentada por EDINA SMAHA,  
como requisito Parcial à obtenção do grau de  
Mestre em Letras, Curso de Pós-Graduação  
em Letras, área de Concentração Interface  
entre Língua e Literatura, da UNICENTRO.

**Orientadora:** Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Loremi Loregian-  
Penkal

Guarapuava, 2018

Smaha, Edina

S635c      Crenças e atitudes de jovens descendentes de ucranianos em relação à língua ucraniana e sua manutenção em Prudentópolis / Edina Smaha. -- Guarapuava, 2018

x, 147 f. : il. ; 28 cm

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual do Centro-Oeste, Programa de Pós-Graduação em Letras, área de concentração: Interface entre Língua e Literatura, 2018

Orientadora: Loremi Loregian-Penkak

Banca examinadora: Loremi Loregian-Penkak, Cibele Krause Lemke, Vanderci de Andrade Aguilera

#### Bibliografia

1. Letras. 2. Língua ucraniana. 3. Crenças e atitudes linguísticas. 4. Manutenção de línguas minoritárias. 5. Imigração ucraniana. 6. Ucranianos em Prudentópolis. I. Título. II. Programa de Pós-Graduação em Letras.

CDD 491.791

---



TERMO DE APROVAÇÃO

Edina Smaha

“CRENÇAS E ATITUDES DE JOVENS DESCENDENTES DE UCRANIANOS EM  
RELAÇÃO À LÍNGUA UCRANIANA E SUA MANUTENÇÃO EM PRUDENTÓPOLIS-  
PR”

Dissertação aprovada em 06/08/2018 como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre no Curso de pós-Graduação em Letras, da Universidade Estadual do Centro-Oeste, UNICENTRO, área de concentração Interfaces entre Língua e Literatura, pela seguinte Banca Examinadora:

Prof.(a) Dr.(a) Loremi Loregian-Penkal – UNICENTRO - Presidente

Prof.(a) Dr.(a): Vanderaci de Andrade Aguilera -UEL- Membro Titular

Prof.(a) Dr.(a) Cibele Krause-Lemke –UNICENTRO - Membro Titular

Dedico este estudo ao *dido* Pedro (*in memoriam*), as *babas* Regina (*in memoriam*) e Elvira e aos meus pais Emilio e Zenóvia por terem me ensinado a língua ucraniana.

E a todas as pessoas que lutam pela manutenção da língua e cultura ucraniana no Brasil.

## AGRADECIMENTOS

Para que fosse possível a realização deste trabalho tive o privilégio de contar com a ajuda de diversas pessoas e instituições.

Gostaria de expressar minha gratidão, em especial, à minha orientadora professora doutora Loremi Loregian Penkal pela parceria desde a graduação, pelas leituras e releituras do trabalho, pelas valiosas orientações, pelo amparo diante das dificuldades e incentivo a cada progresso.

Às professoras doutoras Cibele Krause Lemke e Vanderci de Andrade Aguilera por aceitarem participar da minha banca, pelo tempo dedicado à leitura deste trabalho e pelas valiosas contribuições.

A todos os professores do Campus de Irati pelo incentivo, ainda na graduação, para que eu ingressasse no mestrado, em especial ao professor Fernando Cestaro, Rodrigo Kovalski, Regina Chikoski e Marileia Gartner, bem como aos professores do programa de Pós - graduação em Letras por terem ampliado meus horizontes.

Aos colegas do mestrado, por compartilharem conhecimentos, ombros amigos, angústias, caronas e cafés. Em especial à Isidora, que veio de tão longe e tão próxima ficou, e à Sônia, que esteve ao meu lado na preparação para a prova, na inquietude pelo resultado, na alegria pela aprovação, nas intermináveis viagens e nos desafios que surgiram. *Hvala e djenkuie bardzo* pelo apoio nos momentos difíceis, por comungarem comigo o amor pela cultura eslava e pela amizade.

Aos meus amigos, familiares e meu namorado Mauricio por entenderem minhas ausências e me apoiarem constantemente.

A todos os informantes por cederem seu tempo para participar da pesquisa. Sem a disponibilidade e cooperação de vocês, este estudo não seria possível.

À Capes/Fundação Araucária pelo auxílio financeiro.

À UNICENTRO e ao programa *Emerging Leaders of the Americas* (ELAP) pela oportunidade que me deram de participar do intercâmbio no Canadá, onde pude aprender sobre a história e a realidade dos ucranianos naquele país elevando meu interesse em buscar respostas frente à realidade dos descendentes de ucranianos em minha própria comunidade.

À *pani* Meroslava Krevei, Dionisia e Mariano Machula, Vitório Sorotiuk e todas as outras pessoas que me incentivaram a estudar na Ucrânia e me apoiaram durante minha estada naquele país. Agradeço pela oportunidade que me deram de conhecer a terra dos meus antepassados e pelo conhecimento que lá adquiri e hoje aplico nesta dissertação.

Gostaria de deixar também um agradecimento especial ao ilustre e respeitado linguista William Labov pela expressiva contribuição aos estudos sociolinguísticos, cujos pressupostos servem como base para este trabalho, mais ainda, por ter tido a humildade de tomar seu tempo para responder aos meus e-mails, nos quais revelou o seu interesse em conhecer a situação linguística dos ucranianos no Brasil.

**CRENÇAS E ATITUDES DE JOVENS DESCENDENTES DE UCRANIANOS  
EM RELAÇÃO À LÍNGUA UCRANIANA E SUA MANUTENÇÃO EM  
PRUDENTÓPOLIS**

*Atavismo*

*Quando estou triste e só, e pensativa assim,  
É a alma dos ancestrais que sofre e chora em  
mim.*

*A angústia secular de uma raça oprimida  
Sobe da profundidade e turva a minha vida.*

*Certo, guardo latente e difusa em meu ser,  
A remota lembrança dos dias amargos  
Que eles viveram sem a ansiada liberdade.  
Eu que amo tanto, tanto, os horizontes largos,  
Lamento não ser águia ou condor, para voar  
Até onde a força da asa alcance a me levar.  
Ante a extensão agreste e verde da campina,  
Não sei dizer por que, muitas vezes, senti  
Saudade singular da estepe que não vi.  
Pois, até o marulhar misterioso e sombrio  
Da água escura a correr seu destino de rio,  
Lembra, sem o querer, numa impressão falaz,  
O soturno Dnipró, cantado por Taras...*

*Por isso é que eu surpreendo, em alta  
intensidade,  
Acordada em meu sangue, a tara da saudade.*

Helena Kolody.

SMAHA, E. **Crenças e atitudes de jovens descendentes de ucranianos em relação à língua ucraniana e sua manutenção em Prudentópolis**: Universidade Estadual do Centro-Oeste–UNICENTRO, Guarapuava, 2018. Dissertação de Mestrado.

**RESUMO:** Esta pesquisa, fundamentada nos pressupostos da Sociolinguística Laboviana e nos estudos sobre Crenças e Atitudes linguísticas, teve como objetivo investigar as crenças e atitudes de jovens descendentes de ucranianos residentes na área rural e urbana no município de Prudentópolis-Paraná em relação à língua ucraniana e sua manutenção. O presente trabalho se divide em cinco capítulos: o primeiro ilustra brevemente a história do povo ucraniano no continente europeu até sua chegada ao contexto do nosso estudo – Prudentópolis. O segundo capítulo discorre acerca do surgimento da língua ucraniana e das principais influências recebidas ao longo do seu desenvolvimento. O terceiro capítulo é dedicado à fundamentação teórica acerca do tema central deste trabalho - as crenças e atitudes linguísticas. Discutimos a linha tênue que distingue os conceitos acerca do preconceito, estigma, estereótipo e intolerância e trazemos diferentes pontos de vista a respeito das crenças e atitudes. Entendemos a atitude como componente da crença e consideramos os dois conceitos interligados e inseparáveis. Por fim, apresentamos diversos fatores que auxiliam na manutenção de uma língua minoritária. O quarto capítulo deste trabalho apresenta a metodologia utilizada para realizar a pesquisa proposta e a descrição do *corpus*, que contou com 40 informantes. No último capítulo, mostramos os resultados, a análise dos dados dos questionários semiestruturados e das perguntas abertas. Entre os resultados obtidos no decorrer da investigação, podemos destacar que, embora os informantes declarem utilizar a língua ucraniana, as oportunidades de empregá-la são limitadas. Seu uso se dá quase que exclusivamente na forma oral durante as práticas religiosas e no contexto familiar. Embora predomine a crença de que a variedade da língua ucraniana falada em Prudentópolis seja inferior, as atitudes com relação a ela são altamente positivas. Os jovens descendentes de ucranianos de Prudentópolis reconhecem que é imperativo preservar e manter sua língua de herança e que a ela está vinculada toda a bagagem cultural trazida ao Brasil por seus antepassados.

**Palavras-chave:** Língua Ucraniana. Crenças e Atitudes Linguísticas. Manutenção de línguas minoritárias. Imigração Ucraniana. Ucranianos em Prudentópolis.

**SMAHA, E. Crenças e atitudes de jovens descendentes de ucranianos em relação à língua ucraniana e sua manutenção em Prudentópolis:** Universidade Estadual do Centro-Oeste–UNICENTRO, Guarapuava, 2018. Dissertação de Mestrado.

**АНОТАЦІЯ:** Метою даного дослідження є аналіз аспекту мовної свідомості та ставлення до української мови, зокрема до її збереження, нового покоління українців, що проживає у міських та сільських районах муніципалітету Прудентополіс, штату Парана. В цій праці ми опираємося на припущення соціолінгвіста Вільяма Лабова та на дослідження мовної свідомості та ставлення до мови. Ця робота складається з п'яти розділів: перший коротко ілюструє історію українського народу на європейському континенті до його прибуття в Прудентополіс. У другому розділі розглядається поява української мови та основні впливи, яких вона зазнала протягом свого розвитку. Третій розділ присвячений теоретичному фундаменту центральної теми цього дослідження - мовної свідомості та ставлення до мови. У ньому обговорюється невелике розходження понять упередження, стигми, стереотипу і нетерпимості, а також різні точки зору на мовну свідомість та ставлення до мови. Ми сприймаємо ставлення до мови як компонент мовної свідомості і вважаємо, що ці два поняття є взаємопов'язаними та нерозривними. Наприкінці цього розділу, ми надаємо кілька факторів, які допомагають у збереженні мов меншин. Четвертий розділ даної роботи представляє методологію, яка використовувалася для проведення пропонуваного дослідження і опис корпусу, в яку увійшли 40 респондентів. В останньому розділі подано результати та аналіз даних напівструктурованих анкет та відкритих питань. Серед результатів отриманих в ході дослідження, можна виділити, що, хоча респонденти заявляють, що використовують українську мову, можливості для її вживання обмежені. Її застосовують майже виключно в усній формі під час релігійних практик та у сімейному контексті. Незважаючи на перевагу уявлень про те, що українська мова, якою говорять в Прудентополісі, є нижчого рівня, ставлення до неї є дуже позитивним. Українська молодь Прудентополіса визнає, що збереження і підтримка рідної мови необхідна і що вона пов'язана з усією культурною спадщиною, привезеною до Бразилії їхніми предками.

**Ключові слова:** Українська мова; Мовна Свідомість та Ставлення до Мов; Підтримка Мов Меншин; Українська Імміграція. Українці в Прудентополісі.

SMAHA, E. **Crenças e atitudes de jovens descendentes de ucranianos em relação à língua ucraniana e sua manutenção em Prudentópolis**: Universidade Estadual do Centro-Oeste–UNICENTRO, Guarapuava, 2018. Dissertação de Mestrado.

**ABSTRACT:** This research, based on the assumptions of the Variationist Sociolinguistics and the studies on Linguistic Beliefs and Attitudes, aimed at investigating the beliefs and attitudes of young Ukrainian descendants living in rural and urban areas in the municipality of Prudentópolis-Paraná towards the Ukrainian language and its maintenance. The present work is divided into five chapters: the first one briefly illustrates the history of the Ukrainian people in the European continent until its arrival in the context of our study - Prudentópolis. The second chapter discusses the emergence of the Ukrainian language and the main influences it has undergone throughout its development. The third chapter is dedicated to the theoretical foundation on the central theme of this work, which are the Linguistic Beliefs and Attitudes. We discuss the fine line that distinguishes the concepts of prejudice, stigma, stereotype and intolerance, and bring different points of view about beliefs and attitudes. We understand attitude as a component of belief and consider the two concepts interconnected and inseparable. Finally we present several factors that help in the maintenance of a minority language. The fourth chapter of this paper presents the methodology used to carry out the proposed research and the description of the corpus, which included 40 informants. In the last chapter, we show the results, the analysis of the semi-structured questionnaire data and the open questions. Among the results we have found in the course of the investigation, we can point out that although the informants claim to use the Ukrainian language, the opportunities to employ it are limited. Its usage occurs almost exclusively in oral form during religious practices and in the family context. Although there is a predominant belief that the variety of the Ukrainian language spoken in Prudentópolis is inferior, the attitudes towards it are highly positive. The young Ukrainian descendants of Prudentópolis recognize that it is imperative to preserve and maintain their heritage language and that it is bound to all the cultural background brought to Brazil by their ancestors.

**Palavras-chave:** Ukrainian Language; Language Beliefs and Attitudes; Minority Language Maintenance; Ukrainian Immigration. Ukrainians in Prudentópolis.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Mapa do Império Austro-Húngaro.....	24
Figura 2. Árvore genealógica das línguas eslavas .....	34
Figura 3. Alfabeto da língua ucraniana .....	38
Figura 4. Hierarquia e componentes da atitude, segundo Baker (1992).....	72
Figura 5. Relação entre crenças e atitudes segundo López Morales (2004).....	73
Figura 6. Escala de métodos diretos e indiretos para investigar atitudes linguísticas....	78

## **LISTA DE GRÁFICOS**

Gráfico 1. Que língua você mais fala com: .....	90
Gráfico 2. Como você estima a sua proficiência em língua ucraniana?.....	91
Gráfico 3. Com que frequência você tem acesso à mídia em língua ucraniana? .....	92

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1. Dados dos informantes da pesquisa .....	82
Tabela 2. Você se identifica como: ucraniano, ucraniano brasileiro, brasileiro ou outro? .....	84
Tabela 3. À qual geração de brasileiros com descendência ucraniana você pertence? ..	85
Tabela 4. Você é descendente de ucranianos de qual cidade ou região da Ucrânia? ....	86
Tabela 5. O ucraniano foi a língua predominante na sua infância?.....	87
Tabela 6. Você estudou ucraniano na escola? .....	87
Tabela 7. Você frequentou algum curso de língua ucraniana?.....	88
Tabela 8. Você pertence a algum grupo ou organização relacionados à cultura ou língua ucraniana?.....	88
Tabela 9. Você participa de alguma igreja ucraniana na qual as celebrações ocorrem em língua ucraniana?.....	89
Tabela 10. Com que frequência você usa a língua ucraniana hoje em dia? .....	89
Tabela 11. Qual é a importância da língua ucraniana para ser aceito na comunidade ucraniana?.....	94
Tabela 12. Qual é a importância da língua ucraniana para adquirir sucesso profissional? .....	95
Tabela 13. Qual é a importância da língua ucraniana para identificar-se como ucraniano brasileiro? .....	95
Tabela 14. Qual é a importância da língua ucraniana para viajar?.....	96
Tabela 15. Qual é a importância da língua ucraniana para associar-se com amigos?....	96
Tabela 16. Qual é a importância da língua ucraniana para manter tradições? .....	97
Tabela 17. Qual é a importância da língua ucraniana para reunir gerações da família? 97	
Tabela 18. Para uma pessoa com raízes ucranianas, é importante saber falar ucraniano? .....	98
Tabela 19. A língua ucraniana é vital à participação plena na vida da comunidade? ....	99
Tabela 20. As crianças deveriam aprender ucraniano e português ao mesmo tempo? ..	99
Tabela 21. Falar em ucraniano pode ser economicamente benéfico? .....	100
Tabela 22. O uso tanto do português quanto do ucraniano no dia a dia não é difícil, você concorda?.....	100
Tabela 23. É um desperdício de tempo tentar manter viva a língua ucraniana no Brasil? .....	101
Tabela 24. A língua ucraniana deve ser ensinada nas escolas? .....	101

Tabela 25. Você sente pena dos ucranianos/ brasileiros que não sabem a língua ucraniana?.....	102
Tabela 26. Se você tiver filhos, gostaria que eles aprendessem a língua ucraniana?...	102
Tabela 27. Ainda existe um sentimento de vergonha em relação à língua ucraniana?	103
Tabela 28. Você tem vergonha de falar ucraniano? .....	103
Tabela 29. Você gosta de falar em ucraniano?.....	104
Tabela 30. Em Prudentópolis, a língua ucraniana está desaparecendo?.....	104
Tabela 31. Qual é a importância de se ter acesso a jornais, livros e revistas em ucraniano para a manutenção da língua ucraniana no Brasil?.....	106
Tabela 32. Qual é a importância da igreja/religião para a manutenção da língua ucraniana no Brasil? .....	106
Tabela 33. Qual é a importância dos pais falarem a língua ucraniana para a manutenção da língua ucraniana no Brasil? .....	107
Tabela 34. Qual é a importância do cônjuge/ companheiro(a) falar a língua ucraniana para a manutenção da língua ucraniana no Brasil?.....	107
Tabela 35. Qual é a importância de amigos falarem a língua ucraniana para a manutenção da língua ucraniana no Brasil? .....	108
Tabela 36. Qual é a importância de atividades ucranianas (festivais folclóricos, bailes, corais, apresentações, etc.) para a manutenção da língua ucraniana no Brasil?.....	108
Tabela 37. Qual é a importância da oferta de aulas de ucraniano nas universidades para a manutenção da língua ucraniana no Brasil? .....	109
Tabela 38. Qual é a importância de manter contato com parentes na Ucrânia para a manutenção da língua ucraniana no Brasil? .....	109
Tabela 39. Qual é a importância da oferta de cursos de língua ucraniana para adultos para a manutenção da língua ucraniana no Brasil?.....	110
Tabela 40. Qual é a importância da participação em organização/ grupos culturais ucranianos para a manutenção da língua ucraniana no Brasil? .....	111

## SUMÁRIO

<b>PALAVRAS INICIAIS .....</b>	<b>16</b>
<b>1. A IMIGRAÇÃO UCRANIANA .....</b>	<b>20</b>
1.2. O Império Austro-Húngaro e o início das grandes imigrações .....	24
1.2.3 Os interesses brasileiros na imigração .....	28
1.2.4 O destino: Prudentópolis .....	30
<b>2. A LÍNGUA UCRANIANA.....</b>	<b>33</b>
2.1. As origens da língua ucraniana.....	33
2.2 O desenvolvimento da língua ucraniana.....	35
2.3 A escrita cirílica .....	37
2.4 A era pós-Rus de Kiev .....	39
2.5 O lugar da língua ucraniana no Estado Soviético.....	41
2.6 A língua ucraniana em Prudentópolis .....	47
<b>3. FUNDAMENTOS TEÓRICOS.....</b>	<b>52</b>
3.1 A Sociolinguística e o olhar de Labov sobre as crenças e atitudes.....	52
3.2. O preconceito, Estigma, Estereótipo e a Intolerância Linguística.....	59
3.3. As Crenças e Atitudes Linguísticas .....	64
3.3.1 As crenças.....	66
3.3.2 As atitudes .....	69
3.4. A manutenção linguística.....	74
<b>4. METODOLOGIA E CORPUS DA PESQUISA.....</b>	<b>77</b>
4.1 Como avaliar as crenças e atitudes? .....	77
4.2. Metodologia aplicada .....	78
4.3 Questionário .....	78
4.3.1. Parte I. Identificação .....	79
4.3.2. Parte II. Uso da língua.....	79
4.3.3. Parte III. Língua e mídia .....	79
4.3.4 Parte IV. Crenças e atitudes linguísticas .....	79
4.3.5. Parte V. Perguntas abertas.....	80
4.3.6. Distribuição do questionário .....	80
4.4. Observação .....	81
4.5. Corpus da pesquisa .....	81
<b>5. RESULTADOS .....</b>	<b>84</b>
5.1. Apresentação e análise dos dados obtidos .....	84

<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>131</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>135</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>141</b>
Anexo 1: Ficha social .....	141
Anexo 2: Termo de consentimento .....	142
Anexo 3: Questionário.....	143

## **PALAVRAS INICIAIS**

Uma das características mais representativas da nação brasileira é a sua heterogeneidade, pois se trata de um país que incorpora povos de diferentes origens, culturas e línguas. Sobretudo antes da chegada dos portugueses, grande diversidade cultural e linguística já se apresentava entre as comunidades autóctones no Brasil. Esse cenário se torna cada vez mais heterogêneo e complexo a partir do século XX, quando tem início um fenômeno migratório contínuo, se estendendo até os dias atuais: aos indígenas, juntaram-se os portugueses, os africanos e inúmeros outros grupos de imigrantes oriundos das mais diversas partes do mundo, entre eles os ucranianos.

A vinda dos imigrantes ucranianos para o Brasil, decorrente da difícil situação social e econômica vivenciada por eles no continente europeu, teve início no final do século XIX. Atraídos por propagandas dos agentes das companhias de navegação, vieram ao encontro das necessidades geopolíticas do governo brasileiro, cujo propósito maior era colonizar os vazios demográficos do seu território. Segundo a historiadora Boruszenko (1995), aproximadamente meio milhão de ucranianos e descendentes residem no Brasil atualmente, com maior concentração no município de Prudentópolis. Estima-se que aproximadamente 75% da população prudentopolitana tenha descendência ucraniana, tanto é que a cidade é conhecida como "A pequena Ucrânia no Brasil".

Sendo descendente de ucranianos e amante desta cultura, admiro, de maneira especial, a língua, pois foi nela que pronunciei minhas primeiras palavras. O fato de conhecê-la me deu a oportunidade de viver e estudar na Ucrânia durante cinco anos e aprender sua variedade *standard*, que continuou evoluindo de acordo com as transformações sócio-históricas que se apresentaram, assim como ocorreu com a nossa variedade aqui no Brasil. Essa experiência abriu-me portas para participar de um intercâmbio no Canadá, país que abriga uma das maiores diásporas ucranianas no mundo e para vivenciar esta realidade em Saskatchewan, província que, assim como o Paraná, se tornou lar de um número expressivo de ucranianos e seus descendentes.

Estas são as principais razões que suscitam o meu interesse em mais conhecimento e respostas frente a essa língua no cenário brasileiro, a qual, em sua condição alóctone, em um período de mais de 120 anos, adquiriu no novo meio o *status* de língua minoritária. Intimidada pela língua portuguesa também alóctone, porém majoritária e pela condição totalmente plural, porém oficialmente monolíngue da nação

brasileira, ganhou novos traços, adaptou-se, aportuguesou-se e, enfim, transformou-se na Língua Ucrâniana do Brasil.

A imigração ucraniana para Prudentópolis constituiu-se predominantemente de colonos e a maioria permaneceu nas comunidades rurais, mantendo, a princípio, pouco contato com outros grupos étnicos, oportunizando, desta forma, a manutenção desta língua por eles trazida. Com pouca ou praticamente nenhuma assistência governamental, as instituições religiosas tiveram um papel de destaque no apoio ao ensino/aprendizagem da língua ucraniana no município. Entretanto, embora a língua ucraniana em Prudentópolis tenha um grande valor simbólico para a comunidade como um todo, seu *status* minoritário e minorizado deu origem à crença de sua inferioridade.

As políticas oficiais monolíngüísticas, a ausência de fomento, o fato de ser mais comumente utilizada por um grupo social menos prestigiado e se diferenciar consideravelmente da variedade falada no seu país de origem, idealizada como “pura”, “invariável”, “certa”, tornou-se justificativa para manifestações de preconceito em relação a ela e seus usuários, potencializando atitudes negativas dos próprios falantes diante de sua língua materna. As gerações mais novas passaram a se sentir constrangidas em utilizá-la e a ser estigmatizadas pelos “rastros” por ela deixados no uso do português. Conseqüentemente, muitos descendentes perderam o interesse em mantê-la.

Por outro lado, recentemente houve uma aproximação maior entre o Brasil e a Ucrânia, cujos vínculos foram retomados a partir de sua independência da União Soviética há 27 anos (média de idade dos informantes desta pesquisa), oportunizando um intercâmbio cultural mais denso entre os dois países. A UNICENTRO, por meio do Núcleo de Estudos Eslavos (NEES), vem desenvolvendo diversas ações para a difusão e visibilidade da cultura eslava na região de abrangência dessa universidade, incluindo seu patrimônio linguístico. O acesso à internet, inclusive na área rural da cidade, diminui a distância entre os dois países. Prudentópolis também passou a receber maiores investimentos na área do turismo, visando a uma direção em dois sentidos: as cachoeiras<sup>1</sup> e a cultura ucraniana. A partir disso, os membros da comunidade começaram a perceber que a língua ucraniana é uma das suas características diferenciais apreciadas e valorizadas por pessoas de fora e, aos poucos, vêm considerando sua manutenção como um fator positivo para eles e para a comunidade como um todo.

---

<sup>1</sup> Prudentópolis também é conhecida como a “terra das cachoeiras gigantes”. Há, no município mais de 100 cachoeiras catalogadas.

É notável que as atitudes discriminatórias, que até recentemente eram bastante perceptíveis, parecem estar perdendo seu impulso. Uma das evidências que apoiam essa hipótese foi nossa pesquisa de TCC realizada em 2016, que serviu como inspiração para esta dissertação. Dela participaram 15 jovens descendentes de ucranianos residentes na área urbana, os quais revelaram crenças e atitudes frente a sua língua de herança surpreendentemente positivas.

Acreditando que, além de todos esses fatores externos, a manutenção e a mudança de uma língua ocorrem como consequência de escolhas individuais (influenciadas pelo ambiente social) que resultam em um impacto coletivo na língua, este trabalho tem como **objetivo principal** ampliar o estudo supracitado e investigar as crenças e as atitudes dos jovens descendentes de ucranianos da área urbana e da rural frente à língua ucraniana e a sua manutenção em Prudentópolis. Para isso delimitamos os nossos **objetivos específicos**, conforme segue:

- c) Descrever brevemente a história da imigração e da língua ucraniana.  
Quem são os ucranianos e por que se instalaram no Brasil? Que língua é essa trazida por eles?
- d) Explorar os domínios de uso da língua ucraniana por jovens descendentes de ucranianos residentes nas áreas urbanas e rurais de Prudentópolis.  
Onde e com quem a língua ucraniana é mais utilizada?
- e) Investigar as crenças e atitudes dos jovens descendentes de ucranianos frente à variedade da língua ucraniana falada em Prudentópolis e a sua manutenção dentro das variáveis local de residência e sexo.  
As crenças e atitudes são as mesmas entre os jovens que vivem na área urbana e na rural? Há alguma influência da variável sexo nos resultados?
- f) Avaliar os reflexos das crenças e atitudes dos jovens para a manutenção ou não da língua ucraniana.

Que fatores, segundo os entrevistados, são tidos como importantes para a manutenção da língua ucraniana? Esses jovens estão mais propensos à manutenção/transmissão ou ao abandono da língua?

As principais **hipóteses** desta pesquisa são: a) as atitudes dos informantes serão positivas com relação à variedade falada em Prudentópolis, apesar de não utilizá-la em muitos domínios, exceto na família e na igreja. b) Variáveis sociais, como local de residência e sexo, afetam a escolha pelo uso da língua.

O *corpus* deste trabalho é constituído a partir de resultados obtidos pela pesquisadora por meio de questionários e observações indiretas. Dele participaram 40 informantes, sendo 20 deles residentes na área rural – 10 do sexo masculino e 10 do feminino e 20 na área urbana – 10 do sexo masculino e 10 do feminino.

Esta dissertação está dividida em cinco capítulos. O primeiro traça um breve histórico acerca do povo ucraniano, os motivos que levaram à imigração, os interesses do governo brasileiro na vinda de imigrantes e, finalmente, seu estabelecimento no município de Prudentópolis. O segundo trata das origens e do desenvolvimento da língua ucraniana. O terceiro apresenta a revisão de literatura. O quarto capítulo trata da metodologia utilizada nesta pesquisa, descrevendo sua natureza, seus participantes, instrumentos de coleta empregados e os procedimentos para análise. O quinto capítulo traz os resultados e a análise dos dados obtidos. Por fim, são apresentadas as considerações finais, as referências e anexos da pesquisa.

## 1. A IMIGRAÇÃO UCRANIANA

### *Para o Brasil*

(...)

*Todos de ti arrancavam quinhões:*

*Nobres polonos e agentes teutões.*

*Inda no Mar – que te aguarda por lá?*

*Ou no Brasil, ou no tal Paraná?*

*Que paraíso se abre-te mais*

*No Espírito Santo ou em Minas Gerais?*

Ivan Franko<sup>2</sup>

Antes de tratarmos do objetivo principal deste estudo, que são as crenças e atitudes linguísticas, consideramos de suma importância apresentar brevemente os principais momentos da história do povo ucraniano. Este capítulo tem, portanto, a finalidade de traçar a história deste grupo étnico que se instalou em terras brasileiras há mais de 120 anos, os motivos que os levaram a abandonar seu país, os interesses do governo brasileiro em recebê-los e contextualizar sua organização no local de destino – a cidade de Prudentópolis, no Paraná.

### 1.1 O desenvolvimento histórico da Ucrânia

Estabelecer o início exato da formação da história do povo ucraniano é uma árdua tarefa. Como se trata de uma época muito remota, as poucas evidências e fontes arqueológicas disponíveis estão abertas a uma variedade de interpretações e a ausência de dados concretos se apresenta como o principal empecilho.

A maioria dos historiadores, segundo Burko (1963), defende que as origens do povo ucraniano se deram por volta do séc. III (a. C.), durante a “Cultura de Trypil” também chamada de “Cultura da cerâmica pintada”. Outros acreditam que foram os Cítas, povos nômades oriundos da Ásia, os primeiros a se estabelecerem na região no século VIII (a. C.), dando origem aos Eslavos. De acordo com Lanovik e Lazarovich (2001), com base em historiadores bizantinos, sabe-se que, a partir do século VI, havia dois grandes grupos habitando o sul da Europa: Os Esclavenos (na parte ocidental) e os Antes (na oriental), sendo os Antes, portanto, considerados como os antepassados do povo ucraniano. Ogliari (1999) cita que há também referências sobre as dinastias reinantes no principado de Kiev como sendo de origem normanda, escandinava e dos

<sup>2</sup> A versão original do poema foi escrita em língua ucraniana por Ivan Franko. A versão em língua portuguesa é de Emilio Gaudeda.

antigos viquingues. Até o século VII os Eslavos orientais se concentravam na margem direita do Dnieper, posteriormente espalharam-se em diversas tribos e passaram a habitar as terras da Ucrânia, Rússia e Bielorrússia. Uma das características de organização política naquela época era a formação de alianças tribais, as quais se fortaleceram e se consolidaram como estados e organizaram-se em principados.

A partir do século VII, formou-se o primeiro Estado Eslovo Oriental, que se estendia desde os Montes Cárpatos até o Rio Volga, chamado Principado de Kiev ou Rus de Kiev. O objetivo de sua formação, segundo Ramos (2006), era fortalecer um grupo de sete tribos eslavas que, ao se unificarem, passaram a ter grande influência política e econômica na Europa. De acordo com Lanovik e Lazarovich (2001), seu desenvolvimento socioeconômico e cultural e força militar o colocavam em um nível avançado na Europa medieval.

Depois de ter vivido sua era hegemônica, como aponta Ramos (2012), a partir do século XII, o Estado de Kiev começa a decair. Quando a capital é tomada pelas hordas Mongóis, o território termina por se desintegrar em entidades separadas, fazendo com que a vida política e cultural ucraniana fosse transferida para a faixa mais ocidental de seus domínios, mais precisamente para a região da Galícia e Volynia, territórios que foram posteriormente fundidos, dando origem ao reino da Galícia-Volynia.

De acordo com Subtelny (2009), no século XIV, as terras ucranianas sofreram um grande declínio político, econômico e cultural, enquanto seus vizinhos Lituânia, Polônia e Moscou estavam em ascensão. Entre os primeiros a tirar proveito das oportunidades que se acenavam foram os lituanos, os quais ocuparam grande parte do território naquele período, inclusive a cidade de Kiev. Entretanto, apesar das vantagens lituanas, foi a expansão polonesa que exerceria o impacto mais duradouro e extenso sobre os ucranianos. A aquisição da região da Galícia e parte de Volynia por Casimiro – o Grande (1310-1370) ocasionou a subordinação dos ucranianos a uma cultura e especialmente a uma religião diferente, o que mais tarde evoluiu em um conflito étnico, religioso e social que durou cerca de 600 anos.

As ameaças dos vizinhos sobre as terras conquistadas incitaram os dirigentes poloneses e lituanos a reconhecer que partilhavam interesses comuns. Assim, em 1569, por meio da União de Lublin, criou-se a Comunidade Polaco-Lituana. Segundo Burko (1963), com essa união, a Polônia adquiriu o direito de todas as terras que antes pertenciam à Ucrânia e exerceu sobre elas a política de polarização e opressão, introduzindo entre os camponeses uma escravidão até então desconhecida.

Subtelny (2009) afirma que, depois do declínio do reino da Galícia-Volynia, os ucranianos, que até então controlavam seu próprio destino e influenciavam seus vizinhos, passaram por uma transformação até hoje irreversível.

Daí em diante, as terras ucranianas já não formariam o núcleo de importantes entidades políticas e, exceto por alguns breves momentos de autoafirmação, o destino dos habitantes da Ucrânia seria decidido em capitais distantes, como Varsóvia, Moscou ou Viena. Também em termos culturais e econômicos, o estado da Ucrânia declinaría para uma importante, mas periférica província, cujas elites se identificavam com culturas e sistemas políticos estrangeiros. Não eram mais dominantes, mas dominados. Os nativos da Ucrânia teriam de lutar não só pela sua autodeterminação política, mas também pela sua existência como uma entidade étnica e nacional distinta. Este esforço permanece até hoje um dos principais temas da história ucraniana. (SUBTELNY 2009, p. 69. Tradução nossa).<sup>3</sup>

Mesmo depois da União Polaco - Lituana, as invasões de tártaro-mongóis continuavam devastando as terras ucranianas, e, de acordo com Burko (1963), nem a Lituânia tampouco a Polônia estava em condições de protegê-las. Foi nesse período que a Nação Rutena levantou-se em autodefesa, dando início à era Cossaca. Os Cossacos (*Kozaky*) eram homens que desejavam a vida livre e independente e se organizaram nas estepes do baixo Dnipro, onde em 1552 construíram sua fortaleza denominada *Zaporoz'ka Sitch*. “Esses corajosos cossacos estavam preparados para guerrear contra qualquer inimigo, fosse ele polonês, moscovita, tártaro ou turco” (p. 27). Segundo Subtelny (2009), à medida que os cossacos aprimoravam suas habilidades militares e organizacionais e conquistavam vitórias impressionantes contra os turcos e tártaros, passaram a ser vistos não apenas como defensores contra muçulmanos, mas também como força contra a opressão polonesa. Eles eram os responsáveis pela resolução de questões centrais na vida ucraniana, recuperando assim a liderança que haviam perdido, com o resultado da “polonização”. Ogliari, 1999 (p. 44) ressalta que “a maior parte do folclore ucraniano como danças, canções, crônicas, lendas, competições artísticas, trajes folclóricos, instrumentos musicais (por exemplo, a bandura), comidas e bordados, originou-se na era dos Cossacos, ou dela são heranças”.

---

<sup>3</sup> Henceforth, Ukrainian lands would no longer form the core of important political entities and, except for a few brief moments of self-assertion, the fate of Ukraine's inhabitants would be decided in far-off capitals such as Warsaw, Moscow, or Vienna. In cultural and economic terms as well, the status of Ukraine would decline to that of an important but peripheral province whose elites identified with foreign cultures and political systems. No longer dominant but dominated, the natives of Ukraine would have to struggle not only for their political selfdetermination but also for their existence as a separate ethnic and national entity. This effort became - and remains to this day one of the major themes of Ukrainian history.”

De acordo com Ramos (2006), em meados do século XVII, os Cossacos ucranianos conseguiram derrotar os poloneses e estabeleceram sua independência, que teve curta duração por conta das dificuldades do recém-formado estado em manter sua soberania. Após a guerra que se seguiu entre Polônia e Rússia, o *Czar* de Moscou, que ajudava a salvaguardar o território ucraniano, segundo as declarações do Tratado de *Pereyaslav* (1654), assinou um acordo com os poloneses (em 1667) resultando em uma nova partilha das terras independentes. Entretanto, segundo (Burko, 1963), as liquidações finais do estado ucraniano ocorreram apenas em 1775, durante o reinado de Catarina II, quando a *Zaporoz'ka Sitch* foi destruída pelo exército russo.

Nos anos de 1762, 1793 e 1795 houve três partições do território polonês. Na terceira a Polônia foi desmembrada entre os impérios Austríaco, Prussiano e Russo e deixou de existir como país independente. As terras ucranianas que estavam sob o seu domínio passaram em grande parte ao controle da Rússia, enquanto os Habsburgos (Áustria) ficaram com a parte ocidental, a Galícia e a Bukovyna (BURKO, 1963).

Somente no século XX, com o resultado da Revolução Russa e o colapso dos Impérios Russo e Austríaco após a Primeira Grande Guerra, surgiram movimentos nacionalistas em prol da independência da Ucrânia. De acordo com Burko (1963), no dia 22 de Janeiro de 1918 foi criada a “República Nacional Ucraniana”, a qual não teve vida duradora, pois em 1922 foi incorporada à União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS). Sua independência finalmente se deu em 24 de agosto de 1991, após o colapso da União. Quando Burko escreveu seu livro “A imigração ucraniana para o Brasil”, em 1963, a conquista da independência não se fazia previsível,

Pensa-se, não raro, que a Ucrânia não seja senão uma província russa, formando um todo orgânico com o Estado Soviético, e o povo ucraniano um ramo da grande nação russa, assim como os bávaros e os saxões são ramos de um só povo, que é o germânico. Até hoje não se esmaecem de todo algumas opiniões segundo as quais a Ucrânia e os ucranianos são nada mais que uma expressão geográfica, criação política e polêmica, tão recente quão fictícia [...] (BURKO, 1963, p. 15).

Entretanto, como contesta o próprio autor, um povo de quase 50 milhões de habitantes, que resistiu a assimilações durante séculos defendendo seu ideal pátrio, não pode ser considerado apenas uma “expressão geográfica”.

Mesmo depois de ter conseguido sua soberania, os conflitos envolvendo as fronteiras geográficas da jovem nação ucraniana são constantes até os dias de hoje. Estes são reflexos da dominação e influência russa, principalmente durante a Era



estrangeira e a luta contra ela é o tema primordial em sua história” (SUBTELNY, 2009, p. 5.). De acordo com Himka (1988), a região da Galícia foi adquirida pela Áustria em 1772, resultado da primeira divisão da Polônia. Já Bukovyna fazia parte do estado vassalo Otomano da Moldávia até a ocupação da Áustria em 1774 e a anexação ao seu território em 1787.

Nos anos que antecederam a emigração, a servidão e a exploração eram um fato cotidiano nas vidas daquelas pessoas. “Uma palavra resume as condições do ucraniano que habitava as áreas do império Habsburgo: pobreza” (SUBTELNY, 2009, p. 213).

Apesar de emancipação da servidão em 1848, a massa do campesinato permaneceu pobre, oprimida e explorada. Os aluguéis das terras e os preços da madeira eram altos, mas os salários eram baixos. As fazendas eram pequenas e muitas vezes fragmentadas. Na Galícia quase metade de todas as terras arrendadas pelos camponeses consistia em menos de dois hectares, quando cerca de cinco eram necessários para alcançar a autossuficiência. [...] Em Bukovyna a situação era pior (LEHR, 1991, p. 31. Tradução nossa).<sup>4</sup>

Além disso, no final do século XIX, ocorre nesta região um aumento populacional expressivo. Subtelny (2009) explica que, como a maioria dos ucranianos vivia no campo, a explosão demográfica se tornou ainda mais evidente. Em 1890 havia quase o dobro de habitantes por acre de terra arável do que em 1860, o que fez dessa região uma das mais densamente povoadas da Europa. As consequências da superpopulação se refletiram no aumento dos preços das terras e no desemprego. “Do ponto de vista do camponês, no entanto, a principal razão dos seus problemas não era a falta de dinheiro, mas a falta de terra arável. Era, afinal, possível sobreviver sem dinheiro, porém, como uma pessoa poderia sobreviver sem terra?” (SUBTELNY, 2009, p. 261).

Entretanto, apesar das condições serem penosas de maneira geral, havia aqueles que se saíam melhores que outros. Subtelny (2009) explica que havia nas aldeias certa hierarquia na qual uma pequena parcela do campesinato, que tinha uma condição de vida um pouco melhor e se sobressaía aos demais, era chamada de *kulaks*; os que conseguiam certa autossuficiência eram considerados “classe média” e chamados de

---

<sup>4</sup> Despite emancipation from serfdom in 1848, the mass of the peasantry remained poor, oppressed, and exploited. Land rents and prices for timber were high, but wages for labour were low. Farms were small and often fragmented. In Galicia almost half of all peasant holdings consisted of fewer than two hectares at a time when about five hectares were necessary to achieve self-sufficiency. [...] In Bukovyna the situation was worse.

*seredniaky*; e a maioria, cerca de 50%, consistia de camponeses pobres chamados de *bidniaky*, os quais não possuíam nada além de sua força braçal e se viam obrigados a trabalhar para os nobres ou para os camponeses mais ricos, em alguns casos gratuitamente, em troca apenas de um pedaço de terra para lavar.

Como o campesinato dava valor primordial ao trabalho físico, não havia muito interesse ou tempo para os estudos e o quadro de analfabetismo era muito grande nesta região do Império Austro-Húngaro. Apesar de a educação ter se tornado compulsória em 1869, Andreazza (1996) afirma que em 1880 somente 17,3% dos homens e 10,3% das mulheres tinham domínio da leitura e da escrita. Mesmo assim, a coroa austríaca permitiu a proliferação de escolas, jornais e associações. Um papel de destaque teve a fundação da Sociedade *Prosvita*, que promovia a educação e até mesmo a alfabetização dos camponeses.

Quando os boatos sobre a possibilidade de imigração chegaram até as aldeias no final do século XIX, a atitude era de desconfiança e incerteza, uma vez que, para os camponeses, a existência de um mundo sem senhores era de difícil concepção, pois “seus ancestrais ocupavam posições servis há inúmeras gerações e a concepção de um mundo dividido entre servos e senhores era naturalizada entre eles” (GUÉRIOS, 2007, p. 35).

A Sociedade dos Amigos da Cultura Ucrâniana (1981) relata que o governo brasileiro iniciou a grande ação imigratória no final do século XIX, cobrindo os custos das passagens e a alimentação dos interessados e deixou a arregimentação por conta das companhias de navegação marítima. A ação dos agentes no desenvolvimento de uma intensa propaganda imigratória foi essencial para a decisão dos camponeses de migrar. Iludir e manipular os colonos ingênuos e na sua maioria analfabetos com falsas promessas não era uma missão custosa.

“Agentes” espalhavam pela Europa artigos, livretos e comunicados sobre as condições oferecidas pelo Brasil. Nos países eslavos, tais agentes encontraram campo dos mais propícios para sua atuação, e a propaganda decaía em lamentáveis excessos, que exploravam a credulidade do camponês. (BORUSZENKO, 1995, p. 08).

Guérios (2007) explica que o ganho das companhias estava atrelado ao número de pessoas conduzidas até o Brasil. Sendo assim, a missão desses agentes, impulsionados pelo lucro fácil e elevado, era aliciar o maior número possível de clientes para o transporte.

Por pessoa acima de 12 anos de idade, posta no Rio de Janeiro, pagava-se um preço muito elevado – 75 mil-réis, equivalentes a 170 francos franceses ou 150 marcos prussianos ou 85 rublos russos ou 170 coroas austríacas. Pelos de menor idade, de 8 a 12 anos, pagava a metade, e por crianças, a quarta parte do preço. (SOCIEDADE DOS AMIGOS DA CULTURA UCRANIANA, 1981. p. 09).

Com a chegada dos ucranianos ao Brasil, as ilusões e as mentiras contadas pelos agentes caíram por terra. De acordo com Gerus; Rea (1985, p. 5), as cartas angustiantes recebidas do Brasil, relatando as condições desesperadoras aqui encontradas, causaram preocupações entre a inteligência ucraniana com relação à chamada “febre brasileira” e incitaram Josef Oleskiv, um intelectual de origem rutena e professor de agricultura de Lviv, a estudar destinos alternativos. Segundo Guérios (2007), Oleskiv veio ao Brasil em 1885 para conhecer as instalações de seus conterrâneos e afirmou:

Se alguém me pedisse para descrever em uma palavra o que o Brasil significa para os nossos emigrantes, essa palavra seria sepultura. Não apenas uma sepultura para suas esperanças de um futuro melhor, mas também uma sepultura no sentido literal. Estou certo de que todos os que seguiram e pesarem cuidadosamente os fatos conforme eu os descrevo aqui, palavra por palavra vão chegar à mesma conclusão [...] (MORSKI, 2000, *apud* GUÉRIOS 2007, p. 51).

Subtelny (2009) classifica os imigrantes que partiram para o novo mundo antes da primeira guerra mundial em duas categorias: na primeira, estão aqueles que procuravam trabalho temporário e tinham a intenção de voltar para casa. Na segunda, enquadram-se aqueles que abandonavam suas aldeias com a intenção de seguir a vida em outro país. O primeiro grupo era constituído principalmente de homens jovens e solteiros, que optaram pelo trabalho nas fábricas americanas, onde inicialmente planejavam ficar até conseguir dinheiro suficiente para retornar às suas aldeias nativas para comprar terra ou construir suas casas. Entretanto, vendo maiores perspectivas no novo país, decidiam ficar. As mulheres juntaram-se a eles fazendo surgir comunidades ucranianas em vários centros urbanos no nordeste dos Estados Unidos. O outro grupo, ao contrário, partiu permanentemente com sua família em busca de terras baratas e disponíveis, as quais se localizavam em regiões remotas do Brasil e do Canadá. “Esses imigrantes enfrentaram uma luta árdua e solitária contra a natureza” (p. 539).

Burko (1963) chama a atenção para a terminologia utilizada para se referir aos imigrantes e ao povo ucraniano de modo geral. O autor esclarece que a mais antiga e fundamental dominação da Ucrânia e dos ucranianos sempre foi “Rus”, “Russen”,

“Ruskyi”. O Estado de Kiev era conhecido sob o nome de “Rus”, enquanto o estado moscovita recebeu o nome de sua capital, Moscou, até o século XII. Porém, durante o reinado do Tzar Pedro I (1572 – 1725), o estado moscovita substituiu oficialmente o seu nome para Rússia – Rússia. Por conta disso, os ucranianos tiveram de renunciar ao seu nome histórico, “Rus”, adotando o nome “Ucrânia”, que, de acordo com autor, já era utilizado esporadicamente desde o início do século XII.

Quando a imigração teve início, como aponta Lehr (1991), os ucranianos nos territórios austríacos da Galícia e Bukovyna eram austríacos por nacionalidade embora etnicamente ucranianos. A *intelligentsia* nacionalista promovia o uso do termo "ucranianos", mas a denominação *Malo Rus* (Pequena Rus) era mais popularmente usada. Outra denominação geográfica utilizada para referir-se aos ucranianos no território austríaco era “Ruthenia” que, segundo Ogliari (1999), é a versão latinizada do termo “Rus”. Esses termos, de acordo com Lehr (2011), abrangiam outras distinções mais específicas: regionalmente os ucranianos se identificavam como *halychyny* ou *bukovyntsy* - galicianos e bucovynos - e etnograficamente se distinguiam como *lemkky*, *boyky* ou *hutsuly*. Essa segmentação ocorria por conta da inexistência, na época, de uma ideia de nação ucraniana, pois, de acordo com o autor, a maioria das pessoas se identificava com sua família, parentes, aldeia ou distrito em vez de um conceito nacional mais amplo.

### 1.2.3 Os interesses brasileiros na imigração

De acordo com Marochi, 2006, *apud* KOVALSKI, 2015, p. 107, no período entre 1830 e 1930, mais de cinquenta milhões de pessoas deixaram a Europa e se estabeleceram na América, como consequência das transformações vividas naquele continente, as quais condicionaram a formação de uma “Europa expulsora”, enquanto o governo brasileiro abria suas portas para os imigrantes, visando atrair colonos para suprir carências de ordem geopolítica. Para Seniuk; Skavronski (2014),

[...] o Brasil pensava, acima de tudo, em alternativas para resolver alguns problemas que poderiam atrasar sua expansão e seu estabelecimento no mercado mundial enquanto buscava afirmar a sua nacionalidade. Esses fatores geopolíticos, como a possibilidade de perder os territórios sulistas para os países vizinhos, mercadológicos, pensando no abastecimento do mercado local, estratégicos ao colonizar os vazios demográficos e a necessidade da criação de um exército para uma futura precaução, bem como tecnológicos, ao permitir que os imigrantes trouxessem conhecimentos e técnicas novas de cultivo, eram evidenciados nesse contexto. A abolição da escravatura também fora um fator decisivo, já que a mão de obra era

necessária para os cafezais brasileiros. (SENIUK; SKAVRONSKI (2014, p. 83).

O direcionamento dos ucranianos para o sul, mais especificamente para o Paraná, aconteceu, como ressalta Kovalski (2015), porque, após a abolição da escravidão, houve uma severa crise de abastecimento na província, o que levou o governo imperial à adoção do Decreto nº 1.318, de 30 de janeiro de 1854 o qual, ao contrário da Lei das Terras de 1850, favorecia a entrada de qualquer imigrante independentemente de sua nacionalidade. Dentro dessa perspectiva, “o imigrante desejado era o agricultor, colono e artesão que aceitasse viver em colônias, e não o aventureiro que vivesse nas cidades” (OLIVEIRA, 2002, p. 13). Segundo o autor, o imigrante também teria o papel de contribuir para o branqueamento da população.

A falta de dados confiáveis sobre a imigração torna difícil estabelecer o número exato de pessoas que emigraram, porém, estima-se, segundo Gerus; Rea (1985), que entre 1870 e 1914 uma média de 600 mil ucranianos deixou o Império Austro- Húngaro e se estabeleceu na América do Norte (nos Estados Unidos e Canadá) e a parcela mais pobre deste grupo veio para a América do Sul, principalmente ao Brasil e à Argentina. Como o governo brasileiro cobria os custos da viagem, vários autores sustentam a afirmação de que os colonos com menos recursos optaram pela vinda ao Brasil. Segundo Lehr (1991), ao contrário do Brasil, o Canadá exigia que o camponês pagasse a passagem da sua família e a própria, por isso os emigrantes para o Canadá estavam entre os camponeses mais bem sucedidos e eram caracterizados como moderadamente ricos, livres de dívidas, proprietários de terras, etc.

Tanto Boruszenko (1995) quanto Burko (1963) também ressaltam a existência de problemas críticos quanto aos dados estatísticos precisos da corrente imigratória no Brasil, devido à falta de documentação histórica, já que são poucos os documentos arquivados, falha nos registros nos portos e a falta de precisão dos censos oficiais. Porém, uma das principais razões dessa imprecisão resultou das divisões geográficas na Europa, que dificultaram a identificação da origem dos imigrantes, já que eles entravam no país com passaporte do governo ao qual estavam submetidos.

O ano de 1891 foi, de acordo com Boruszenko (1995), o ano em que se registrou a chegada das primeiras oito famílias de imigrantes ucranianos no Brasil, que saíram da cidade de Zolotiv e se instalaram na cidade de Mallet, no Paraná, abrindo caminho para a imigração em massa que ocorreu poucos anos depois, durante a chamada “febre

brasileira”. Porém, a primeira grande leva de imigrantes ocorreu somente entre 1895 e 1896, vinda da região da Galícia e Bukovina. Boruszenko (1995) estima que mais de cinco mil famílias de agricultores ucranianos entraram no estado do Paraná nesse período. Cerca de 15.000 pessoas, segundo Burko (1963), desembarcaram nos portos de Paranaguá e Santos, na sua maioria com destino a Curitiba, Prudentópolis e Mallet. Boruszenko (1995) afirma que, entre os anos de 1908 e 1914, deu-se uma nova entrada maciça de imigrantes ucranianos, provenientes principalmente da Galícia e a motivação foi o emprego na construção da estrada de ferro entre São Paulo e o Rio Grande do Sul. Nesse período, chegaram 18.500 imigrantes. A autora calcula que, até o final da Primeira Grande Guerra, o número de imigrantes ucranianos no Brasil era de 45000 pessoas. Entre as duas grandes guerras, ingressaram mais 9000, aproximadamente. Após a Segunda Grande Guerra, houve a última entrada maciça de imigrantes ucranianos no Brasil. Deste grupo, segundo Boruszenko (1995), aproximadamente 7000 pessoas, entre operários, prisioneiros de guerra, refugiados e soldados se estabeleceram no Paraná neste período.

#### **1.2.4 O destino: Prudentópolis**

Os ucranianos não foram os primeiros habitantes de Prudentópolis. Segundo Ogliari (1999), há registros de que milhares de índios, camés, vitorões, chocrens, curutons, xaclans, guarapiabas, pertencentes à nação dos coroados, habitavam a região. Há também relatos da passagem dos espanhóis, dos Jesuítas e, por fim, dos bandeirantes paulistas, que vieram com o intuito de combater o avanço espanhol em terras consideradas portuguesas. Portanto, como sugere a autora, “os primeiros moradores do território prudentopolitano foram os índios (mais de 2.000), seguidos por líderes civis e religiosos espanhóis” (OGLIARI, 1999, p. 71).

Ainda de acordo com Ogliari (1999), o início da povoação luso-brasileira em Prudentópolis se deu com o estabelecimento da linha telegráfica para Guarapuava, no ano de 1822, tendo como consequência a abertura de uma estrada de rodagem que passaria pelas terras prudentopolitanas, ligaria Guarapuava à região dos Campos Gerais, ao litoral do estado e a São Paulo e atrairia moradores para a região. Uma das primeiras pessoas a adquirir a posse das terras e residir no município desde meados do século XIX foi um descendente de bandeirantes chamado Firmo Mendes de Queiroz. Mais tarde formou-se um povoado de aproximadamente 40 famílias, que passou a ser conhecido como Vilinha, enquanto a região era denominada São João do Rio Claro. O Barão de

Capanema, que veio dirigir os serviços da construção da linha telegráfica e fiscalizar a construção da estrada de rodagem fez uma visita a Firmo Mendes de Queiroz e prometeu enviar imigrantes para colonizar a região. Como consequência, já na década de 1870, chegaram os primeiros imigrantes europeus. Em homenagem ao amigo, em 1884, Firmo Mendes renomeou São João do Rio Claro para São João do Capanema.

Primeiro vieram os alemães, um grupo pequeno. Foram os que deram origem a essa Igreja Evangélica Luterana de Prudentópolis. Eles se fixaram junto aos demais grupos luso-brasileiros já instalados na região. Eram engenheiros e o objetivo de suas vindas era fazer o levantamento das terras para a criação de áreas para a colonização. Depois dos alemães, veio um grupo um pouco maior de italianos. Fixaram-se no Rio dos Patos, São Pedro e Queimadas, núcleos rurais localizados no sul do Município e próximos da sede urbana municipal. Em seguida chegaram os poloneses. Estes vieram em maior número do que todos os anteriores juntos. O responsável pela vinda dos poloneses a Prudentópolis foi Saporski, grande exportador de erva-mate para a Europa. [...]. (Entrevista n. 3, 1998). Concedida à Ogliari, 1999. p. 73.).

Segundo Burko (1963), os primeiros imigrantes ucranianos chegaram ao núcleo de Prudentópolis em 1896 (cerca de 1500 famílias). Mais tarde, em 1905, somaram-se mais 250 famílias. Até 1906 esse núcleo pertencia ao município de Guarapuava. A lei número 615, de 5 de março de 1906 criou o município, com a denominação de Prudentópolis em homenagem ao então presidente da república Prudente de Moraes. O instituto de Imigração e Colonização, estabelecido da região em 1885, fez o planejamento e metrificação da área urbana e rural da colônia. Para facilitar a administração, a área, de aproximadamente 400 hectares, foi dividida em linhas e contava com aproximadamente 1700 lotes. De acordo com Ogliari (1999), neste planejamento,

ficou estabelecido que cada família de imigrante receberia um lote de 10 alqueires, mediante financiamento feito pelo governo federal, desde que manifestasse desejo de trabalhar na lavoura. O colono se estabelecia, na propriedade que lhe era destinada, por um ano, sem o ônus do terreno, após o qual passava a amortizar a dívida, para receber o título definitivo da propriedade (OGLIARI, 1999, p.75).

Ao chegarem ao seu destino, os imigrantes perceberam que as condições eram totalmente diferentes das que haviam sido propagadas para estimular a imigração. Apesar de haver uma estrutura básica, não era suficiente para atender um número tão expressivo de pessoas.

Desconhecendo por completo a língua do país, tiveram ainda que enfrentar dificuldades de transporte e escassez de gêneros alimentícios de primeira necessidade. Vieram quase desprovidos de recursos, com pouca economia, e já ao desembarcar vinham as primeiras provações. [...] A assistência do Governo limitava-se, pois, ao pagamento de transportes marítimos e terrestres até ao destino definitivo, a uma pequena ajuda financeira nos primeiros dias e a distribuição quase gratuita de lotes para aqueles agricultores que se mostravam capazes e dispostos a cultivá-los (BURKO, 1963, p. 52).

Desta forma, os camponeses se depararam com uma situação ainda mais primitiva do que aquela que eles haviam deixado em seu local de origem. Os recém-chegados ficaram isolados em cabanas enquanto desmatavam e preparavam a propriedade para o plantio. “O resultado do despreparo, do desconhecimento e da falta de infraestrutura elementar de ambas as partes, foram muita fome, desolação, epidemias (tifo, malária), reemigrações, vendas ou doações de filhos, bebedeiras, revoltas, e morte, de até 20 imigrantes ucranianos por dia” (OGLIARI, 1999, p. 76).

Porém, com o tempo, os colonos passaram a se organizar em comunidades e a recriar um estilo de vida semelhante ao das aldeias de origem. Com a ajuda, principalmente de religiosos, preocuparam-se em construir estabelecimentos como igrejas, escolas, hospitais e edifícios públicos. Além disso, a maneira com que as terras foram distribuídas em Prudentópolis favorecia o isolamento e resultaria no retardamento do processo de assimilação cultural, mantendo viva sua língua, tradições e costumes até os dias de hoje.

Embora a imigração ucraniana para estado do Paraná e outras partes do Brasil tenha tido continuidade, como descreve Burushenko (1995), os imigrantes que de fato se fixaram em Prudentópolis fazem parte desta primeira fase. Um número reduzido chegou ao município nos períodos entre e pós-guerras e reemigrou, logo que possível, para outras cidades, estados ou países, pois, como mencionamos anteriormente, não se tratava mais do mesmo perfil de imigrantes que vieram nas primeiras levadas com intuito de adquirir terras e trabalhar na agricultura.

## 2. A LÍNGUA UCRANIANA

*Imigrantes eslavos*  
*Cabeça branca do neto.*  
*Cabeça branca do avô.*  
*Luar noturno e geada,*  
*Que é orvalho da madrugada.*  
*Vão conversando... E se entendem*  
*Numa linguagem difusa:*  
*O mesmo vago sorriso,*  
*A mesma fala confusa.*  
 Helena Kolody.

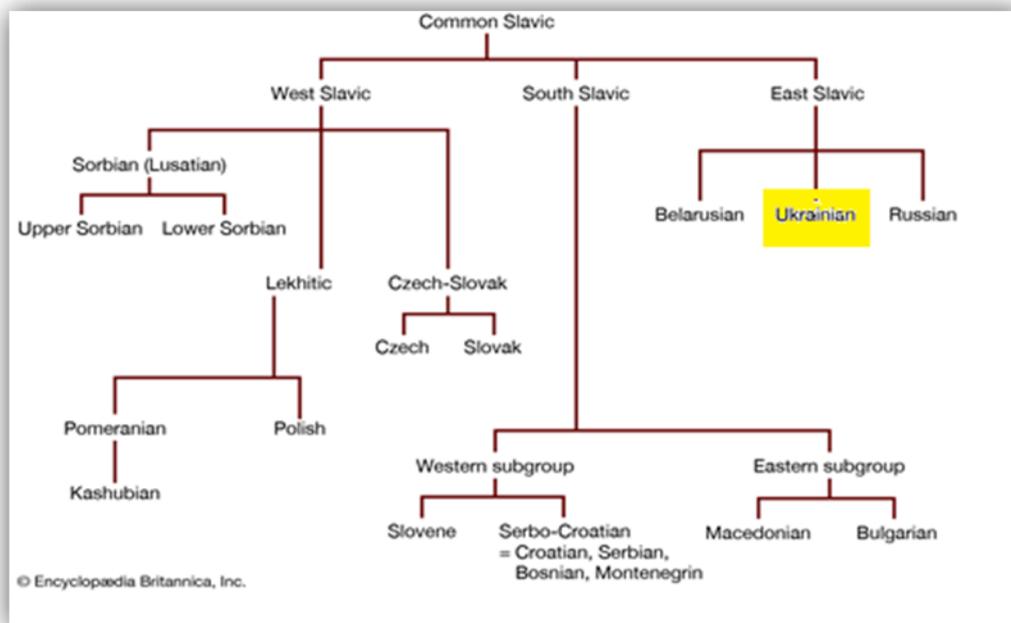
Ao expor uma visão geral acerca da história do povo ucraniano e sua vinda ao Brasil, consideramos relevante tratar da língua ucraniana que é, afinal, o foco desta pesquisa. Neste capítulo, apresentamos as origens da língua ucraniana e seu desenvolvimento em diversas fases históricas, expostas no capítulo anterior, bem como no contexto prudentopolitano.

### 2.1. As origens da língua ucraniana

A família linguística indo-europeia é considerada a maior família linguística existente por conta do número de falantes que possui e a quarta maior pelo número de línguas que incorpora. O ramo eslavo da família linguística indo-europeia consiste de três grupos: O Eslavo Ocidental, Oriental e o Meridional. O nome dos grupos reflete a posição geográfica das áreas e países onde as línguas são faladas. A língua ucraniana encontra-se no grupo eslavo oriental, juntamente com a russa e a bielorrussa (Makarova 2015). Trata-se de três línguas muito próximas, como destacam Mateus; Pereira; Fischer, (2008), pois utilizam o alfabeto cirílico e apresentam alguns dialetos mutuamente compreensíveis.

Para Makarova (2015), embora as línguas eslavas sejam próximas quanto ao vocabulário e à estrutura, a distância entre elas aumenta do leste para o oeste, como podemos visualizar na Figura 2, que ilustra a árvore genealógica da família das línguas eslavas.

Figura 2. Árvore genealógica das línguas eslavas



Fonte: <https://www.britannica.com/topic/West-Slavic-languages>. Acesso 09/01/2018.

Existem vários pontos de vista acerca do desenvolvimento e desmembramento das línguas eslavas e do surgimento da língua ucraniana. Segundo Kryzhanivska (2010), “a origem dos povos eslavos orientais e suas respectivas línguas nos séculos XVIII-XIX não foi estudada a fundo devido à falta de dados científicos (históricos, arqueológicos e linguísticos) suficientes que poderiam ajudar a investigar o estabelecimento dos eslavos ancestrais (Protoeslavos) na Europa [...]” (p. 10. Tradução nossa).<sup>5</sup>

Conforme Ohienko (2004), por volta dos 5000 anos a.C., todos estes povos, atualmente denominados indo-europeus, utilizavam uma língua comum, a qual se convencionou chamar de Proto-indo-européia. Essa língua não era monolítica, pois consistia de grupos dialetais com distinções no vocabulário, fonética e gramática, que aos poucos se desintegraram e posteriormente deram origem a diversas línguas indo-europeias existentes hoje, principalmente na Europa e parte da Ásia. Dentre elas estava uma língua comum para as tribos que habitavam este território – a língua eslava.

<sup>5</sup> Походження східнослов'янських народів та їхніх мов у XVIII—XIX ст. не було ґрунтовно вивчено через відсутність у цей час достатньої кількості наукових (історичних, археологічних, лінгвістичних) фактів, якіб допомогли дослідити питання розселення давніх слов'ян (протослов'ян) у Європі [...].

Entre os muitos dialetos desta língua indo-europeia se encontrava a língua eslava, uma vez que, já nas terras dos ancestrais indo-europeus existia, como uma “unidade” étnica separada, a nação que deu origem ao povo eslavo, no domínio da qual estava também a língua, que se tornou, por assim dizer, a mãe das línguas eslavas (OHLENKO, 2004 p. 34. Tradução nossa).<sup>6</sup>

Ainda de acordo com Ohlenko (2004), a Antiga Era Eslava é comumente dividida em três períodos: 1) Período de desintegração da comunidade linguística Indo-europeia; 2) Período de desenvolvimento; 3) Período de fragmentação em dialetos eslavos distintos. Para o autor, a existência de uma língua eslava comum é um fato inegável, mesmo que sobre ela se saiba pouco.

Kryzhanivska (2010) explica que, no primeiro período (séc. IV – III a. C. final do séc. I a. C.), desenvolveram-se traços que distinguem a língua protoeslava de outras indo-europeias. Já no segundo período (séc. I a. C. – séc. III – V d. C.) ocorreram importantes dispersões dos povos eslavos e apareceram traços dialetais na língua protoeslava que ativaram seu colapso. No último período (Séc. V – VI), acredita-se que tenha ocorrido a desintegração da língua protoeslava em dialetos que, ao longo dos séculos VI – VII, se apresentaram de forma heterogênea em várias regiões, indicando o declínio de um idioma único e o início da formação, com base em seus dialetos, das línguas eslavas modernas. Para Ohlenko (2004), a desintegração das tribos e a transformação dos diversos dialetos em línguas distintas, que acontece a partir do séc. VI, é considerado o marco de uma nova era na história das línguas eslavas, incluindo a ucraniana.

## 2.2 O desenvolvimento da língua ucraniana

Os processos descritos acima traçaram caminho para o surgimento da língua ucraniana. Evidências históricas e arqueológicas sugerem que os eslavos viviam na Europa há séculos e que todos eles, em um passado distante, instituíram-se como uma comunidade étnica e cultural. Embora não haja unidade entre os estudiosos, segundo Kryzhanivska (2010), estudos recentes mostram que o território da Ucrânia contemporânea figura como a pátria ancestral dos eslavos. Pavlenko (2008) acredita que já se pode falar a respeito da união de tribos proto-ucranianas desde o século VI, pois já

---

<sup>6</sup> Серед багатьох говорів цієї індоєвропейської мови була й мова слов'янська, цебто вже на індоєвропейській прабатьківщині існував, як окрема етнічна „одиниця“, і той народ, що дав початок народові слов'янському, а з ним разом існувала й мова, яка стала, так сказати, матір'ю для мов слов'янських.

nos séculos VI-VIII os eslavos orientais possuíam uniões estaduais e tribais e principados territoriais cujos centros importantes eram Kiev, Novgorod, Smolensk, Polatsk, Chernihiv, entre outros.

No século VII com o surgimento no cenário europeu do grande principado, conhecido como a Rus de Kiev<sup>7</sup>, o território ucraniano se torna o centro deste Estado poderoso e prestigioso. Para Pavlenko (2008) “mesmo que a Rus de Kiev tivesse o papel unificador de uma entidade estatal, os povos que viviam em seus domínios não eram um único monólito étnico e linguístico” (p. 20. Tradução nossa)<sup>8</sup>. Entretanto, pode-se afirmar que foi nesse período que se formaram as bases da identidade nacional ucraniana e das demais nações eslavas orientais que surgiram nos séculos subsequentes.

Kryzhanivska (2010) apresenta versões de diferentes estudiosos acerca da periodização da história da língua ucraniana, tais como: Boychuk M. (1957), Shevelov Y. (2002), Karpenko Y. (2006) e Nymchuk V. (2002). Levando em consideração a experiência dos linguistas e certa falta de consenso entre eles, a autora afirma que é possível destacar uma periodização generalizada da história da língua ucraniana, como segue:

- a) Língua Proto-eslava com dialetos da Língua Proto-Eslava Oriental (até o Séc. VII).
- b) Período da Língua Eslava Oriental com dialetos Proto-Ucranianos (Séc. VII-X), ou período Proto-Ucraniano.
- c) Língua Ucraniana Antiga (Séc. XI-XIII) - Neste período formaram-se sinais fonéticos específicos e lexemas característicos da língua ucraniana e permaneceram algumas características morfológicas perdidas por outras línguas eslavas.
- d) Língua Ucraniana Média (XIV - fim do século XVII). Neste período ocorre a formação das principais oposições do sistema fonológico. A língua desse período foi chamada de russa, ucraniana, pequeno russo, língua cossaca e, ocasionalmente, língua lituana.
- e) Nova Língua Ucraniana (início do século XVIII - até a atualidade). Período final de formação de todos os níveis da língua, surgimento da forma literária

---

<sup>7</sup> Também chamado de Rus Kievana, Rus' de Kiev ou Rússia Kievana. Capital política e cultural do Principado. A cidade de Kiev é a capital da Ucrânia atual.

<sup>8</sup> Навіть за об'єднувальної ролі такого державного утворення, як Київська Русь, народи, які жили в ній, не були єдиним етнічним і мовним монолітом.

moderna, fixação de seu nome oficial. Língua que continua se desenvolvendo até os dias atuais.

Kryzhanivska (2010) ressalta a falta de consenso entre os linguistas a respeito da periodização do desenvolvimento da língua ucraniana por se tratar, segundo a autora, de uma questão muito complexa. “A complexidade reside, em primeiro lugar, no número insuficiente de fatos científicos convincentes e datas tardias nos achados escritos e, em segundo lugar, em certa pressão de fatores sócio-políticos que nem sempre contribuem para a objetividade científica” (p. 18. Tradução nossa).<sup>9</sup> Esse desencontro de informações é muito comumente encontrado em estudos de diversas áreas, não só no que concerne à língua. Percebe-se certa hostilidade e desconfiança por parte dos estudiosos ucranianos, principalmente no que diz respeito às produções da Era Soviética.

### 2.3 A escrita cirílica

A língua ucraniana é representada pelo alfabeto Cirílico e deriva, segundo Mateus, Pereira; Fischer (2008), do alfabeto glagolítico, que consistia de uma adaptação do alfabeto medieval grego e incluía alguns caracteres de inspiração hebraica e samaritana.

Segundo Kryzhanivska (2010), a origem da escrita no território dos eslavos orientais não é uma questão completamente resolvida. No entanto, para a maioria dos eslavistas, está associada à adoção do cristianismo e atribuída ao final do século X com base nas "Crônicas de anos passados" - *Повість минулих літ*<sup>10</sup> - que traz referências acerca do desenvolvimento do alfabeto eslavo na Bulgária pelos irmãos missionários bizantinos São Constantino (Cirilo) e São Metódio, com o intuito de traduzir a bíblia e outros livros cristãos para a então língua eslava e assim promover a Ortodoxia.

Para a autora, admitir que escrita nos eslavos orientais originou-se tão tardiamente é questionável, pois o período da Rus de Kiev é caracterizado por uma alta cultura escrita, e até antes dessa época, contatos com outros grandes estados

---

<sup>9</sup> Складність — по перше, у не завжди достатній кількості переконливих наукових фактів, пізній датації писемних пам'яток; по друге, у певному тиску суспільно політичних чинників, які не завжди сприяють науковій об'єктивності.

<sup>10</sup> A obra histórica mais proeminente da Rus de Kiev foi escrita pelo monge Nestor do Mosteiro de Kyiv-Pechersk em 1113, na qual são relatados os eventos que ocorreram na Rus de Kiev até então. Conhecida também como "Crônica de Nestor".

demandavam seu uso no território proto-ucraniano. A autora acredita que, por volta dos séculos VI e VII, com a formação de diversas tribos e a consolidação de laços comerciais e culturais entre eles, já se fazia necessária alguma forma de comunicação escrita. É inegável, porém, que após a adoção do Cristianismo pelo príncipe Volodymir o Grande (Santo Valdomiro) em 988 o sistema de escrita existente foi substituído pelo cirílico. “Após sua introdução oficial como religião do estado, o alfabeto cirílico tornou-se monopolista. Com base nele, ao longo do antigo estado de Kiev, deu-se continuidade ao desenvolvimento da escrita e da alfabetização” (p. 25. Tradução nossa).<sup>11</sup>

De acordo com o artigo 10 da Constituição da Ucrânia, seu idioma oficial é ucraniano, língua do grupo étnico autóctone, que constitui a maioria da população. Mateus, Pereira; Fischer (2008) destacam que o ucraniano está no topo das vinte línguas mais prevalentes do mundo e é falado por cerca de 45 milhões de pessoas, tanto pela população do próprio país quanto de vários outros, inclusive do Brasil.

O alfabeto utilizado atualmente é constituído por trinta e três letras, que podem ser visualizadas na figura 3.

Figura 3. Alfabeto da língua ucraniana

А а	Б б	В в	Г г	Ґ ґ	Д д	Е е	Є є	Ж ж	З з	И и	І і
a	b	v	h	g	d	e	je	ž	z	y	i
[a]	[b]	[v]	[h]	[g]	[d]	[e]	[je]	[ʒ]	[z]	[ɪ]	[i]
Ї ї	Й й	К к	Л л	М м	Н н	О о	П п	Р р	С с	Т т	У у
ji	j	k	l	m	n	o	p	r	s	t	u
[ji]	[j]	[k]	[l]	[m]	[n]	[o]	[p]	[r]	[s]	[t]	[u]
Ф ф	Х х	Ц ц	Ч ч	Ш ш	Щ щ	Ь ь	Ю ю	Я я			
f	x	c	č	š	šč	'	ju	ja			
[f]	[x]	[ts]	[tʃ]	[ʃ]	[ʃtʃ]	[-]	[ju]	[ja]			

Fonte: <http://www.languagesgulper.com/eng/Ukrainian.html>. Acesso 09/01/2018.

Para representar os sons específicos de cada língua eslava que se formou, a grafia cirílica sofreu mudanças significativas como a introdução e adaptação de certos caracteres. Tendo em conta a grande distância entre os alfabetos latino e cirílico, alguns

<sup>11</sup> (...) після офіційного його запровадження як державної релігії кирилична азбука стала монопольною. На її основі по всій старокиївській державі відбувався подальший розвиток писемності, книжності.

países como a Sérvia concebem a romanização da escrita cirílica e utilizam ambos os alfabetos. No caso ucraniano, segundo Syvak et al (2011), a Resolução nº 55 do Gabinete de Ministros da Ucrânia de 27 de janeiro de 2010, regulamenta a transliteração do alfabeto ucraniano para o latino. A escrita romanizada é utilizada como uma ferramenta para apoiar a disseminação da língua, para facilitar a pronúncia e a compreensão e acompanha a cirílica em casos como escrita do nome no passaporte, nomes geográficos, mapas, sinais de trânsito, entre outros.

#### **2.4 A era pós-Rus de Kiev**

A Rus de Kiev se dissolveu no século XIII. Na região oriental do atual território ucraniano sucederam o Estado os principados de Galícia e Volynia que, posteriormente, uniram-se criando um dos mais importantes principados emergentes das ruínas da Rus de Kiev. No século XIV, esses territórios foram absorvidos respectivamente pela Polônia e pela Lituânia. Ohienko (2004) relata que durante esta época a língua ucraniana desenvolveu-se livremente. “No início, a Lituânia, não interferiu na cultura e língua ucraniana, pelo contrário, a Ucrânia, com a sua antiga cultura, ultrapassou consideravelmente a Lituânia e, portanto, começou a influenciá-la significativamente” (OHIENKO p. 67. Tradução nossa)<sup>12</sup>. Na época lituana, as chancelarias governamentais, assim como as episcopais, se desenvolviam com rapidez e a língua literária ucraniana tornou-se progressivamente a língua oficial do Estado lituano, sendo utilizada nas chancelarias, tribunais, atos governamentais, decretos, entre outros.

Após a União de Lublin em 1569 e a formação da Comunidade Polaco-Lituana, grande parte das terras ucranianas ficou sob administração polonesa. No início havia uma atitude favorável das autoridades em relação à língua ucraniana, mas não demorou muito para que uma política assimilacionista ou de polonização fosse implementada. Segundo Burko (1963), com a União de Lublin, a Polônia adquiriu o direito de todas as terras que antes pertenciam aos ucranianos e, desrespeitando as condições previamente estabelecidas, exerceu sobre ela a política de polonização e opressão, introduzindo entre os camponeses uma escravidão até então desconhecida. Ohienko (2004) ressalta que, pouco antes da União, os jesuítas foram admitidos na Polônia e lideraram uma forte ofensiva contra a Igreja Ortodoxa, na época predominante entre os ucranianos, tendo

---

<sup>12</sup> На початку Литва нашої культури й мови не рушила, й це стало основою її політичних стосунків до України. Більше того, Україна своєю старою культурою значно перевищувала Литву, а тому почала помітно впливати на неї.

decidido, a qualquer preço, trazer todos os ortodoxos para o catolicismo e, conseqüentemente, polonizá-los. Mateus, Pereira & Fischer (2008) destacam que o Polaco desempenhou a função de língua franca nas regiões ucraniana e bielorrussa do Reino Polaco e influenciou profundamente a evolução das duas línguas, principalmente no nível lexical. Como consequência desse período, grande parte do léxico da língua ucraniana (e bielorrussa) tem origem polaca.

Segundo Burko (1963), a desintegração do Reino Polaco no século XVIII resultou na divisão da Ucrânia, tal como a conhecemos hoje. A parte ocidental, (Galícia e Bukovyna), passou a pertencer ao Império Austríaco enquanto a oriental ficou para o Império Russo. Durante grande parte do século XIX, as autoridades austríacas favoreceram a cultura polonesa, entretanto, os ucranianos eram relativamente livres para participar de suas próprias atividades culturais na Galícia e em Bukovyna, onde a língua ucraniana era amplamente utilizada na educação e em documentos oficiais. Enquanto isso, na parte oriental o desenvolvimento da língua ucraniana enfrentou graves obstáculos. “Sua divulgação escrita, por exemplo, chegou a ser proibida pelo czar Alexandre II, no final do século XIX” (MATEUS; PEREIRA; FISCHER, 2008, p. 03). Por outro lado, apesar de a supressão por parte da Rússia ter atrasado o desenvolvimento literário da língua ucraniana, houve uma troca constante com a região da Galícia. Nesse período muitas obras foram publicadas sob a Áustria e contrabandeadas para o leste.

Foi justamente destas terras, pertencentes à época ao Império Austro-Húngaro, que saíram as grandes levas de imigrantes com destino ao Brasil e a outros países da América do Sul e do Norte. Himka (1988) destaca que a característica mais marcante da vida dos camponeses da Ucrânia Ocidental neste período era a “mudança” causada pelo surgimento da economia monetária e cultura impressa. Em 1948 a escravidão foi abolida e nos anos subsequentes várias reformas políticas, econômicas e educacionais foram implementadas. Nos anos 60, o movimento nacional ucraniano, até então confinado à inteligência secular nas cidades e ao clero no campo, começou a infiltrar-se entre os camponeses. Foram fundadas sociedades de educação popular como *Prosvita* (1868) e *Ruska besida* (1869) e *Sociedade T. Shevchenko* (1873) e diversos clubes de leitura.

Para Himka (1988), durante a servidão, os camponeses foram mantidos ignorantes deliberadamente e preservavam uma cultura quase exclusivamente oral até serem incorporados à cultura impressa através do sistema escolar estabelecido no final

dos anos 1860. Já em 1880, pelo menos metade das crianças na Galícia e Bukovyna frequentava a escola. Clubes de leitura existiam em praticamente cada aldeia da Ucrânia ocidental e até 1914 a vasta maioria dos jovens camponeses podia ler.

Segundo o autor, já em 1848 havia surgido o primeiro periódico em língua ucraniana, mas acabou não prosperando. A imprensa ucraniana ressurgiu na Galícia com o jornal *Slovo* em 1861, *Bukovyna* (1870) em Bukovyna, *Batkivschyna* (1879 - 96) e *Svoboda* (1896 -1939) em Lviv, *Ruska rada* (1898 -1908) e *Chytalnia* (1911- 1913) em Chernivtsi. Todas essas publicações eram voltadas aos clubes de leitura e aos camponeses recém-alfabetizados.

Posto isso, Himka (1988) critica a visão de certos historiadores que adjetivam os imigrantes ucranianos como primitivos, atrasados, analfabetos. Referindo-se à situação canadense, afirma que, enquanto o Canadá de maneira geral era mais “moderno” que a Ucrânia ocidental, o lugar para onde os imigrantes foram destinados não era. Para o autor, eles foram mergulhados em uma situação econômica ainda mais atrasada do que a que eles haviam deixado para trás, pois ficaram inicialmente isolados em cabanas primitivas que construíram enquanto desmatavam e preparavam a propriedade para o plantio nas regiões selvagens e geladas das pradarias canadenses. Sem conhecimento prévio da língua inglesa, ficaram também excluídos da cultura impressa. Com exceção do clima, os imigrantes que vieram ao Brasil se depararam com um cenário semelhante, já descrito no primeiro capítulo.

Somente no século XX, como resultado da Revolução Russa e o colapso dos Impérios Russo e Austríaco após a Primeira Grande Guerra, a Ucrânia conheceu um curto período de independência. Essa independência, no entanto, durou pouco tempo e em 1922 o país foi, mais uma vez, dividido após a Guerra Polaco-Soviética. Ao assinarem a Paz de Riga, a Polônia incorporou parte das terras ocidentais enquanto a parte oriental uniu-se à União Soviética. A invasão Soviética na Polónia, em 1939, resultou na ocupação final de todo o território ucraniano.

## **2.5 O lugar da língua ucraniana no Estado Soviético**

Segundo Ohienko (2004), a história da língua ucraniana sob o domínio soviético pode ser subdividida em três períodos: 1 - “Russificação” (1917-1923). 2 - “Ucrainização” (1923-1933) e 3 - “Comunização” (1933 - aos nossos dias).

De acordo com Smal-Stotsky (1969), a de-russificação da Ucrânia começou com a revolução de 1917. Yavorska (2014) relata que, em 22 de janeiro de 1918, quando a

União Popular do Ucrânia independente foi proclamada República, sua constituição foi escrita em ucraniano. Entretanto, a atitude em relação a ela não foi a mesma por parte de autoridades administrativas locais e rurais. Enquanto nos meios rurais buscava-se estabelecer a língua ucraniana, nos meios urbanos predominava a língua russa.

O status da língua ucraniana nas cidades continuou a ser formal: quase todas as escolas utilizavam a língua russa, a língua ucraniana não era ensinada nem mesmo como disciplina escolar, o que inevitavelmente levou a um contraste entre a cidade e o campo; a língua ucraniana era considerada algo desnecessário, secundário e, em geral, puramente "doméstico", não se via uma necessidade especial em estudá-la. (YAVORSKA, 2014, p.6. Tradução nossa).<sup>13</sup>

Entretanto, o renascimento de um Estado ucraniano foi interrompido com a ocupação pelas tropas soviéticas em 1919-1920, dividindo ainda mais a sociedade ucraniana em campos de hostilidade, moldando uma situação cultural e ideológica complexa e contraditória. Segundo Boiko (2002), a implementação do poder Soviético restaurou a dominação russa na Ucrânia, que se manifestou, em particular, na predominância da língua russa no aparelho estatal, nos documentos oficiais e nos meios de comunicação, enquanto a ucraniana era totalmente negligenciada. Segundo o autor, naquela conjuntura não se cogitava o reconhecimento da língua ucraniana, ao contrário, eram claramente hostis a ela, reproduzindo as antigas políticas da Rússia Tzarista. Em 1919, o jornal *Chervonyy Prapor* relatou: “(...) Não há sequer um folheto em língua ucraniana para o povo ucraniano, nenhum panfleto, nenhum jornal do governo soviético em ucraniano. A língua ucraniana está sendo excluída de todas as esferas, de onde quer que ela esteja (...)” (OHIENKO, 2004 p.143)<sup>14</sup>.

Segundo Ohienko (2004), esta atitude do novo governo bolchevique à cultura e língua ucraniana causou imediatamente fortes protestos e revoltas que se espalharam por toda a Ucrânia, o que obrigou as autoridades a mudar seu posicionamento, pelo menos superficialmente. Conforme Boiko (2002), em clima de hostilidade, em 22 de novembro de 1922, no "Código de Leis sobre Educação Nacional na República Socialista Soviética da Ucrânia", reconheceu-se o significado nacional da língua

<sup>13</sup> Статус української мови у містах і далі залишався формальним: майже всі школи були російськомовні, українська мова не викладалася навіть як предмет, що неминуче призвело до контрасту між містом і селом, українська мова вважалася чимось непотрібним, другорядним і взагалі суто “побутовим” надбанням, у вивченні її не бачили особливої потреби.

<sup>14</sup> Ні одної листівки українською мовою для українського населення, ні одної брошури, ні одної газети радянської влади українською мовою. Українська мова виганяється звідусюди, де б тільки вона не була.

ucraniana e que ela deveria ser ensinada nas instituições de ensino da República Soviética Ucraniana.

Os bolcheviques, ao planejarem uma nova imagem para o seu país, precisavam transmitir rapidamente suas ideias para os cidadãos do Estado, que falavam mais de cem línguas diferentes e eram em sua maioria analfabetos. Baseados no pressuposto de que o novo regime seria mais bem compreendido e aceito por vários grupos minoritários se funcionasse em suas próprias línguas, iniciou-se uma política de valorização às línguas nacionais, que ficou conhecida como *Коренізація* - "nativização" ou "indigenização" (Pavlenko, 2008).

A Ucrânia foi incorporada à União das Repúblicas Socialistas Soviéticas quando esta foi criada, em dezembro de 1922. A referente política, também implementada na Ucrânia, foi denominada "Ucrainização", ou *Українізація*. O ano de 1923, de acordo com Yavorska (2014), pode ser considerado marco para o início da nova política que abrangeu, se não todas, pelo menos a maioria das esferas da vida social e teve como propósito fortalecer e estabilizar o governo bolchevique por meio da inclusão da língua ucraniana nas escolas, mídia, administração pública, entre outros. Nesse período, 85% da imprensa torna-se ucraniana, os livros também são publicados principalmente em ucraniano, as escolas públicas migram para ensino em língua ucraniana e os departamentos de ensino mais avançados também passam a ser ucranianizados. De acordo com Boiko (2002), a "Ucrainização" teve como intuito eliminar todos os obstáculos ao livre desenvolvimento da língua e da cultura ucraniana e tratar com a maior tolerância e cuidados o direito das massas trabalhadoras de exercer e estudar sua língua nativa.

Segundo Ivanova (2011), nessa primeira etapa de tolerância nacional, houve um aumento dos ucranianos étnicos em postos de funcionamento estatal de influência e controle político (54% na totalidade em 1927), no uso da língua ucraniana no ensino (80% dos colégios e institutos em mais de 60 escolas de formação profissional e mais de 30% nas universidades) e nos meios de comunicação (dos 426 periódicos, 373 se editavam em ucraniano).

Um dos principais aspectos deste período, de acordo com Boiko (2002), foi a instauração de uma série de programas com o propósito de erradicar o analfabetismo. Como resultado, já em 1927, 70% da população ucraniana urbana e 50% da população rural sabiam ler e escrever. Depois de duas décadas de poder soviético, mais de 10

milhões de pessoas saíram da linha do analfabetismo. Em 1939 o número de alfabetizados chegou a quase 85%.

Embora esse período tenha sido de grande desenvolvimento para a língua e a cultura ucraniana, ele não durou muito tempo, já que a regularização das condições do multilinguismo recém-criado acabou se tornando uma ameaça à unificação do Estado Soviético, pois propiciou o surgimento de conflitos nacionalistas e condicionou a elaboração de uma política linguística centralizada. Ohienko (2004) defende que as políticas nacionais das autoridades bolcheviques mudaram diversas vezes, mas variaram apenas externamente porque, na sua essência, sempre estiveram contra a língua ucraniana, alternando apenas o grau de hostilidade em relação a ela.

Na década de 1930, de acordo com Ivanova (2011), ocorre na União Soviética a unificação de todas as esferas da vida pública e entra em vigor a política de padronização linguística fundada na eleição do russo como língua veicular em todos os domínios soviéticos por sua correspondência com a república mais poderosa da União. Segundo Pavlenko (2008), um decreto de 1935 exigiu a transferência de todas as línguas soviéticas com alfabetos latinos para o cirílico, facilitando assim o estudo da língua russa. Outra mudança envolveu esforços para basear as gramáticas das línguas locais na gramática russa para certificar-se de que o russo fosse a única ou pelo menos a principal fonte de neologismos. O resultado foi um influxo maciço de termos russos nas línguas locais, em particular em domínios do socialismo, do comunismo, da ciência e a tecnologia. Outro decreto de 1938 declarou o russo como segunda língua obrigatória em escolas não-russas. Nas que já ofereciam o russo, o decreto estabeleceu um conjunto de padrões, centralizou o currículo, aumentou o número de horas e tornou prioritárias a publicação de livros e a formação de professores. “Ao fazê-lo, destacou o papel de russo como a língua oficial *de facto* do país e um pré-requisito necessário de um verdadeiro cidadão soviético” (p. 281).

A autora defende que o processo de russificação na União Soviética não implicou a substituição das línguas locais pelo russo. Em vez disso, o governo perseguiu um curso duplo, promulgando políticas de russificação ao mesmo tempo em que manteve e fortaleceu as instituições nacionais. Como resultado deste apoio e da disseminação maciça de alfabetização, muitas línguas nacionais gozavam de revitalização linguística e cultural, emergindo como línguas urbanas, literárias e acadêmicas. As escolas secundárias da Federação ofereciam também certas formas de

educação bilíngue, onde os alunos estudavam línguas estrangeiras como o alemão, inglês ou francês.

Na Ucrânia, mais especificamente, um cenário um pouco diferente é relatado por Ohienko e Yavorska (2014). Segundo Ohienko, esse período, a partir de 1933, que ele denomina “Comunização” foi uma nova era da política soviética em relação à cultura e língua ucraniana, que começou após a decisão do Comitê Central do PCUS em três de abril de 1932 sobre a supressão do nacionalismo na Ucrânia e a introdução das ideias comunistas, refletidas nas palavras de Stalin:

Devemos dar às culturas nacionais o seu potencial para criarem condições para a sua integração em uma cultura comum com um único idioma. Quando o proletariado ganhar o mundo inteiro, uma linguagem comum virá. A língua russa se tornará a língua internacional da cultura socialista, assim como a Latina foi uma língua internacional das classes altas da Idade Média primitiva. (Prof. R. PAKLEN. O Livro branco, p. 53 - Проф. Р. Паклен. Біла Книга, с. 53 *apud* OHIENKO, 2014, p 125).<sup>15</sup>

Segundo Yavorska (2014), esse foi um período de assimilação forçada no qual as escolas foram russificadas e as universidades subordinadas a Moscou. A língua russa inundou a imprensa, o cinema e o teatro, pois a cultura russa era vista como revolucionária, progressiva, enquanto o uso da língua nativa passou a ser considerado crime.

O terror anti-ucraniano e a centralização do poder, influenciaram o status e o uso da língua ucraniana. O estabelecimento da língua ucraniana foi anulando, a língua russa substituiu todas suas funções. Os procedimentos governamentais começaram a operar em russo, embora se acreditasse que a língua ucraniana trazia benefícios ao estado. O número de escolas ucranianas, periódicos, teatros, editoras, que em termos percentuais já eram inferiores ao russo, diminuiu. A difusão da cultura ucraniana e da linguagem literária poderia ter sido preservada no campo da literatura, teatro, cinema, etc., se não fosse pela perseguição de escritores, diretores, artistas e compositores. (YAVORSKA, 2014, p. 12. Tradução nossa).<sup>16</sup>

---

<sup>15</sup> Треба дати національним культурам виявити свої потенції, щоб утворити умови для злиття їх в одну спільну культуру з одною мовою. Коли пролетаріат переможе у всьому світі, прийде одна спільна мова“. І публічно пишеться: „Російська мова стає міжнародною мовою соціалістичної культури, як колись латина була міжнародною мовою верхів раннього середньовіччя.

<sup>16</sup> Антиукраїнський терор, централізація влади вплинула на статус і на вживання української мови. Запровадження української мови зведено було нанівець, російська мова підміняла всі її функції. Урядове діловодство почали вести російською мовою, хоча вважалося, що українська мова мала державницькі переваги. Кількість українських шкіл, періодики, театрів, видавництв, що у відсотковому відношенні й так поступались російським, зменшилася. Обшири української культури і літературної мови могли б зберегтися в царині літератури, театру, кіно тощо, якби не переслідування письменників, режисерів, артистів, композиторів.

Até sua independência em 1991, a população da Ucrânia tornou-se cada vez mais russificada, através da educação em língua russa, da mídia russa e do uso prevalente do russo na esfera pública. Aqueles que lutavam pela preservação da língua eram facilmente rotulados como nacionalistas. Essas tendências perderam impulso somente quando a União Soviética estava prestes a entrar em colapso. Sua ruptura provocou o ressurgimento da língua ucraniana, que finalmente conseguiu se estabelecer como idioma oficial do país.

De acordo com Mateus; Pereira; Fischer (2008), “uma das primeiras decisões tomadas em consequência da independência da Ucrânia em 1991 foi a implementação do Ucraniano como língua oficial.” (p 03). Segundo os autores, o Ucraniano constitui, atualmente, a única língua oficial da Ucrânia, falada por apenas 67% da população. Em consequência do prolongado período de domínio estrangeiro, a situação linguística no país é bastante heterogênea, registrando-se distinções muito claras entre as zonas ocidental e oriental do país. Na parte ocidental predomina o ucraniano e na parte ocidental o russo, embora seu uso varie de região para região. Na capital, por exemplo, o Ucraniano e o Russo reúnem praticamente o mesmo número de falantes. No norte e centro do país, o Russo é a língua majoritária nos centros urbanos, enquanto o uso do Ucraniano é mais notório nas áreas rurais. Estima-se que 46% do total da população fale Russo, embora apenas 30% o tenham como língua materna. Nas áreas rurais do leste, sul e centro do país registra-se, ainda, um número elevado de falantes de Surzhyk, um dialeto que se assenta essencialmente em léxico russo, mas que respeita a gramática e a fonética do Ucraniano.

Durante o período soviético, não só a Ucrânia, como todas as outras repúblicas viam suas línguas nativas serem substituídas pelo russo. A dissolução da União, como aponta Pavlenko (2008), criou condições para os 14 países anteriormente unidos pelo mesmo sistema linguístico e político de renegociar esse desequilíbrio e fortalecer o *status* das línguas nacionais. Por causa do forte movimento nacionalista e a lealdade com relação a sua língua nativa, principalmente nos territórios do oeste incorporados tardiamente, não houve na Ucrânia a intenção de elevar o *status* do idioma russo, pelo contrário, a de-russificação emergiu como um dos principais objetivos da política e planejamento linguístico pós-soviético, quando se optou pela sua “remoção” deliberada da esfera pública.

Por outro lado, a situação na Ucrânia difere das outras ex-repúblicas soviéticas devido à maior proporção de falantes russos nativos e da grande minoria étnica russa

existente. De acordo com Taranenko (2007), em 1989, o ucraniano foi declarado "a língua nacional" da Ucrânia, entretanto, a situação bilíngue ucraniano-russa continua sendo complexa e problemática. O lado pró-ucraniano apela ao fato de que a língua ucraniana pode desaparecer sem o apoio do estado e defende que, se os ucranianos falam com fluência o russo, os russos também devem ter um bom domínio do ucraniano. O lado pró-russo, por sua vez, apela aos direitos civis dos russos e pressiona pela oficialização do bilinguismo e pelo *status* jurídico equivalente do russo como a língua de quase a metade da população da Ucrânia. A oposição ao estabelecimento do russo como segunda língua oficial é comumente justificada pelo argumento de que a língua ucraniana, por conta de toda influência do país vizinho, não teria condições de competir com a russa e que o bilinguismo impulsionaria o estabelecimento do monolinguismo russo. Um equilíbrio com ambas as partes é difícil de ser alcançado já que a situação não envolve fatores puramente linguísticos, mas etno-culturais e principalmente políticos.

## 2.6 A língua ucraniana em Prudentópolis

*A luz da lamparina dançava  
frente ao ícone da Santíssima Trindade*

*Paciente, a avó ensinava  
a prostrar-se em reverência,  
a persignar-se com três dedos  
e a rezar em língua eslava.*

*De mãos postas, a menina  
fielmente repetia  
palavras que ela ignorava,  
mas Deus entendia  
Helena Kolody.*

De acordo com Hauresko (2013), no ano de 1895, 250 famílias de imigrantes se instalaram na Colônia Federal Prudentópolis, no então Município de Guarapuava, sendo esta a maior colônia de imigrantes ucranianos no Brasil. Em 1906, a região da Colônia foi emancipada e criou-se o Município de Prudentópolis. Ao se estabelecerem em comunidades rurais relativamente homogêneas, os imigrantes ucranianos mantiveram pouco contato com outros grupos étnicos, ficando restritos à sua própria cultura e comunicando-se na sua própria língua.

Como aponta Resende da Costa (2015), no início do século XX, o acesso à escola pública e gratuita era elitizado e não fazia parte da realidade dos imigrantes nas regiões interioranas do país. A ausência de escolas públicas levou os imigrantes, de acordo com sua etnia, a construírem escolas para seus filhos. Conforme os depoimentos de Zinco (1960, *apud* BURKO, 1963), nas comunidades onde não havia escolas, a função de ensinar era repassada ao membro mais instruído da comunidade, que geralmente lecionava um dia inteiro, uma vez por semana, em salas cedidas pelas famílias em suas próprias casas. O professor era pago pelos pais dos alunos em dinheiro ou com trabalho. O livro didático era em língua ucraniana, material vindo da Ucrânia, dos Estados Unidos e do Canadá.

Os ucrainos imigrados para o Brasil não descuraram o setor de ensino. Desde os primeiros anos, isto é, a partir de 1897, em todos os núcleos de colonização, os sacerdotes-missionários, auxiliados pelas religiosas vindas com eles da Europa, abriram escolas, instalando-as precariamente em modestos barracões. Sentiram os colonos a necessidade de que fosse ministrado a seus filhos o preparo intelectual indispensável e mínimo. Compreendiam que a função básica da escola é a de transmitir o acervo cultural do seu povo e ao mesmo tempo fornecer às novas gerações os meios de adaptação à vida em meio estranho (WOUK, 1981, p. 46).

Hanicz (1996) afirma que o processo de implantação das primeiras escolas públicas em Prudentópolis iniciou-se apenas em 1911. Estas, em pouco tempo, sofreriam com as consequências da guerra que estava por vir. “O período de duração da Primeira Guerra Mundial marcou profundamente a vida das comunidades étnicas no Paraná” (RENK, 2008, p. 04). Segundo Marochi (2006 *apud* KOVALSKI, 2015, p. 120), após a o término da primeira Guerra Mundial, embasadas no ideário nacionalista, várias leis nacionais e estaduais foram criadas com intuito de regulamentar o ensino no país, como o “Código de Ensino de 1917”, que tornava obrigatório o ensino da língua portuguesa em todas as instituições particulares do curso primário ou secundário, fossem elas nacionais ou estrangeiras.

Os políticos e intelectuais consideravam que era preciso “abrasileirá-los”, o que se faria por meio do ensino fundamental cujos conteúdos os instruiriam não apenas para o uso do idioma português, como também para o culto dos valores cívicos da nação a quem passariam a servir (BREPOHL DE MAGALHÃES, 1993, p. 47 *apud* RENK, 2008, p. 04).

Ainda segundo Renk (2008), com o golpe de Estado de 1937, a situação se agravou ainda mais, levando à extinção das escolas estrangeiras em 1938 pelo Decreto

Federal nº 406 de 04 de maio, conhecido como “Lei da Nacionalização”. O objetivo do programa de ação do governo Vargas era “erradicar as influências estrangeiras atuantes, principalmente nos três Estados do Sul e inculcar nas populações de origem europeia o sentimento de brasilidade” (SEYFERTH, 1982, *apud* RENK, 2008, p. 08).

Segundo Boruszenko (1995), com a proibição do uso das línguas de imigração a partir do Estado Novo, várias escolas e clubes literários onde se praticava a língua ucraniana foram fechados e a continuidade do ensino ficou a cargo da família. Os livros das bibliotecas existentes foram distribuídos entre os seus sócios para que fossem protegidos de eventuais confiscos e pudessem ser utilizados em suas casas. Entretanto, a “política nacionalista” do governo do Estado Novo não logrou seus objetivos. “Embora oficialmente a língua estrangeira estivesse proibida nas escolas e até em cerimônias religiosas, os ucranianos não deixaram de se posicionar etnicamente” (GUÉRIOS, 2007, p. 219).

Apesar dos decretos e vigilância por parte do Estado, as escolas de imigrantes encontravam maneiras de resistir. Uma das maneiras de “burlar” a lei, segundo Renk (2008), era adotando em seu currículo o bilinguismo. Em Prudentópolis, os esforços das organizações religiosas junto à comunidade, principalmente dos padres da ordem de São Basílio Magno, Irmãs Servas de Maria Imaculada e Catequistas do Sagrado Coração de Jesus, foram vitais para a resistência cultural e linguística. Segundo Burko (1963), o primeiro ginásio ucraniano foi fundado em Prudentópolis pela Ordem Basiliense, em 1923, com a autorização do governo, porém seu funcionamento foi impossibilitado por causa de dificuldades financeiras. Posteriormente, em 1935, após a fundação do seminário, a língua ucraniana foi incluída no currículo formal da escola como disciplina extracurricular. As Irmãs Servas da Imaculada Virgem Maria e as Catequistas do Sagrado Coração de Jesus também fundaram escolas e internatos e até hoje se dedicam ao ensino e à preservação da cultura e língua ucraniana.

A preservação da língua no município de Prudentópolis ao longo de pouco mais de um século de imigração ucraniana deve-se a vários fatores, mas dois aspectos foram fundamentais: a religião e a escola. Prudentópolis possui mais de dez colégios estaduais e o histórico de vários deles está entrelaçado com a história da imigração e com a ação dos religiosos ucranianos, padres, freiras e catequistas. Podemos destacar os colégios estaduais Bispo Dom José Martenetz, Prefeito Antônio Witchemichen, Padre José Orestes Preima, Padre Cristóforo Miskiv e Imaculada Conceição. (RESENDE DA COSTA, 2015, p. 04).

Deste modo, instituições escolares, principalmente as que contam com a orientação religiosa assumem um papel importante na preservação e na continuidade da língua ucraniana em Prudentópolis.

A religiosidade foi um elemento fundamental de sobrevivência da etnia ucraniana em Prudentópolis. Fundamental porque foi a diferença entre o insuportável e o tolerável, ao servir de conforto e motivação para os assentados. A religião estava presente em todo o momento, ajudando a manter os laços étnicos com a terra mãe. A língua e os costumes se mantiveram através dela e a devoção contribuiu para que muitos não abandonassem o Brasil e voltassem para a Ucrânia devido às mesmas dificuldades extremas encontradas lá. (SENIUK; SKAVRONSKI, 2014, p. 88).

Atualmente, em algumas comunidades rurais do município de Prudentópolis, onde há um reduto maior de descendentes de ucranianos e onde o uso da língua é mais recorrente, as escolas de Ensino Fundamental e Médio têm incluído em seu currículo o ensino da língua ucraniana. Outras, segundo Resende da Costa (2012), optaram por abolir a disciplina de língua ucraniana do currículo escolar, mas continuaram a oferecer a disciplina na modalidade de CELEM<sup>17</sup> - um curso optativo e em contraturno de quatro horas semanais por um período de dois anos. O que pesa na escolha está relacionado ao fato de o inglês, por exemplo, ser amplamente utilizado em vestibulares e concursos, o que não ocorre com o ucraniano.

Sushinskaya (2010) afirma que, no estágio atual, a língua falada pelos ucranianos brasileiros, nos níveis estrutural e semântico, é um organismo complexo e heterogêneo. Limitada quase exclusivamente ao uso doméstico, no ambiente de língua portuguesa, enfraqueceu significativamente com relação ao léxico, que não constitui o vocabulário diário ativo. Embora os descendentes estudem a língua dos seus antepassados, eles vivem, estudam e trabalham em um ambiente no qual a língua portuguesa é primária, o que não contribui para uma reserva lexical significativa de língua ucraniana.

---

<sup>17</sup> De acordo com o site da Secretaria de Estado da Educação do Paraná, SEED-PR, “O Celem é um espaço pedagógico para o ensino de línguas estrangeiras modernas (LEM), português para falantes de outras línguas (Pfol) e Língua Brasileira de Sinais (Libras), com funcionamento nas instituições de ensino da rede estadual. O Celem oferta cursos das seguintes línguas estrangeiras modernas: Alemão, Espanhol, Francês, Inglês, Italiano, Japonês, Mandarim, Polonês e Ucraniano. Além disso, oferece curso de Português para falantes de outras línguas (Pfol) e de Língua Brasileira de Sinais (Libras).” Disponível em: <http://www.lem.seed.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=345>. Acesso em 10 de março de 2018.

Para a autora, a presença de diferenças nos níveis lexical e fonético leva à percepção da língua falada na diáspora como algo completamente “distinto” e “estranho”. No entanto, deve-se ter em mente que é justamente a língua da diáspora que manteve as especificidades da língua ucraniana do início do século XIX, elementos da linguagem popular específica e os vestígios de dialetos de falantes que vieram de territórios específicos da Ucrânia. A língua dos brasileiros de ascendência ucraniana, segundo a autora, mostra-se bastante arcaica; por outro lado, não foi russificada, como é o caso da língua falada atualmente na Ucrânia. Este é o ucraniano que seus antepassados trouxeram para o Brasil há mais de cem anos e foi repassado de geração para geração nas escolas, igrejas e organizações, graças aos esforços da comunidade, mas principalmente no seio familiar em sua forma oral.

### 3. FUNDAMENTOS TEÓRICOS

*“A linguagem é importante fator de identidade e de segregação porque denuncia diferenças desde que o homem começou a falar”.*  
(LEITE, 2008. p. 26).

Após a apresentação dos principais aspectos históricos da nação ucraniana e de sua língua, podemos ter uma ideia da origem dos ucranianos e das razões que os levaram a emigrar e se estabelecer em Prudentópolis. A partir disso, uma compreensão melhor do contexto do nosso estudo se faz possível. Este terceiro capítulo é dedicado às bases teóricas que orientaram este trabalho, que são as crenças e atitudes linguísticas sob a perspectiva da sociolinguística apoiada em outras áreas de estudos da linguagem, como a Psicologia Social e a Linguística Aplicada. Discutimos a linha tênue que distingue os conceitos acerca do preconceito, estigma, estereótipo e intolerância. Ao trazermos diferentes pontos de vista a respeito das crenças e atitudes, nos inclinamos para a perspectiva que concebe a atitude como componente da crença e, ao mesmo tempo, nos convencemos de que se trata de dois conceitos interligados e inseparáveis. Por fim, apresentamos as condições sociais que motivam a manutenção de uma língua minoritária.

#### 3.1 A Sociolinguística e o olhar de Labov sobre as crenças e atitudes

Um dos assuntos preferidos de pessoas que se encontram na companhia de estranhos é o tempo. Por outro lado, poucas pessoas de fato se interessam na análise das condições climáticas. Dentro da cabine de um trem, como no exemplo que nos traz Trudgill (2000), falar sobre um assunto neutro como o tempo possibilita estabelecer uma relação com a outra pessoa sem realmente ter que falar muito, quebrando assim o silêncio e evitando uma atmosfera desconfortável. Em casos como estes, mais importante que o assunto é o fato de os interlocutores estarem conversando. Para o autor, situações como estas são um bom exemplo da importante função social que é, muitas vezes, realizada pela linguagem, pois ela não se apresenta como um simples meio de comunicar informações, mas de estabelecer e manter relações entre os interlocutores.

Assim, a língua figura como um dos símbolos mais marcantes do comportamento social, pois através dela transmitimos dados involuntários aos nossos

interlocutores sobre quem somos, de onde somos e com quem nos associamos. Para Trudgill (2000), a função das línguas de estabelecer contatos sociais e o papel social por elas desempenhado ao transmitir informações sobre o falante são reflexos de que existe uma relação muito próxima entre língua e sociedade. Dado o papel social da língua, é coerente pensar na necessidade de um estudo que se concentre nesta relação.

A impossibilidade de separar língua e sociedade é especialmente enfatizada nos Estados Unidos, a partir dos anos 1960. Isso não quer dizer que até então essa relação tenha sido ignorada. De acordo com Martelotta (2012), o termo “Sociolinguística” surge pela primeira vez na década de 1950, mas se desenvolve como corrente na década de 1960 com os trabalhos de Labov, de Gumperz e Dell Hymes e a conferência *The dimensions of Sociolinguistics* de William Bright, publicada em 1966 sob o título *Sociolinguistics*.

Uma das principais causas do desenvolvimento de estudos da Sociolinguística era o sentimento de insatisfação com explicações e interpretações oferecidas pelas concepções Estruturalistas e Gerativistas com relação aos estudos linguísticos vigentes. A dicotomia Saussuriana *langue/parole*, mais tarde denominada por Chomsky competência/desempenho, centrou seu estudo na língua como um construto homogêneo, formal e sistemático, utilizado por um falante-ouvinte-ideal, alheio às influências dos elementos externos e à realidade do uso linguístico. Conceber que a língua em seu caráter mutável e variável pudesse se tornar objeto de um estudo científico parecia difícil até então. Já em 1968, como aponta Bortoni-Ricardo (2014), Weinreich, Labov e Herzog publicam o livro *Empirical foundations for a theory of language change* no qual criticam o conceito de língua proposto por Saussure, primeiro por não caracterizá-la como um fato social e, segundo, por estabelecer a homogeneidade do código linguístico como pré-condição para a análise da língua.

Quando interagimos via linguagem, mesmo que inconscientemente, somos guiados por motivações de toda a ordem para fazermos escolhas linguísticas: não falamos com o chefe da mesma forma que falamos com os nossos amigos, por exemplo. Temos essas possibilidades devido à existência de uma propriedade inerente às línguas – a *variação linguística*, já que “não existe apenas uma forma para cada significado. O que existe são *variantes* - um conjunto de opções do qual retiramos as formas que empregamos ao falar e ao escrever” (COELHO *et al.*, 2015, p. 08). É importante destacar que o fenômeno da variação não está limitado aos níveis gramaticais, mas pode

ser encontrado nos níveis fonológico, morfológico, sintático, lexical e no discursivo. Segundo Coelho *et al.* (2010), para Labov,

não existe uma comunidade de fala homogênea, nem um falante ouvinte ideal. Pelo contrário, a existência de variação e de estruturas heterogêneas nas comunidades de fala é um fato comprovado. Existe variação inerente à comunidade de fala – não há dois falantes que se expressam do mesmo modo, nem mesmo um falante que se expresse da mesma maneira em diferentes situações de comunicação (COELHO *et al.*, 2010, p. 22).

Sendo assim, como aponta Martelotta (2012), “para a sociolinguística, a língua é uma instituição social e, portanto, não pode ser estudada como uma estrutura autônoma, independente do contexto situacional, da cultura e da história das pessoas que a utilizam como meio de comunicação” (p.141). Partindo do princípio de que a variação e a mudança são inerentes às línguas, que não comprometem o funcionamento do sistema linguístico e de que devem ser sempre levadas em consideração na análise linguística, os pressupostos de William Labov obtiveram êxito ao defenderem a existência de um “falante-ouvinte-real” e entenderem a variação linguística como “um princípio geral e universal das línguas, passível de ser descrita e analisada” (MOLLICA; BRAGA, 2004, p. 10).

Os argumentos de Labov causaram uma mudança ideológica nas perspectivas dos estudos linguísticos ao colocar em evidência as variantes marginalizadas (não padrão), antes consideradas irrelevantes, e deram-lhes o estatuto de objeto científico.

Embora, a princípio, possa se pensar que a heterogeneidade implica a ausência de regras e que, aparentemente, se trate de um “caos linguístico”, na verdade a Sociolinguística continua abordando a língua como um sistema, uma vez que a variação, como propriedade regular, mostra-se passível de ser sistematizada. “Só que, enquanto a língua concebida como sistema homogêneo contém somente regras categóricas, ou obrigatórias, ou invariantes (...) e a língua concebida como um sistema heterogêneo comporta, ao lado de regras categóricas, também regras variáveis” (COELHO *et al.* 2010, p. 24). São, portanto, essas regras variáveis que a Sociolinguística busca compreender levando em consideração a influência não só dos elementos internos da língua (estruturais), como também dos externos (sociais, históricos, ideológicos).

Se a natureza da nossa sociedade é heterogênea, é natural que essa heterogeneidade esteja refletida na língua, mais precisamente na fala dos indivíduos que a compõem. Por não levarmos em consideração que a língua é suscetível à variação e à

mudança e que ela não se efetua como uma estrutura pronta, acabada e imóvel, muitas vezes, e às vezes sem nos darmos conta, pré-julgamos as pessoas baseados nas escolhas que elas fazem ao utilizarem determinada língua, dialeto ou até mesmo pela pronúncia.

A sociedade é composta de indivíduos diferentes; quando eles se comunicam é conveniente que se ponham de acordo em alguma coisa, mas o acordo não é jamais perfeito. Se uma língua fosse obra de um só indivíduo, seria provavelmente bem estruturada, bem regular; da mesma maneira, se ela fosse obra de um grupo de homens inteiramente de acordo sobre as ideias que deveriam exprimir (...). Mas uma língua é um bem de todos e de ninguém; numerosos indivíduos contribuem para modificá-la em mínimos detalhes; a incoerência não é rara. (BUYSENS, 1967, p. 77, *apud* PRETI, 2000 p. 53).

Porque a língua, como um fenômeno social, está estreitamente ligada à estrutura social e aos sistemas de valores da sociedade, Corbari (2012) aponta que é comum que quem a utiliza, sendo falante de uma ou várias línguas, formule opiniões e reaja sobre sua própria língua e também sobre a dos outros: “É a língua que simboliza os limites que separam *nós* e os *outros*, uma vez que a língua que falamos identifica nossa origem, nossa história, nossa cultura, o grupo a que pertencemos” (CORBARI, 2012, p. 115).

Assim, como temos movimentos que defendem a igualdade racial, igualdade de gêneros, entre outros, as concepções propostas pela Sociolinguística defendem que todas as línguas e suas variedades estão em pé de igualdade por possuírem o mesmo valor linguístico, como aponta Trudgill (2000):

Todas as variedades de uma língua são sistemas estruturados, complexos e governados por regras que são totalmente adequadas às necessidades de seus falantes. Segue-se que esses juízos de valor relativos à correção e à pureza das variedades linguísticas são **sociais** mais do que linguísticos. Não há nada inerente às variedades linguísticas não padrões que as faça inferiores. Qualquer inferioridade aparente é devida somente à sua associação com falantes de grupos não privilegiados, de *status* baixo. Em outras palavras, atitudes em relação a dialetos não padrões são atitudes que refletem a estrutura social de uma sociedade. Da mesma forma, valores sociais podem também ser refletidos em juízos relativos a variedades linguísticas. (TRUDGILL 2000. p. 9. Tradução nossa).<sup>18</sup>

O interesse de William Labov pelos estudos desses “juízos” com relação a diferentes línguas ou variedades, que se manifestam nas Crenças e Atitudes Linguísticas

<sup>18</sup> All varieties of a language are structured, complex, rule-governed systems which are wholly adequate for the needs of their speakers. It follows that value judgements concerning the correctness and purity of linguistic varieties are social rather than linguistic. There is nothing at all inherent in nonstandard varieties which makes them inferior. Any apparent inferiority is due only to their association with speakers from under-privileged, low-status groups. In other words, attitudes towards nonstandard dialects are attitudes which reflect the social structure of society.

dos falantes, o levou a conduzir, nos anos de 1963 e 1966, dois de seus estudos de maior destaque. O primeiro (1963) foi acerca da mudança fonética ocorrida no inglês falado na ilha de Martha's Vineyard, pertencente ao estado de Massachusetts, localizada na região noroeste dos Estados Unidos e o segundo (1966), também no nível fonético, desenvolvido em três lojas de departamento na cidade de Nova York frequentadas por diferentes classes sociais: *Saks Fifth Avenue*, *Macy's* e *S. Klein*. Ambos são descritos na obra *Sociolinguistic Patterns* (Padrões sociolinguísticos) de 1972.

Em um ensaio intitulado “*How I got into linguistics, and what I got out of it*”, escrito em 1987 e editado em 1997, Labov conta como e por que escolheu este campo de trabalho. O texto publicado no site da Universidade da Pensilvânia, onde o autor trabalha atualmente, traz o relato da sua primeira pesquisa que resultou na sua dissertação de mestrado. Nas palavras de Labov (1997),

Minha primeira pesquisa foi na pequena ilha de Martha's Vineyard. Meu amigo Murray Lerner, cineasta, me convidou para ir até a ilha. Lá, eu notei uma maneira peculiar de pronunciar as palavras *right*, *ice* e *sight*, com a vogal no meio da boca. Essa pronúncia era mais forte entre os jovens, mas variou muito por ocupação, pela local de residência na ilha, ou pelas origens do falante - ianque, português ou hindu. Entrevistei pessoas em toda a ilha de Vineyard, e entre elas encontrei alguns dos melhores falantes de língua inglesa que eu já conheci. Finalmente descobri que a alteração da pronúncia das vogais em Martha's Vineyard servia como uma reivindicação simbólica de direitos e privilégios locais. Isso se tornou minha dissertação de mestrado e eu publiquei esse trabalho na *Linguistic Society of America*. (Tradução nossa).<sup>19</sup>

Martha's Vineyard, outrora uma ilha relativamente isolada, começou a sofrer mudanças sociais e conseqüentemente linguísticas por conta do crescente número de veranistas que passaram a visitá-la e da exploração turística e econômica que veio com eles. Investigando a diferença de tratamento fonético dado pelos moradores da ilha à pronúncia dos ditongos [ay] e [aw] em palavras como *right*, *ride*, *about* e *mouse*, Labov observou que as pessoas, que se identificavam mais com o modo de vida na ilha e

---

<sup>19</sup> My first research was on the little island of Martha's Vineyard off Cape Cod. My friend Murray Lerner, the film maker, invited me up there. There I noticed a peculiar way of pronouncing the words *right*, *ice*, *sight*, with the vowel in the middle of the mouth that was stronger among young people, but varied a great deal by occupation, by island locale, or by the speaker's background--Yankee, Portuguese, or Indian. I interviewed people all over the Vineyard, and among them I found some of the finest users of the English language I had ever known. As I finally figured out, the Martha's Vineyard sound change was serving as a symbolic claim to local rights and privileges, and the more someone tried to exercise that claim, the stronger was the change. This became my M.A. essay, and I gave it as a paper before the Linguistic Society of America.

demonstravam forte resistência à incursão dos visitantes e à expansão do comércio de verão, exageravam na pronúncia típica da ilha, ou seja, na centralização dos ditongos, pronunciados como /əy/ e /əw/ em vez de /ay/ e /aw/. Essa centralização não é encontrada nos dialetos do continente americano falado pelo grande número veranistas que vem Martha's Vineyard e era utilizada pelos habitantes que não tinham tanta identificação com a vida na ilha e também não tinham a intenção de permanecer lá: “É evidente que o significado imediato desta característica fonética é 'Vineyarder'. Quando uma pessoa diz [rəyt] ou [həws], está inconscientemente expressando o fato de que pertence à ilha: de que ele é um dos nativos a quem a ilha realmente pertence” (LABOV, 1972 p. 36).<sup>20</sup> Labov concluiu que, quando os pescadores começaram a exagerar na pronúncia já existente em sua fala, eles o fizeram subconscientemente para mostrar que se diferenciavam dos visitantes. Essa tendência passou a ser imitada por outros habitantes da ilha, que consideravam esses pescadores como grupo de referência. Ao tornar-se cada vez mais evidente e frequente, gradualmente se transformou na nova norma entre eles.

Esta mudança linguística é, em grande parte, devida às atitudes subjetivas que os falantes têm em relação a essa forma linguística, que enfatiza suas diferenças com relação aos habitantes do continente, revelando, como aponta Cyranka (2007), o quanto a variável social incide sobre os comportamentos linguísticos e, portanto, nas atitudes dos falantes em relação à língua. Para Trudgill (2000), ao utilizarem a pronúncia típica da ilha, os falantes assinalam sua identidade social e cultural e sublinham sua crença nos velhos valores, pois sabem, mesmo que inconscientemente, da significação social de sua pronúncia e, sendo assim, suas atitudes diante dela são favoráveis por causa de suas atitudes sociais.

Após a pesquisa de Martha's Vineyard (1963), Labov (1966) aborda a variabilidade na fala dos Nova-Iorquinos. Este estudo, que para Cyranka (2007) é visto como revelador de atitudes em relação ao uso de variantes que marcam diferentes valores sociais, foi desenvolvido em três lojas de departamento na cidade de Nova York frequentadas por pessoas de classes sociais distintas: Saks Fifth Avenue - de padrão alto, Macy's - de padrão intermediário e S. Klein - de padrão baixo, nas quais a propaganda e os preços são claramente estratificados. Concentrada na análise de elementos de nível

---

<sup>20</sup> It is apparent that the immediate meaning of this *phonetic feature* is 'Vineyarder.'. When a man says [rəyt] or [həws], he is unconsciously establishing the fact that he belongs to the island: that he is one of the natives to whom the island really belongs. (Labov, 1972, p. 36)

fonético e fonológico, o objetivo da pesquisa era verificar o tratamento dado ao [r] em posição pós-vocálica pelos funcionários das três lojas. Labov (1997) relata que esse trabalho resultou em sua tese de doutorado e as técnicas utilizadas e por ele desenvolvidas servem como base para estudos no mundo todo. Nas palavras do autor,

Minha tese foi uma pesquisa sobre as diferenças no dialeto da cidade de Nova York, onde eu introduzi uma série de novas técnicas de entrevistas, técnicas quantitativas para medir mudanças e experimentos de campo para determinar exatamente o que parece desencadear o auto estigma linguístico dos Nova-Iorquinos. Desde então, essas técnicas têm sido usadas para estudar várias centenas de outras cidades em todo o mundo. Introduzimos o uso da fonética acústica no estudo da linguagem cotidiana e a linguística começou a passar lentamente da ciência qualitativa para a ciência quantitativa. A variação entre os indivíduos, e ao longo do tempo, que parecia tão caótica e tão desconcertante, estava começando a assumir uma forma sistemática, que poderia ser descrita matematicamente. (Tradução nossa).<sup>21</sup>

Nessa pesquisa, Labov verificou que os funcionários da Saks, loja de classe superior, eram mais propensos a se pronunciar /r/, enquanto os funcionários da Macy's e S. Klein eram mais propensos a omitir o /r/ e concluiu que, quanto mais elevado o padrão socioeconômico dos frequentadores das lojas, mais destacada era a realização de [r] na pronúncia dos funcionários.

Trudgill (2000) explica que, na Inglaterra, por exemplo, os sotaques que não utilizam o /r/ pós-vocálico têm mais *status* e são considerados mais 'corretos' do que os que o utilizam. Já em Nova York acontece o contrário, os sotaques com /r/ pós-vocálico têm mais prestígio e são considerados mais 'corretos' que os sem. Quanto mais alto na escala social estiver o falante, mais /r/ pós-vocálico ele usa; enquanto a pronúncia que não utiliza esse /r/ é socialmente estigmatizada. Entretanto, historicamente, a pronúncia do /r/ no sotaque de Nova York era vista de forma negativa até quando, durante a Segunda Guerra Mundial, houve um afluxo de falantes de áreas onde o /r/ pós-vocálico era um traço padrão ou de prestígio. Dessa forma, foi introduzido na fala das pessoas por ser utilizado por grupos de *status* socioeconômico elevado. Para o autor, isso mostra

---

<sup>21</sup> My dissertation was a survey of the class differences in the dialect of New York City, where I introduced a batch of new techniques of interviewing, quantitative techniques for measuring change, and field experiments to pin down just which sounds triggered the linguistic self-hatred of New Yorkers. Since then, these techniques have been used to study several hundred other cities throughout the world. We've introduced the use of acoustic phonetics into the study of everyday language, and linguistics has begun to make the slow move from a qualitative to a quantitative science. The variation across individuals, and across time, that seemed so chaotic and so puzzling, was beginning to take on a systematic shape that could be described mathematically.

o quão arbitrários são os juízos de valor sobre a língua, do ponto de vista linguístico. “There is nothing inherent in non-prevocalic /r/ that is good or bad, right or wrong, sophisticated or uncultured. Judgements of this kind are social judgements based on the social connotations that a particular feature has in the area in question” (p. 10).<sup>22</sup>

Essas duas pesquisas comprovaram que os fatores sociais somados às atitudes dos falantes podem determinar a mudança e a variação linguísticas, mas também nos mostram que isso nem sempre acontece em direção à norma de prestígio. Em alguns casos, a forma desprestigiada ganha força a fim de manter a identidade do grupo étnico, como é o caso de Martha’s Vineyard. Os estudos também comprovaram a existência de uma ordenação valorativa espelhada na hierarquia dos grupos sociais, que transparece em detalhes tão mínimos quanto a produção distinta de um único fonema.

Como bem aponta Rossa (2017), optar por determinada variante durante nossa fala já é uma manifestação de atitude linguística e, a partir das escolhas que fazemos, passamos a ser julgados por elas. Esse julgamento, preconceito, ou até mesmo intolerância, revelam o comportamento de um falante diante da linguagem do outro e também podem ser considerados como fato de atitude linguística (LEITE, 2008, p 13), que resulta das crenças linguísticas e sociais dos falantes e influencia, conseqüentemente, a manutenção de uma língua. Portanto, acreditamos que seja válido refletir acerca desse conceito e de como ele se interconecta ou difere de termos a ele aproximados como estigma, estereótipo e intolerância.

### **3.2. O preconceito, Estigma, Estereótipo e a Intolerância Linguística**

Existem inúmeras formas de preconceito em nossa sociedade, que impulsionam a exclusão social, seja ele racial, cultural, religioso, sexual, linguístico, entre outros. Movimentos engajados na luta contra os mais diversos tipos de preconceito e discriminação são vistos com muita frequência. Por outro lado, é raro que haja alguma espécie de protesto contra o preconceito linguístico, pois poucos param para pensar na língua como instrumento de julgamento e de discriminação social.

Bagno (2007) acredita que o preconceito linguístico é resultado da confusão criada entre língua e gramática normativa. Nas palavras do autor, “uma receita de bolo não é um bolo, o molde de um vestido não é um vestido, um mapa-múndi não é o

---

<sup>22</sup> Não há nada inerente ao /r/ pós-vocálico que seja bom ou ruim, correto ou errado, sofisticado ou inculto. Juízos desse tipo são juízos sociais baseados em conotações sociais que um traço particular tem na área em questão.

mundo... Também a gramática não é a língua” (p 9). Ao comparar a língua a um *iceberg*, na concepção do autor, a gramática normativa consegue apenas descrever sua parcela mais visível, que é a norma culta, e não pode ser aplicada a todo o resto da língua.

O que sustenta o preconceito linguístico é a ideia de que a língua é imutável, pronta, acabada e de que existe uma forma melhor e mais correta, que é aquela pautada nas regras prescritivas. “Qualquer manifestação linguística que escape do triângulo escola-gramática-dicionário é considerada, sob a ótica do preconceito linguístico, “errada, feia, estropiada, rudimentar, deficiente” (p. 40).

Segundo o autor, o preconceito linguístico está enraizado no preconceito social e as diferenças sociais existentes no Brasil contribuem para um verdadeiro abismo linguístico entre os falantes da variedade não padrão e os falantes da suposta (e mal definida) norma culta.

Quanto maior o *status* econômico e o grau de escolarização do falante, maior prestígio será atribuído a sua forma de falar, do mesmo modo que a fala de um indivíduo de menor prestígio social será avaliado de forma pejorativa e depreciativa. Conseqüentemente, a variante linguística utilizada pelo grupo de maior poder econômico e prestígio social acaba se consolidando como variante padrão da língua. Coelho *et al.* (2010) concordam com Bagno ao afirmarem que,

O julgamento (ou, em termos mais claros, o preconceito) é social, e geralmente parte de cima para baixo, ou seja, das camadas dominantes econômica e culturalmente para as camadas dominadas. Dizer que tal pessoa ou tal grupo é ignorante porque fala de uma forma e não de outra é apenas mais um mecanismo de afirmação e de perpetuação desse preconceito, que se manifesta como preconceito linguístico, mas que nunca deixou de ser social (COELHO *et al.*, 2010, p. 32).

Embora considere que os limites entre preconceito, estigma e estereótipo sejam muito estreitos e tomados frequentemente como sinônimos, pois “entrecruzam-se, intercruzam-se imbricando-se, que não é possível (nem necessário em alguns casos delimitá-los com exatidão” (p. 68), Botassini (2013) tenta definir esses três conceitos.

Segundo a autora,

O preconceito linguístico refere-se à atitude negativa frente a determinado grupo linguístico sem razão aparente. Normalmente está voltado a grupos linguísticos que detêm pouco ou nenhum prestígio social, a minorias linguísticas, a grupos linguísticos que representam falares diferentes do falar daquele que avalia preconceituosamente o outro (BOTASSINI, 2013, p. 66).

Já o estigma é entendido como um conceito que vai além do preconceito, que é mais forte e mais inibidor que o próprio preconceito. A autora cita os registros encontrados nos dicionários de BORBA, 2004; FERREIRA, 2009; HOUAISS, 2009, que trazem o conceito no sentido conotativo como “marca, sinal, cicatriz” e no sentido figurado como “rótulo”, “aquilo que é considerado indigno, desonroso”.

Como a sociedade estabelece meios de categorizar pessoas, Goffman (1963) aponta que, em nossa relação cotidiana, em ambientes sociais já estabelecidos, buscamos, sem atenção ou reflexão, encontrar atributos considerados comuns e esperados para os membros de certas categorias, que nos permitem prever a sua "identidade social". O autor distingue a identidade social virtual da identidade social real: a primeira refere-se aos atributos que se espera que um indivíduo tenha diante das exigências da sociedade; e a segunda refere-se à categoria e atributos que o indivíduo prova ter. Contudo, na relação entre a identidade social virtual e a identidade social real pode ocorrer discrepância. É, nesse momento, que surge o que se denomina estigma.

Enquanto o estranho está à nossa frente, podem surgir evidências de que ele tem um atributo que o torna diferente de outros que se encontram numa categoria em que pudesse ser - incluído, sendo, até, de uma espécie menos desejável - num caso extremo, uma pessoa completamente má, perigosa ou fraca. Assim, deixamos de considerá-lo criatura comum e total, reduzindo-o a uma pessoa estragada e diminuída. Tal característica é um estigma, especialmente quando o seu efeito de descrédito é muito grande - algumas vezes ele também é considerado um defeito, uma fraqueza, uma desvantagem - e constitui uma discrepância específica entre a identidade social virtual e a identidade social real. (GOFFMAN, 1963. p.6).

No que se refere a língua, como aponta Botassini (2013), carregar um estigma linguístico significa, então, carregar uma marca que identifica negativamente o falante e, por isso, ele geralmente procura escondê-la ou livrar-se dela na tentativa de maquiagem sua realidade social, mesmo que isso não seja sempre possível:

Por exemplo: se um falante de dialeto que usa o /r/ retroflexo tenta produzir, no seu discurso oral, outra variante (um tepe, talvez?), ele está tentando esconder o estigma de sua identidade linguística. Diz-se “esconder” e não “apagar”, porque, assim como não é possível apagar uma cicatriz, não é possível apagar a identidade linguística. Pode-se ocultá-la, mas, em algum momento, ela se revelará, como uma cicatriz que se tenta esconder por baixo da roupa, mas que um movimento descuidado pode fazer aparecer. (BOTASSINI, 2013, p. 67).

Ao tratar de estereótipos, Botassini (2013) se baseia em Labov (2008) que os conceitua como “formas socialmente marcadas, rotuladas enfaticamente pela sociedade” (p. 360). Para a autora, este rótulo “está pautado nos julgamentos sobre as pessoas, nas crenças que o indivíduo carrega a respeito de um traço linguístico, nos conhecimentos sobre um grupo e sua cultura, nos preconceitos em relação à língua e aos falantes dessa língua” (p. 67).

Com base em Orsi (2008), a autora descreve estereótipo como uma generalização desfavorável, exagerada, simplista e sem uma base sólida sobre um grupo ou uma categoria de pessoas. “São quase sempre impressões sem fundamento, expressas por perceber no outro algo diferente do que existe em si, algo que geralmente incomoda porque faz parte de outra realidade linguística, social, cultural [...]” (p.68).

O trabalho de Leite (2008) propõe reconhecer e distinguir os conceitos de preconceito e intolerância linguística que, à primeira vista parecem também muito próximos, pois ambos trazem em comum o sentimento de não aceitação do diferente. A autora descreve o preconceito como “a ideia, a opinião ou o sentimento que pode conduzir o indivíduo à intolerância” (p. 20). A intolerância, por sua vez, é entendida como “a atitude de não admitir opinião divergente” (p. 20), o que pode resultar em uma reação violenta e agressiva. Diferentemente do preconceito, que pode existir sem se revelar, a intolerância é vista como um “comportamento, uma reação explícita a uma ideia ou opinião contra a qual se pode objetar”. A autora sintetiza os dois conceitos da seguinte forma,

O *preconceito* é a discriminação silenciosa e sorrateira que o indivíduo pode ter em relação à linguagem do *outro*, é um *não-gostar*, um achar feio ou errado um *uso* (ou uma língua), sem a discussão do contrário, daquilo que poderia configurar o que viesse a ser o bonito ou correto. É um não gostar sem ação discursiva clara sobre o fato rejeitado. A intolerância, ao contrário, é ruidosa, explícita, porque, necessariamente, se manifesta por um *discurso metalinguístico*, calcado em dicotomias, em contrários, como, por exemplo, *tradição x modernidade, saber x não-saber* e outros congêneres. (LEITE, 2008, p. 25).

Carraro (2016) considera que o conceito de preconceito como “a ideia, opinião ou o sentimento que pode conduzir o indivíduo à intolerância” (2008, p. 20), apresentado por Leite, estaria mais relacionado com as crenças linguísticas, enquanto o de intolerância, vista como “atitude de não admitir opinião divergente” (LEITE, 2008, p. 20), com as atitudes linguísticas, das quais nos ocupamos a seguir.

Ao tratar do preconceito e da intolerância linguística com relação às línguas de imigração, Bueno (2006), baseando-se em Barros (2004), afirma que o preconceito e a intolerância linguística no contexto brasileiro ocorrem de forma externa – em relação a determinados idiomas estrangeiros - e interna – em relação às variantes desprestigiadas da língua portuguesa. Quanto aos imigrantes, o preconceito e a intolerância se manifestam em relação ao uso da língua estrangeira em solo brasileiro, assim como no uso do português pelos imigrantes. O autor considera que o preconceito e a intolerância com relação aos estrangeiros e as línguas por eles faladas podem ser provocados a partir do conceito de normas linguísticas e língua padrão, que implicam a desconsideração de outras variedades e produzem no imaginário social uma aproximação ou até equivalência da norma padrão à língua nacional. Esta, por sua vez, tem a função de criar um sentido idealizado de unidade, homogeneidade e identidade coletiva de uma nação que permeia o senso comum da sociedade. Assim, intolerância linguística se forma “a partir da contraposição entre a “heterogeneidade real do comportamento linguístico dos indivíduos” e “a homogeneidade artificial do padrão normativo ideal””. (LUCCHESI 2000, p. 63, *apud* BUENO, 2006, p. 39).

Ainda de acordo com Bueno (2006), nem todos os imigrantes que vieram para o Brasil no século passado tiveram a chance de aprender a norma padrão (como foi o caso dos ucranianos, como vimos no capítulo 1, os quais vieram com o intuito de trabalhar na terra e não tinham acesso ao ensino formal). Além disso, a maioria ocupava uma posição inferior no comércio ou na agricultura e, por essas razões, “de certa forma, também contribuíram para a formação de uma norma menos privilegiada da língua portuguesa” (p. 40). Para o autor, “a possibilidade de o imigrante ser, ao usar a sua língua ou a língua portuguesa com sotaque, foco de julgamentos e preconceitos é muito grande, independente da posição social que ocupa” (p. 40). Para exemplificar a situação vivenciada em Prudentópolis Ogliari (1999) relata o seguinte:

Considerando que as línguas portuguesa e ucraniana preenchiam funções de outra ordem, de outra natureza, diferente da língua portuguesa, dita “oficial” e “normativa”, e da língua ucraniana em seu país de origem, havia então, na verdade, línguas locais. Embora linguisticamente idênticas, sociologicamente se diferenciavam: nacionalmente, em relação à língua e, internacionalmente, em relação à língua ucraniana. Por causa disso, a situação linguística local revelou a existência de uma regularização dita exógena, a da modalidade padrão, enquanto para a fala local havia uma regularização endógena: a da transação entre os grupos étnicos. Tal situação faz surgir o chamado “mau português”, que é empregado na região por todos os falantes, de modo geral, independente da escolaridade, pois, para os integrantes da comunidade de

fala ucraniana, a modalidade padrão e de prestígio não era só externa, mas também absolutamente artificial. (OGLIARI, 1999, p. 169).

Como já relatamos no capítulo 1, a imigração ucraniana para Prudentópolis constituiu-se predominantemente de colonos e a maioria se fixou em pequenas propriedades em comunidades rurais, mantendo pouco contato com outros grupos étnicos, oportunizando desta forma a retenção da língua. Por outro lado, as condições de trabalho a que se sujeitaram retardaram o consideravelmente seu poder aquisitivo e muitas famílias permaneceram em um patamar economicamente baixo. Seu *status* social desprestigiado provocou manifestações de preconceito e intolerância e desenvolveu estereótipos e estigmas em relação ao grupo e, conseqüentemente à língua, por eles falada. As crenças acerca da “inferioridade” da língua dos imigrantes bem como do uso “errado” do português afloraram atitudes negativas dos próprios falantes em relação à sua língua materna, criando um cenário propício para o seu abandono entre as gerações mais novas.

### **3.3. As Crenças e Atitudes Linguísticas**

A definição dos conceitos “crenças e atitudes” e a demarcação de seus limites é destacada como uma tarefa complexa em diversos trabalhos que abordam este tema. É verificada certa “falta de consenso” entre os pesquisadores: para alguns, a crença se apresenta como um constituinte da atitude, outros, por sua vez, compreendem a atitude como um constituinte da crença.

Os trabalhos listados abaixo são exemplos de como esses dois conceitos são trabalhados nas pesquisas realizadas recentemente no Brasil:

Botassini (2013), em sua tese de doutorado intitulada “Crenças e Atitudes Linguísticas: um estudo dos róticos em coda silábica no Norte do Paraná” enfatiza que, nas pesquisas voltadas para a área da Sociolinguística, uma gama maior de reflexões é encontrada com relação ao termo “atitude”, enquanto o conceito de “crença” ainda é pouco explorado. Na concepção da autora, os dois termos se encontram “estritamente imbricados” (p. 48) e torna-se difícil falar de um sem referir-se a outro e argumenta que a maioria dos trabalhos compreende crença como um componente da atitude por investigar o assunto sob a ótica mentalista. Ela, por sua vez, decide tratar dos dois conceitos separadamente a fim de elaborar uma definição mais restrita de cada um deles. Para tratar de “crença”, a autora apoia-se em conceitos provenientes da

Linguística Aplicada, área na qual o termo é mais bem evidenciado e apresentado separadamente do conceito de “atitude”.

Outro exemplo de pesquisa relacionada ao tema é a tese de doutorado “Atitudes Linguísticas de alunos de escolas públicas de Juiz De Fora – MG”, de Cyranka (2007). Embora o termo “crença” não apareça no título, a autora trata dos dois termos separadamente. Ao apresentar a diferenciação entre crença em (relacionada à existência de certo objeto) e crença sobre (relacionada à natureza do objeto, à sua maneira de existir), a autora esclarece que sua pesquisa está direcionada para o estudo de “crenças sobre”, isto é, “a posição em que os professores e os alunos colocam os objetos (língua, linguagem, variação e aprendizagem linguística) dentro da dimensão avaliativa, posição essa que, em última instância, leva à atitude deles em relação a esses objetos” (p. 25).

Balthazar (2016) em sua tese “Atitudes linguísticas de ítalo-brasileiros em Criciúma e região” afirma que entende “atitudes linguísticas” como avaliações, sentimentos ou comportamentos positivos, negativos ou neutros perante a língua e/ou aos seus usuários na sociedade (p. 27). No seu ponto de vista, ao contrário dos dois trabalhos anteriores, crença é entendida como um componente da atitude e, portanto, não se faz necessário separar os dois conceitos.

Mais próximas da nossa realidade estão as pesquisas de Corbari (2013), Carraro (2016) e Rossa (2017). A primeira, intitulada “Atitudes linguísticas: um estudo nas localidades paranaenses de Irati e Santo Antônio do Sudoeste” foi desenvolvida por Corbari (2013) e é um dos poucos trabalhos encontrados sobre atitudes voltadas às línguas eslavas. A autora esclarece que a escolha das designações “crenças e atitudes linguísticas” ou apenas ‘atitudes linguísticas’ reflete suas abordagens teórico-metodológicas. “Embora esta tese utilize dados de projeto intitulado ‘crenças e atitudes linguísticas’, optou-se por uma abordagem que concebe as crenças como apenas um dos componentes da atitude [...]” (p. 14). A autora esclarece que utiliza ‘crenças e atitudes’ somente para relatar discussões de autores que separam esses dois conceitos.

Por outro lado, duas pesquisas desenvolvidas recentemente na UNICENTRO seguem o posicionamento de Botassini (2013) e Cyranka (2007).

Carraro (2016), ao investigar as crenças e atitudes linguísticas de estudantes com relação à língua espanhola, no trabalho intitulado “Crenças e atitudes linguísticas: um estudo sobre a língua espanhola como língua estrangeira” trata dos dois conceitos separadamente. A autora, por sua vez, defende o conceito de atitude como um componente da crença. Rossa (2017), em seu recente trabalho “Crenças e atitudes

linguísticas de descendentes de imigrantes italianos de Pinho de Baixo, Irati, Paraná” também opta por distinguir os dois conceitos. A autora concebe crença como uma opinião, um ponto de vista, uma concepção acerca de um tema ou assunto, já a atitude é vista como um comportamento, uma ação ou uma prática.

Neste trabalho, optamos por definir Crenças e atitudes separadamente, por comungarmos da visão de Botassini (2013), Cyranka (2007), Carraro (2016) e Rossa (2017) de que se trata de dois conceitos distintos, embora imbricados e difíceis de serem separados.

### 3.3.1 As crenças

A palavra “crença”, segundo Silva (2007), é originária do latim medieval “*credentia*”, que vem do verbo “*credere*”, ou seja - crer. Já o seu conceito, para Barcelos (2007, p.114), “é tão antigo quanto nossa existência, pois desde que o homem começou a pensar, ele passou a acreditar em algo”. É um termo utilizado, segundo Botassini (2013), por diversas áreas do conhecimento como a Filosofia, Teologia, História, Psicologia, Educação, Sociologia, Linguística, Sociolinguística, dentre outras, por isso, os pesquisadores reconhecem consensualmente a dificuldade de chegar a uma conceituação categórica a seu respeito.

À palavra crença geralmente atribui-se uma percepção religiosa, que frequentemente se confunde com o termo fé. No dicionário Aurélio de Língua Portuguesa, por exemplo, a definição de crença figura primeiramente como fé religiosa, seguido de confiança e opinião. Podemos considerar que o conceito de crença justapõe-se ao conceito de fé, pelo fato de ambos nem sempre serem atrelados a um fundamento racional ou evidências empíricas que os comprovem. “Podem formar-se crenças não só quando não existem provas suficientes, mas também quando se sabe que não existem”<sup>23</sup>

Dewey (1993) apud Barcelos (2004), defende que “crenças cobrem todos os assuntos para os quais ainda não dispomos de conhecimento certo, dando-nos confiança suficiente para agir, bem como os assuntos que aceitamos como verdadeiros, como o conhecimento, mas que podem ser questionados no futuro” (p. 129).

Furtado (2011) discorre sobre os pensamentos do filósofo inglês Wittgenstein, o qual compara a compreensão de crença à compreensão de uma palavra. Para ele “não é

---

<sup>23</sup> Chignell, Andrew, “The Ethics of Belief” p. 16, in Stanford Encyclopedia of Philosophy, apud Furtado, 2011 p. 47.

preciso que se saiba o que “crença” quer dizer nem é preciso saber o que “aquela crença” quer dizer” (p. 24). Ou seja, o conhecimento que se pode ter da definição de uma palavra não determina sua compreensão. Segundo a autora, Wittgenstein argumenta que,

é preciso de um conceito de “dor” para se ser capaz de dar nome a uma dor, mas não é preciso saber o que está na base do conceito de “dor” para que se tenha uma dor de dentes – por exemplo –, e para que se saiba usar a expressão “eu tenho uma dor de dentes”. (...) Da mesma maneira, as crianças não aprendem que Deus existe, mas antes a realizar certas ações, a rezar, por exemplo, criando desta forma uma relação com o divino. Isto implica que, desde logo, se comecem a atenuar as diferenças entre crenças religiosas e crenças de outro tipo: saber ou acreditar em coisas diferentes não implica saber ou acreditar nessas coisas de modo diferente (FURTADO, 2011, p. 24).

Apesar de defender a existência de diferentes graus entre crenças religiosas e as de outros tipos, para o autor, não é visível a existência de uma diferença de espécie. Sob este ponto de vista, o ato de crer sempre será o mesmo, independentemente do objeto em que se crê, seja ele voltado à religião, à política, à linguagem ou a qualquer outra área. Segundo Furtado (2011), Wittgenstein argumenta ainda que possuir crenças é condição necessária à mente humana, justamente porque elas marcam comportamentos diferentes e, portanto, possuem um papel regulador na vida das pessoas.

Acreditar em mesas é acreditar de forma absoluta na existência de mesas e acreditar em Deus é acreditar absolutamente que Deus existe. Todavia, se a crença na existência de mesas só regula o comportamento quando é preciso usar uma mesa para alguma coisa, a crença na existência de Deus pode definir ações em relação a quase tudo na vida. (FURTADO, 2011. p. 53 – 54).

Se levarmos esse pensamento para o mundo da linguagem e seguirmos a mesma lógica, então a crença na existência de línguas só regula o nosso comportamento quando as utilizamos. Levando em consideração que seja realmente difícil pensar em atividades humanas que excluam a utilização da linguagem do seu funcionamento, percebemos o quão essencial ela se torna para a formação e percepção de crenças, pois é através da linguagem que as internalizamos e somos capazes de interpretar as (re)ações que as crenças provocam. Dada a sua importância, parece-nos válida e justa a tentativa de entender as crenças e as atitudes das pessoas com relação a esse meio tão importante de comunicação, que é a língua em si.

De acordo com Botassini (2013), a Linguística Aplicada, ao contrário da Sociolinguística, apropria-se mais do termo Crença do que do termo Atitude no âmbito

do ensino e aprendizagem de línguas. Enquanto a Sociolinguística trabalha com os termos Crenças e Atitudes, a Linguística Aplicada, segundo Cyranka (2007), utiliza os termos Crenças e Ações. Portanto, nos apoiaremos em algumas definições extraídas desta área do conhecimento no que concerne ao termo Crenças.

Dentro da Linguística Aplicada, Barcelos (2006, p 18-20) traz uma definição, segundo ela, contemporânea de crenças, que sintetiza o trabalho de autores como: Kajala (1995), Barcelos (2004, 2006); Richardson (1996); Borg, (2003), entre outros. Para a autora,

Crenças são uma forma de pensamento, construções da realidade, maneiras de ver e perceber o mundo e seus fenômenos, co-construídas em nossas **experiências** resultantes de um processo interativo de interpretação e (re)significação. Como tal, crenças são **sociais** (mas também **individuais**), **dinâmicas**, **contextuais** e **paradoxais** (BARCELOS, 2006, p. 18. Grifo nosso).

As crenças podem ser caracterizadas como *dinâmicas* – porque mudam de um período para outro e até mesmo dentro da mesma situação. *Emergentes, socialmente construídas e situadas contextualmente* – visto que se modificam de acordo com as nossas experiências ao mesmo tempo em que somos modificados por elas. Surgem no contexto da interação e na relação com os grupos sociais e não só representam uma realidade social, mas a constroem. *Experienciais* – já que nascem das experiências de interação entre indivíduos e o ambiente. *Mediadas* – ao passo que podem ser vistas como instrumentos para regular a aprendizagem e solucionar problemas. *Paradoxais e contraditórias* – pois são sociais, mas ao mesmo tempo individuais; diversas e uniformes. Não necessariamente influenciam ações e não são tão facilmente distintas do conhecimento.

Com relação à afirmação de Barcelos (2006) de que as crenças não necessariamente influenciam nossas ações e atitudes, apesar de compartilharmos da visão de Wittgenstein apresentada por Furtado (2011) de que as crenças que adquirimos ao longo da nossa existência são, em grande proporção, reguladoras dos nossos comportamentos, ações e atitudes, sabemos que essa nem sempre é a regra.

Se as atitudes linguísticas são manifestações de crenças linguísticas, é fato que nem todas as crenças se converterão em atitudes. Muitas das nossas crenças ficam armazenadas única e exclusivamente dentro do nosso pensamento e, por isso, não acarretam atitudes (ROSSA, 2017, p. 53).

Se, por um lado, não manifestamos nossas crenças em nossas atitudes, também é possível que adotemos certas atitudes contrárias, que não correspondem às crenças que

temos de fato. Para López Morales (2004), nem todas as crenças levam à aparição de atitudes, mas a maioria delas certamente as produz. Pastorelli (2011) ressalta que, “ainda que nem todas as crenças produzam atitudes, em sua maioria, elas revelam uma tomada de posição do sujeito, ou seja, as relações que o sujeito possui com o meio social em que está inserido (PASTORELLI, 2011, p. 24)”.

Cyranka (2007) apresenta a seguinte distinção entre os termos crenças e atitudes

Crença seria uma convicção íntima, uma opinião que se adota com fé e certeza.[...] Já atitude seria uma disposição, propósito ou manifestação de intento ou propósito. Tomando atitude como manifestação, expressão de opinião ou sentimento, chega-se à conclusão de que nossas reações frente a determinadas pessoas, a determinadas situações, a determinadas coisas seriam atitudes que manifestariam nossas convicções íntimas, ou seja, as nossas crenças em relação a essas pessoas, situações ou coisas (SANTOS, 1996, *apud* CYRANKA, 2007, p. 22).

As atitudes diferem das crenças por serem entendidas como uma “reação” favorável ou não perante alguém ou alguma situação, no contexto deste trabalho, perante uma língua. Assim, utilizamos crença, para o contexto da pesquisa que deu origem a esta dissertação, para indicar as impressões que jovens descendentes de ucranianos possuem a respeito da língua ucraniana falada em Prudentópolis, que podem ser responsáveis pelo surgimento de certas atitudes favoráveis à sua manutenção ou não.

### 3.3.2 As atitudes

O uso atual do termo atitude não se distancia muito do seu significado do original. A palavra “atitude”, segundo Beker (1992), originalmente significava postura ou pose para pintura ou teatro. Derivada da palavra latina *aptitude* e da italiana *atto* (Latim *Actus*) seu significado raiz pode ser traduzido como “atitude para a ação”, no sentido de “tendência para certas ações”.

De acordo com Silva e Aguilera (2014), os primeiros estudos sobre crenças e atitudes ocorreram na área da Psicologia Social nos anos 60, tendo como precursores os psicólogos sociais William e Wallace Lambert (1968) com os estudos acerca das atitudes frente à utilização do inglês e do francês em Montreal – Canadá utilizando a técnica chamada *matched guises* (falsos pares), por eles desenvolvida. Entretanto, atualmente, há interesse de outras grandes áreas nesse tema, dentre elas a Sociolinguística. Para Corbari (2013), a Sociolinguística, viés pelo qual nossa pesquisa foi desenvolvida, tem entre suas funções,

a tarefa de pesquisar a diferença entre a maneira como as pessoas fazem uso da(s) língua(s), bem como suas crenças a respeito de seu próprio comportamento linguístico e o dos demais falantes. Para essa disciplina, a importância do estudo das atitudes linguísticas reside no fato de que elas, além de revelarem múltiplos aspectos para melhor entendimento de uma comunidade, influem decisivamente nos processos de variação e mudança linguística, bem como afetam a eleição de uma língua em detrimento de outra e o ensino-aprendizagem de línguas nessa comunidade (MORENO FERNÁNDEZ, 1998; GÓMEZ MOLINA, 1996; BLANCO CANALES, 2004 *apud* CORBARI, 2013. p. 60-61).

Os psicólogos sociais Lambert e Lambert (1966) definem atitude como “uma maneira organizada e coerente de pensar, sentir e reagir em relação a pessoas, grupos, questões sociais ou, mais genericamente, a qualquer acontecimento ocorrido em nosso meio circundante” (p. 78). Portanto, estudar a fala das pessoas é uma maneira de revelar seu relacionamento com diferentes grupos sociais, inclusive com aqueles a que pertencem. Para Moreno Fernandez, “a atitude linguística é uma manifestação da atitude social dos indivíduos, distinguida por centrar-se e referir-se especificamente tanto à língua como ao uso que dela se faz em sociedade [...]” (1998, p.179). O autor concebe as atitudes linguísticas como um espelho das atitudes psicossociais em direção a determinado grupo ou usuário de determinada língua ou variedade. Se as línguas possuem significados sociais, é natural que sejam avaliadas de acordo com os *status* e as características de seus usuários. Por esta razão, não é fácil delimitar onde a atitude em relação a uma variedade linguística começa e onde a atitude em relação ao grupo social ou ao usuário dessa variedade termina (Moreno Fernandez, 1998, p. 178-179).

Silva e Aguilera (2014) afirmam que existe uma relação complexa entre língua, sociedade e identidade, que faz com que os falantes se posicionem frente à língua ou à variedade linguística e, conseqüentemente, aos usuários destas, desencadeando assim, “atitudes movidas pelas crenças linguísticas impregnadas, ao longo do tempo pela sociedade, na língua e nos dialetos, manifestando, assim, atitudes de rejeição ou de aceitação, de preconceito ou prestígio, de correção ou de erro, dentre outras” (p.705). Para Aguilera (2008), as normas linguísticas são geralmente ditadas pelo grupo mais socioeconomicamente desenvolvido na sociedade. Sua maneira de falar terá maior prestígio e *status* social e, sendo assim, as atitudes de valoração ou de rejeição são reguladas por eles.

Para Gómez Molina (1987, p. 25, *apud* Silva e Aguilera 2014 p. 703), as crenças e atitudes “são elementos que atuam decisivamente junto à consciência linguística, na explicação da competência dos falantes; permitem ao pesquisador aproximar-se do

conhecimento das reações subjetivas diante da língua e/ou línguas que usam os falantes; e influem na aquisição de segundas línguas” (p.703). Beker (1992), ao tratar da importância de estudos acerca de atitudes linguísticas, argumenta, corroborando com Gómez Molina (1987), que elas podem fornecer um indicativo dos pensamentos, crenças, preferências e desejo de uma comunidade, como também indicar mudanças de atitudes dos seus membros e sinalizar chances de sucesso na implementação de políticas linguísticas, ou não. No caso das línguas minoritárias, é possível avaliar a vitalidade de uma língua e revelar as possibilidades de problemas de uma segunda língua dentro de um país, como do francês no Canadá e do Espanhol nos Estados Unidos, entre outros. O *status*, o valor e a importância de uma língua podem ser medidos ao observarmos atitudes em direção a ela. Moreno Fernández (1998) complementa, enfocando a importância de pesquisas na área para a compreensão de variação e mudanças linguísticas:

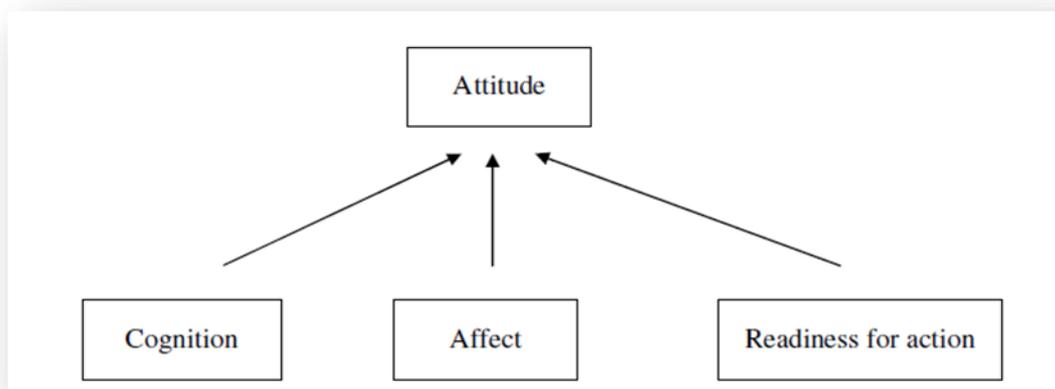
As atitudes influem decisivamente nos processos de variação e mudança linguísticos que se produzem nas comunidades de fala. Uma atitude favorável ou positiva pode fazer que uma mudança linguística se cumpra mais rapidamente, que em certos contextos predomine o uso de uma língua em detrimento de outra, que o ensino-aprendizagem de uma língua estrangeira seja mais eficaz, que certas variantes linguísticas se confinem aos contextos menos formais e outras predominem nos estilos cuidadosos. Uma atitude desfavorável ou negativa pode levar ao abandono e ao esquecimento de uma língua ou impedir a difusão de uma variante ou uma mudança linguística. (MORENO FERNÁNDEZ, 1998, p. 179).

A natureza da atitude linguística pode ser definida e caracterizada segundo duas linhas teóricas: a mentalista e a comportamentalista (LÓPEZ MORALES, 2004, p. 231). A visão comportamentalista fundamenta-se nas respostas de falantes diante de determinadas situações sociais e caracteriza a atitude como uma “[...] conduta, como uma reação ou resposta a um estímulo, isto é, a uma língua ou situação ou a características sociolinguísticas dadas” (MORENO FERNÁNDEZ, 1998, p. 182). Para a linha mentalista as atitudes são entendidas como um “[...] estado interno do indivíduo [...] uma categoria intermediária entre um estímulo e o comportamento ou a ação individual” (MORENO FERNÁNDEZ, 1998, p. 182), ou seja, “um estado de disposição, uma variável que intervém entre um estímulo que afeta a pessoa e sua reação a ele” (LÓPEZ MORALES, 2004, p. 231).

Para a linha mentalista, as atitudes são integradas por três componentes inter-relacionados: *o cognoscitivo ou cognitivo, o afetivo e o conativo ou comportamental*.

[...] “O cognoscitivo inclui as percepções, as crenças e os estereótipos presentes no indivíduo; o afetivo refere-se às emoções e sentimentos, e o comportamental à tendência de agir e reagir de certa maneira em relação ao objeto”. (LÓPEZ MORALES, 2004, p. 22). O modelo de atitude pode ser visualizado de uma forma hierárquica onde os componentes: o cognitivo, afetivo e comportamental - se encontram na fundação da construção de atitude, como na figura 4:

Figura 4. Hierarquia e componentes da atitude, segundo Baker (1992)

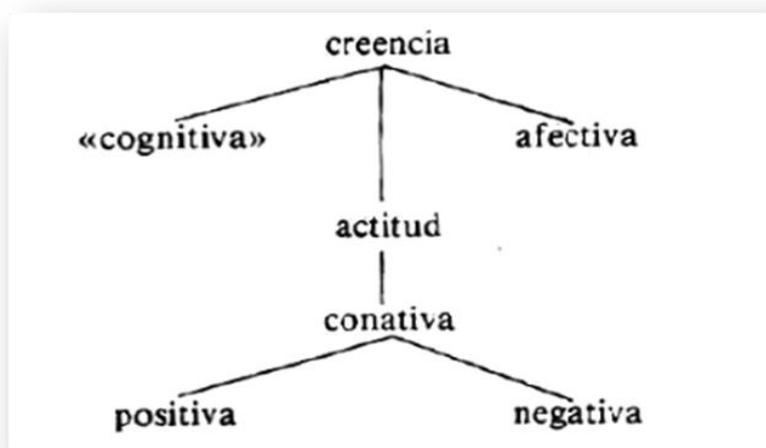


Fonte: Baker (1992 p. 13).

Assim, de acordo com esse modelo, a atitude linguística de um indivíduo resultaria da soma desses três elementos: de suas crenças e conhecimentos, seus afetos (sentimentos ou emoções) e sua tendência a se comportar de determinada forma diante da língua.

López Morales (2004), por sua vez, embora seja adepto da linha mentalista, discorda da composição da atitude apresentada acima. Para ele as atitudes pressupõem apenas o componente comportamental, ou seja, uma conduta, um comportamento que pode gerar atitudes diferentes, podendo ser positivas ou negativas, mais nunca neutras, dependendo da situação em que o falante estiver inserido. Já as crenças agregam elementos cognitivos e/ou afetivos. Nos elementos cognitivos, incluem-se as percepções, os conhecimentos, os estereótipos presentes no indivíduo; nos afetivos, estão presentes as emoções e os sentimentos. A figura 5 resume as relações entre crenças e atitudes de acordo com a visão do autor:

Figura 5. Relação entre crenças e atitudes segundo López Morales (2004)



Fonte: López Morales (2004, p.235).

Assim como Botassini (2013), compartilhamos da visão de López Morales (2004), entendendo a atitude como constituída apenas do componente comportamental e de que a crença, nas palavras de Botassini (2013), “contém a atitude, ou melhor, ela contém os três componentes que normalmente são atribuídos à atitude: o conhecimento, o sentimento e o comportamento” (p. 59).

A partir de suas crenças, os indivíduos manifestam suas atitudes e a partir das atitudes dos falantes é possível constatar a preferência, aceitação ou a recusa de determinada variante ou de uma língua. Neste sentido, como aponta Trudgill (2000), algumas línguas, dialetos e sotaques são considerados bonitos, corretos, puros. À variedade considerada padrão é atribuído mais *status* e prestígio enquanto outras variedades são frequentemente tidas como erradas, feias ou desleixadas, algum tipo de desvio da norma. Na maioria dos casos, se sobressaem as línguas ou as variedades de maior prestígio social, enquanto as que não detêm tal prestígio tendem a ser abandonadas, como é o caso da língua ucraniana em Prudentópolis. O preconceito sofrido pelos descendentes e o *status* de desprestígio da língua ucraniana fomentaram atitudes de desinteresse pelo seu uso e aprendizagem. Tais posicionamentos provocam consequências negativas para a manutenção das línguas de imigração e logo para a construção da identidade dos seus falantes.

### 3.4. A manutenção linguística

Uma vez que a língua e a cultura mantêm uma relação muito próxima, nações de grupos étnicos tendem a proteger sua língua como um componente essencial de representação do seu grupo, mas, quando se trata de uma língua minoritária, isso se torna muito difícil devido a fortes pressões externas que ela sofre (Hudyma, 2012).

Hanicz (1996) afirma que o futuro da língua ucraniana, principalmente em relação às crianças e adolescentes filhos dos imigrantes ucranianos, esvazia-se pouco a pouco, pois eles não encontram mais sentido para o domínio da língua dos antepassados. A diminuição do uso da língua pode ser explicada pelo fato de a quarta e quinta gerações de descendentes de ucranianos, nascidos no Brasil, ao contrário de seus avós, não terem um forte compromisso com a língua ucraniana.

Segundo Makarova (2015), existe um padrão na transição de uma língua minoritária para a majoritária nas gerações de imigrantes: Geração 01 (imigrantes) – O idioma minoritário é a língua mãe e é desenvolvida uma fluência funcional na língua majoritária. Geração 02 (filhos de imigrantes) – São geralmente bilíngues em ambas as línguas. Geração 03 (netos dos imigrantes) – São predominantemente monolíngues na língua majoritária, às vezes retêm algum conhecimento da língua herdada. Entretanto, esse não é sempre o caso. A manutenção de uma língua é determinada por um conjunto de fatores demográficos, sociais e culturais e a sua transição ou apagamento pode ser difícil de prever. Com base em diversos autores, Hudyma (2012) apresenta uma relação de fatores que auxiliam ou não na manutenção de uma língua minoritária, entre eles:

a) A família - é vista como o meio primário em que se adquire a língua materna e se torna um elemento chave na sua manutenção. Para a autora, se o idioma não for mantido no ambiente doméstico, dificilmente será em outro lugar. Ao citar Fishman (1991), a autora afirma que a língua falada na família está vinculada a sua identidade cultural e sua manutenção depende da decisão do país de transmiti-la ou não.

b) O fator econômico – Está atrelado aos benefícios financeiros em aprender a língua minoritária. Segundo a autora, Holmes (2001) defende que conseguir um trabalho seria a razão econômica mais óbvia para aprender um idioma majoritário.

c) O *status* de língua- O *status* da língua está atrelado ao poder socioeconômico dos seus falantes. Se for uma língua de prestígio, haverá mais interesse em aprendê-la.

d) A entrada de novos imigrantes - Favorece a renovação e, conseqüentemente, a retenção da língua minoritária na comunidade. Em países como o Canadá e Estados

Unidos, onde a emigração é um processo contínuo, há vários exemplos de sucesso na retenção de línguas minoritárias.

e) Fatores demográficos - A concentração espacial do grupo linguístico e o número de falantes - Quanto maior e mais próximos forem seus membros, maior o contato e conseqüentemente a sua retenção. A influência do sexo - a autora cita Grenier (1984), que sugere que as mulheres são mais conservadoras do que os homens em termos de mudança de língua. Faixa etária - Grenier (1984) também afirma que poucas mudanças ocorreram durante a infância e após 35 anos. As crianças, antes de frequentarem a escola, geralmente têm muita exposição à língua majoritária e os adultos com mais de 35 anos tendem a ter feito sua escolha linguística. No entanto, "a sobrevivência de uma língua é geralmente um produto de quão bem ela é transmitida e aceita pelos filhos de um grupo linguístico particular" (Pendakur, 1990, apud Hudyma 2012. p. 6). A endogamia - Hanicz (1996) também aponta que a perda do contato com a língua ucraniana se dá como consequência dos casamentos que a princípio eram feitos somente entre os membros da comunidade.

f) Políticas linguísticas e suporte institucional - O amparo institucional, ou seja, o uso de língua minoritária na educação, religião, meios de comunicação ou administração e as políticas de Estado são essenciais para impulsionar sua posição.

No caso específico de Prudentópolis, a religião foi um fator que contribuiu muito para a continuidade do uso da língua ucraniana. As famílias de descendentes, principalmente do meio rural, fazem questão de manter vivas as tradições e as celebrações, que, na maioria dos casos, são integradas ao fator religioso, tais como as celebrações da Páscoa e do Natal, dos dias santos, casamentos, festas de igreja, entre outros, que abrangem também o uso da língua.

O uso da língua nos meios de comunicação como: o jornal *Праця (Pracia)*, *Місіонар (Missionar)* nos programas de rádio, como o programa *Луна (Luna)*, a transmissão do terço e da missa em língua ucraniana da igreja matriz São Josafat, também vinculados à religião, são essenciais para manter a comunidade em contato com a língua.

Outro fator de manutenção, observado por Mezavila (2007), deve-se à tradição agrícola das famílias, pois a agricultura possibilita uma rede menor de interlocutores ao mesmo tempo em que há uma busca pela identificação com as pessoas daquele ambiente. Atualmente, há um número considerável de jovens da quarta e quinta gerações que vivem no interior de Prudentópolis e ainda dominam a língua ucraniana,

principalmente os que participam da organização comunitária, que envolve a igreja, na maioria dos casos. Por outro lado, os jovens que saem do interior para estudar ou em busca de melhores condições de vida perdem esse contato familiar e conseqüentemente com a língua ucraniana. Segundo Holmes (2001), apud Hudyma (2012), isso é explicado pelo fato de que na cidade há mais necessidade e oportunidade de se comunicar na língua majoritária, enquanto os grupos rurais ficam mais isolados e podem atender à maioria das suas necessidades sociais usando sua língua étnica.

Esses fatores extralinguísticos são fundamentais para a manutenção linguística, entretanto, pouco se fala sobre como crenças e atitudes podem interferir na transmissão de uma língua. Para Dück (2011), a atitude dos falantes a respeito de sua própria língua e variedade é um dos fatores de maior importância na manutenção de uma língua minoritária.

Essa atitude está atrelada ao prestígio da língua. Quando se trata de uma variedade dialetal que não tem a proteção de uma língua-teto, comumente também há uma postura de rejeição por parte da sociedade em relação à variedade de uma minoria. Na sociedade brasileira, via de regra, toda variedade que não está de acordo com a norma padrão é vista como inferior (DÜCK, 2011, p. 69).

Coulmas (2005) chama a atenção para o fato de que a mudança ou a manutenção linguística "ocorrem como resultado de escolhas feitas por indivíduos em uma comunidade de fala de acordo com suas próprias motivações, expectativas e objetivos que eles podem não compartilhar com outros membros" (p.168). Mesmo assim, as escolhas de indivíduos "trazem um impacto coletivo no futuro de uma comunidade de fala e sua língua" (p.168). Funkler (2016), ao citar Fishman (1972) e Pertile (2009), afirma que a atitude é o fio condutor no uso, na escolha, na manutenção e na substituição de línguas. Atitudes positivas estão associadas ao sucesso da manutenção de uma língua, assim como as negativas podem favorecer a mudança ou abandono.

As bases teóricas acerca da manutenção da língua citam a família como fator primordial. Nesse sentido, a atitude dos pais na decisão de ensinar a língua para seus filhos figura como essencial para sua continuidade. As crenças sobre a inferioridade ou superioridade de uma língua baseada no poder socioeconômico de seus falantes são outro fator de influência negativa nas atitudes com relação às línguas minoritárias. Por fim, as atitudes do poder público de desinteresse em fomentar e valorizar a heterogeneidade linguística existente no Brasil desempenham um importante papel para desestimular a aprendizagem a manutenção dessas línguas.

#### 4. METODOLOGIA E CORPUS DA PESQUISA

Neste capítulo, tratamos do *corpus* e da metodologia da pesquisa que deu origem a esta dissertação. Detalhamos os passos seguidos para a obtenção dos dados e apresentamos o perfil dos entrevistados que participaram deste trabalho.

##### 4.1 Como avaliar as crenças e atitudes?

Esta pesquisa se baseia nos princípios teóricos e metodológicos da Sociolinguística Variacionista e nos estudos de Crenças e Atitudes linguísticas e compartilha da visão mentalista, mais especificamente, a visão de López Morales (2004), o qual concebe a atitude como um componente da crença.

É importante mencionar que, embora a visão mentalista tenha sido amplamente adotada por pesquisadores de crenças e atitudes linguísticas, essa perspectiva acarreta dificuldades voltadas à metodologia. Botassini (2013), ao citar López Morales (2004), ressalta que as atitudes são vistas pelos mentalistas como um “estado de disposição” e por essa razão não se torna possível observá-las nem analisá-las diretamente. Não obstante, de acordo com Moreno Fernandez (1998 p. 186) *apud* Botassini (2013), sob a abordagem mentalista, dois métodos são mais amplamente empregados para explorar as atitudes linguísticas. Trata-se de métodos diretos e indiretos.

De acordo com Baker (1992, p. 17), existem vários métodos de pesquisa para medir atitudes individuais em relação a uma língua, tais como análise de documentos, análise de conteúdo, entrevistas, questionários, estudos de caso, autobiografias, *matched guise*, entre outros.

A aplicação de questionário pode ser considerada uma medição direta. Fasold (1984, p. 152) afirma que os questionários podem apresentar dois tipos de perguntas: abertas ou fechadas. Perguntas abertas dão ao participante a liberdade para apresentar suas opiniões, mas também abre a possibilidade para que ele se desvie do assunto, além disso, são muito difíceis de calcular. Em perguntas fechadas, o participante recebe um formato específico para registrar sua resposta. Os formatos envolvem respostas sim-não, de múltipla escolha ou esquemas de classificação. As perguntas fechadas dão um resultado mais padronizado e são mais fáceis de responder e calcular; por outro lado, não dão ao informante liberdade de responder o que quiser. Nosso questionário foi desenvolvido levando em consideração o exposto acima. Consiste de perguntas abertas e fechadas para minimizar as desvantagens e maximizar as vantagens mencionadas.

Um método indireto é projetado para evitar que os sujeitos saibam que suas atitudes linguísticas estão sendo investigadas, como é o caso da observação indireta. Para Tuwakham (2005), um bom exemplo de “entrevistas informais” com intuito de observar o uso de determinada língua e avaliar as atitudes linguísticas dos falantes, é o famoso estudo de Labov (1966) nas lojas de departamentos em Nova York, citado anteriormente. A observação é considerada o melhor método para obter dados reais em situações sociais reais; por outro lado, a desvantagem pode estar no processo demorado e a interpretação subjetiva do pesquisador. Tuwakham (2005 p. 30), com base em Walker (1982), apresenta uma escala de métodos mais ou menos diretos, colocando o questionário e a observação em posições extremas, conforme demonstra a Figura 6..

Figura 6. Escala de métodos diretos e indiretos para investigar atitudes linguísticas



Fonte: Tuwakham (2005 p. 30).

Levando em consideração o exposto acima, nossa pesquisa utilizou ambos os métodos: direto (questionário) e indireto (observação indireta).

#### **4.2. Metodologia aplicada**

O instrumento escolhido para a obtenção de dados da pesquisa foi a aplicação de questionário sociolinguístico (*vide anexo*) semiestruturado, contendo questões abertas e fechadas e observações realizadas ao longo da pesquisa. Antes do preenchimento do questionário, os participantes preencheram uma ficha social com informações pessoais e ao fim assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), autorizando a divulgação dos resultados.

#### **4.3 Questionário**

O questionário utilizado para a coleta de dados foi estruturado em cinco partes: a primeira consistiu de oito perguntas relacionadas à identificação dos participantes. A

segunda parte contemplou nove perguntas fechadas, relacionadas ao uso da língua. A terceira parte consistiu de oito perguntas fechadas com relação ao uso da mídia como forma de contato com a língua ucraniana. A quarta parte consistiu em 32 perguntas fechadas relacionadas às atitudes linguísticas com relação à língua ucraniana. A última parte contemplou 12 perguntas, que deram a oportunidade para os informantes de manifestarem suas opiniões abertamente. A construção do questionário foi baseada na pesquisa de Tuwakham (2005) e Hudyma (2012), alterado de acordo com a realidade linguística investigada. Os trabalhos citados desenvolveram seus questionários baseando-se, mas não se limitando a Baker's (1992) em seu estudo sobre atitudes linguísticas no contexto de adolescentes bilíngues em Galês – Inglês, no país de Gales.

#### **4.3.1. Parte I. Identificação**

Na primeira parte do questionário, solicitamos aos informantes que fornecessem dados pessoais, tais como: nome, endereço, sexo, idade, ocupação, nível de escolaridade, identificação étnica, geração a que pertencem e local de origem de seus antepassados.

#### **4.3.2. Parte II. Uso da língua**

Nesta parte buscamos explorar o contato e o uso da língua ucraniana pelos informantes com diversos interlocutores e apurar sua proficiência da língua ao solicitar uma estimativa de quanto eles entendem, falam, escrevem e leem nos níveis propostos: como um falante nativo, muito bem, razoavelmente bem, pouco, nada.

#### **4.3.3. Parte III. Língua e mídia**

Nesta parte, continuamos a explorar o contato pelos informantes com diversos meios de comunicação e o uso da língua ucraniana. Hudyma (2012) afirma que essa seção foi desenvolvida com base nas afirmações de Mackey's (2004) o qual destaca a importância do acesso aos meios de comunicação em língua minoritária para sua retenção.

#### **4.3.4 Parte IV. Crenças e atitudes linguísticas**

No primeiro bloco de perguntas sobre crenças e atitudes, os informantes foram questionados sobre a importância da língua para satisfazer diversas necessidades nas seguintes escalas:

- 1) *Sem importância*
- 2) *Pouco importante*
- 3) *Importante*

- 4) *Muito importante*
- 5) *Crucial*

No bloco seguinte, solicitamos aos informantes que assinalassem a alternativa que melhor representasse sua opinião com relação à língua ucraniana.

- 1) *Concordo plenamente*
- 2) *Concordo parcialmente*
- 3) *Não concordo nem discordo*
- 4) *Discordo parcialmente*
- 5) *Discordo plenamente*

No último bloco, solicitamos a opinião dos informantes sobre os fatores que eles consideravam mais importantes para a manutenção da língua. Os fatores listados poderiam ser classificados como:

- 6) *Sem importância*
- 7) *Pouco importante*
- 8) *Importante*
- 9) *Muito importante*
- 10) *Crucial*

#### **4.3.5. Parte V. Perguntas abertas**

Na última parte do questionário, optamos por perguntas abertas para que nossos informantes pudessem expressar suas opiniões de forma mais ativa, já que as fechadas lhes ofereceram apenas a possibilidade de escolha das opções pré-construídas.

#### **4.3.6. Distribuição do questionário**

O contato prévio com os informantes residentes na área urbana foi feito por intermédio de diversos meios de comunicação, como o telefone, a rede social *Facebook* e o *e-mail*. Foi também por intermédio desses meios que parte dos questionários foi distribuída e recebida, enquanto outra parcela foi entregue e recolhida pessoalmente.

Na área rural do município, nem todos os informantes possuíam acesso a computadores ou à internet. Sendo assim, os questionários foram impressos e levados até eles em diversas ocasiões de visita à comunidade. A coleta de dados na área rural foi um pouco mais trabalhosa e levou mais tempo de ser concluída do que o previsto. Em várias situações, a pesquisadora teve que retornar mais de uma vez para coletar os

questionários. Houve casos em que alguns dos informantes não se encontravam em casa, outros alegavam que havia muito trabalho na roça e que não tinham tido tempo para respondê-lo, houve ainda casos de perda do material e alguns mudaram de ideia e desistiram de participar da pesquisa.

#### **4.4. Observação**

As observações do pesquisador fizeram parte de momentos mais informais do trabalho. Foram realizadas durante participações em diversos eventos sociais frequentados pela juventude nas comunidades, como casamentos, festas de igreja, noite ucraniana, chá beneficente, missas, novenas, visita a escolas, reunião de jovens, entre outros e também em visitas aos informantes e suas famílias.

Essas oportunidades propiciaram conversas e discussões acerca do cotidiano das pessoas, bem como da sua vida social e cultural e, obviamente, acerca da língua ucraniana. Para o pesquisador, as interações relatadas propiciaram uma perspectiva geral do contexto social em que seus informantes estavam inseridos, foram essenciais para testemunhar o uso da língua em situações reais e auxiliaram na compreensão da dinâmica na relação entre língua ucraniana e seus falantes.

#### **4.5. Corpus da pesquisa**

Para compor o *corpus* deste trabalho foram selecionados 40 informantes residentes no município de Prudentópolis. Os informantes foram distribuídos em duas variáveis sociais: sexo e local de residência.

Todos os participantes selecionados são descendentes de ucranianos e falantes da língua, dos quais 20 deles – 10 do sexo masculino e 10 do feminino - vivem na área urbana, possuem ensino superior e trabalham em diversos setores. Os outros 20 participantes - 10 do sexo masculino e 10 do feminino - vivem na área rural, possuem ensino fundamental e médio e trabalham na agricultura. A faixa etária dos jovens foi delimitada entre 22 e 32 anos.

A princípio, a intenção era trabalhar com três variáveis: sexo, local de residência e nível de escolaridade. Entretanto, no que concerne à educação, embora as facilidades, que se apresentaram nos últimos anos no interior do município (como a oferta do ensino médio nos colégios do campo), implicaram a continuidade dos estudos entre os jovens agricultores e tornaram escasso o número dos que não completaram o ensino médio, poucos avançaram para o ensino superior e os que o fizeram acabaram migrando para outras cidades. Como todos os nossos informantes da cidade possuem ensino superior,

foi difícil encontrar o mesmo número de pessoas na área rural. Sendo assim, neste trabalho levamos em consideração as variáveis sexo e local de residência.

A delimitação da faixa etária para participação da pesquisa se justifica pelo fato de se tratar de pessoas que, em sua maioria, já estão entrando no mercado de trabalho ou já estão nela inseridos e de certa forma estabilizados. Trata-se também de jovens mais maduros, com uma probabilidade alta de já terem feito suas escolhas linguísticas.

As informações extraídas da ficha social mostram que, além das línguas portuguesa e ucraniana, alguns dos participantes também afirmam falar inglês, espanhol e polonês.

Os dados sobre os informantes podem ser mais bem visualizados na tabela 1:

Tabela 1. Dados dos informantes da pesquisa

INFORM.	IDADE	SEXO	ESCOLARIDADE	PROFISSÃO	ETNIA	LÍNGUAS
01	27	M	Ens. Fund.	Agricultor	Ucraniana	Ucraniano/Português
02	24	M	Ens. médio	Agricultor	Ucraniana	Ucraniano/Português
03	32	M	Ens. médio	Agricultor	Ucraniana	Ucraniano/Português
04	31	M	Ens. médio	Agricultor	Ucraniana	Ucraniano/Português
05	27	M	Ens. Fund.	Agricultor	Ucraniana	Ucraniano/Português
06	32	M	Ens. médio	Agricultor	Ucraniana	Ucraniano/Português
07	27	M	Ens. médio	Agricultor	Ucraniana	Ucraniano/Português
08	28	M	Ens. Fund.	Agricultor	Ucraniana	Ucraniano/Português
09	23	M	Ens. médio	Agricultor	Ucraniana	Ucraniano/Português
10	22	M	Ens. médio	Agricultor	Ucraniana	Ucraniano/Português
11	24	F	Ens. médio	Dona de casa	Ucraniana	Ucraniano/Português
12	29	F	Ens. médio	Agricultora	Ucraniana	Ucraniano/Português
13	29	F	Ens. médio	Agricultora	Ucraniana	Ucraniano/Português
14	29	F	Ens. médio	Agricultora	Ucraniana	Ucraniano/Português
15	25	F	Ens. médio	Agricultora	Ucraniana	Ucraniano/Português
16	30	F	Ens. médio	Agricultora	Ucraniana	Ucraniano/Português
17	23	F	Ens. médio	Agricultora	Ucraniana	Ucraniano/Português
18	24	F	Ens. médio	Agricultora	Ucraniana	Ucraniano/Português
19	31	F	Ens. médio	Agricultora	Ucraniana	Ucraniano/Português
20	24	F	Ens. médio	Agricultora/ Estagiaria	Ucraniana	Ucraniano/Português
21	32	M	Ens. superior incompleto.	Marceneiro	Ucraniana	Ucraniano/Português
22	30	M	Ens. superior	Mecânico/ professor	Ucraniana	Ucraniano/Português/ Inglês.

23	32	M	Ens. superior	Secretário de finanças	Ucraniana	Ucraniano/Português/ Inglês.
24	30	M	Ens. superior	Contador	Ucraniana	Ucraniano/Português
25	28	M	Ens. superior	Auxiliar administrativo	Ucraniana	Ucraniano/Português
26	30	M	Ens. superior	Professor	Ucraniana	Ucraniano/Português
27	23	M	Ens. superior	Agrônomo	Ucraniana	Ucraniano/Português
28	31	M	Ens. superior	Economiário	Ucraniana	Ucraniano/Português
29	30	M	Ens. superior	Professor	Ucraniana	Ucraniano/Português
30	32	M	Ens. superior	Servidor público	Ucraniana	Ucraniano/Português
31	29	F	Ens. superior	Professora	Ucraniana	Ucraniano/Português /Inglês
32	31	F	Ens. superior	Auxiliar adm.	Ucraniana	Ucraniano/Português
33	28	F	Ens. superior	Professora	Ucraniana	Ucraniano/Português
34	25	F	Ens. superior	Gerente de departamento	Ucraniana	Ucraniano/Português
35	27	F	Ens. superior	Bancária	Ucraniana	Ucraniano/Português
36	32	F	Ens. superior	Auxiliar adm.	Ucraniana	Ucraniano/Português
37	32	F	Ens. Superior	Estudante/ Secretária	Ucraniana	Ucraniano/Português
38	29	F	Ens. Superior	Ass. de negócio	Ucraniana	Ucraniano/Português
39	31	F	Ens. Superior	Professora	Ucraniana	Ucraniano/Português
40	24	F	Ens. Superior	Estudante	Ucraniana	Ucraniano/Português/ /Polonês e Espanhol

## 5. RESULTADOS

*Falar em ucraniano é como declamar um poema!*

*(Informante 21ZUM).*

Apresentamos, neste capítulo, os resultados obtidos por meio do questionário sociolinguístico aplicado aos informantes da pesquisa. Conforme já destacamos na metodologia, dele participaram 40 informantes: 20 do sexo feminino e 20 do masculino, sendo 20 residentes na área urbana e 20 na área rural, com faixa etária entre 22 e 32 anos. O questionário divide-se em cinco seções de perguntas. Na primeira parte, trazemos dados de identificação dos informantes; na segunda, buscamos conhecer o contato que eles possuem com a língua ucraniana; na terceira, continuamos a explorar seu contato com essa língua através do acesso a diferentes meios de comunicação; na quarta parte, abordamos as crenças e atitudes dos falantes com relação à língua ucraniana e a sua manutenção. Até a quarta seção, todos os dados foram calculados e serão apresentados em formato de tabelas e gráficos. Já na quinta seção, que continua a tratar das crenças e atitudes, as perguntas foram abertas e seus dados serão relatados em formato descritivo.

### 5.1. Apresentação e análise dos dados obtidos

#### Parte 1. Identificação.

As três primeiras tabelas são referentes às informações extraídas da seção I, que correspondem à identificação dos informantes. Alguns dados coletados na primeira seção já foram utilizados para a construção da Tabela I, no capítulo anterior, e não serão repetidos.

Tabela 2. Você se identifica como: ucraniano, ucraniano brasileiro, brasileiro ou outro?

	ÁREA RURAL			ÁREA URBANA			Total Geral
	F – EM	M – EM	Subtotal	F – ES	M – ES	Subtotal	
UA	1 (2,5%)	-	1 (2,5%)	-	-	-	1 (2,5%)
UA-BR	9 (2,5%)	10 (25%)	19 (4,8%)	10(25%)	8 (20%)	18(45%)	37(93%)
BR	-	-	-	-	2 (5%)	2 (5%)	2 (5%)

Legenda: F = Feminino. M= Masculino. EM= Ensino médio. ES = Ensino superior. UA- ucraniano. UA-BR ucraniano-brasileiro. BR- brasileiro.

A Tabela 2 mostra alta tendência entre os informantes em identificar-se como ucraniano-brasileiros, tanto na área rural quanto na urbana. Essa foi a opção de 93% dos entrevistados. Na área rural, a resposta foi unânime para todos os informantes do sexo masculino (25%). Já no caso do sexo feminino, 23% se identificam como ucraniano-brasileiras e apenas uma pessoa, ou seja, 2,5%, como ucraniana. Na área urbana, a resposta foi unânime para todos (25%) os informantes do sexo feminino. Já no caso do sexo masculino, 20% se identificam como ucraniano-brasileiros e apenas dois informantes (5%) como brasileiros.

Tabela 3. À qual geração de brasileiros com descendência ucraniana você pertence?<sup>24</sup>

	ÁREA RURAL		Subtotal	ÁREA URBANA		Subtotal L	Total Geral
	F – EM	M – EM		F – ES	M – ES		
1º	-	-	-	-	-	-	0
2º	-	-	-	-	-	-	0
3º	-	-	-	-	1(2,5%)	1(2,5%)	1 (2,5%)
4º	7(17,5%)	6(15%)	13(32,5%)	9(22,5%)	8 (20%)	17(42,5%)	30(75%)
5º	3 (7,5%)	2 (5%)	5 (12,5%)	1(2,5%)	-	1(2,5%)	6 (15%)
Não sei	-	2 (5%)	2 (5%)	-	1(2,5%)	1(2,5%)	3 (7,5%)

Legenda: F = Feminino. M= Masculino. EM = Ensino Médio. ES = Ensino Superior.

De acordo com as informações constantes da Tabela 3, a maioria (76%) dos informantes pertence à quarta geração de brasileiros com descendência ucraniana; 16% à quinta geração e apenas um (2,5%) à terceira. Três informantes do sexo masculino - dois residentes na área rural (5%) e um (2,5%) na urbana - não souberam responder. O informante 23ZRM mencionou, ao lado da pergunta, que nunca havia tocado neste assunto com sua família.

A Tabela 4 traz os dados sobre a origem dos ascendentes dos jovens investigados.

<sup>24</sup> Classificamos as gerações de descendentes de acordo com Hudyma (2012).

- Primeira - A pessoa imigrou para o Brasil quando tinha 18 anos ou mais.
- Segunda - A pessoa imigrou quando criança ou pelo menos um dos seus pais imigrou para o Brasil.
- Terceira - A pessoa nasceu no Brasil e pelo menos um dos seus avós imigrou para o Brasil.
- Quarta - A pessoa nasceu no Brasil e pelo menos um de seus bisavós imigrou para o Brasil.
- Quinta - A pessoa nasceu no Brasil e pelo menos um de seus trisavós imigrou para o Brasil.

Tabela 4. Você é descendente de ucranianos de qual cidade ou região da Ucrânia?

	ÁREA RURAL			ÁREA URBANA			Total Geral
	F – EM	M – EM	Subtotal	F – ES	M –ES	Subtotal	
Não sei	9(22,5%)	9(22,5%)	18(45%)	6(15%)	6 (15%)	12(30%)	30 (75%)
Galícia	1 (2,5%)	1(2,5%)	2(5%)	4(10%)	4(10%)	8(20%)	10(25%)

Legenda: F = Feminino. M= Masculino. EM = Ensino Médio. ES = Ensino Superior.

A maioria dos informantes não soube responder de que região da Ucrânia vieram seus antepassados, como podemos ver na Tabela 4, pois, 45% dos informantes, tanto do sexo masculino quanto do feminino, residentes na área rural, declararam desconhecer a região de origem dos antepassados. Apenas uma pessoa do sexo masculino (2,5%) e uma do feminino (2,5%) disseram que seus antepassados são originalmente da região da Galícia. Já na área urbana, 20% dos residentes - quatro de cada sexo - afirmaram que seus antepassados vieram da Galícia. Outros 30%, três de cada sexo, não souberam responder.

Existe uma Linha<sup>25</sup> no interior da cidade de Prudentópolis chamada “Nova Galícia”, assim nomeada em consideração à região do oeste da Ucrânia chamada Galícia (Halychyna), de onde veio grande parte da imigração ucraniana. Muitas pessoas têm esse nome como referência, o que não significa que saibam com precisão de onde saíram seus antepassados. Uma das informantes da pesquisa, por exemplo, colocou “Nova Galícia” como resposta.

Como podemos observar, apesar de todos os informantes terem nascido no Brasil e a parcela predominante pertencer à quarta geração de descendentes, 93% se definem como “ucraniano-brasileiros”, o que demonstra uma forte identificação com o grupo étnico a que pertencem.

A segunda parte da investigação para este trabalho diz respeito ao uso da língua ucraniana pelos informantes.

<sup>25</sup> Quando os imigrantes chegaram a Prudentópolis foram sendo instalados em lotes próximos à sede. Para facilitar a administração da colônia, esta foi dividida em Núcleos rurais também chamados de Linhas ou Linhas vicinais. "Prudentópolis foi dividido em uma série de linhas que obedecem a um sistema geométrico definido e magnífico (...). Tão perfeita é essa divisão que se pudéssemos iluminar essas linhas, nosso município pareceria uma cidade com suas ruas perfeitas, em perfeitos ângulos retos". (TRIBUNA ACADÊMICA, 1963, *apud* GUIL, 2015. p. 20).

## Parte II. Uso da língua.

Os resultados referentes à utilização da língua pelos informantes são demonstrados nas Tabelas 5 a 10 e nos gráficos I e II.

Na Tabela 5 podemos verificar os resultados atribuídos ao uso da língua ucraniana e se essa foi predominante durante a infância.

Tabela 5. O ucraniano foi a língua predominante na sua infância?

	ÁREA RURAL			ÁREA URBANA			Total Geral
	F – EM	M – EM	Subtotal	F – ES	M – ES	Subtotal	
Sim	10(25%)	9(22,5%)	19(47,5)	9(22,5%)	8(20%)	17(42,5)	36 (90%)
Não		1(2,5%)	1(2,5%)	1 (2,5%)	2 (5%)	3(7,5%)	4 (10%)

Legenda: F = Feminino. M= Masculino. EM = Ensino Médio. ES = Ensino Superior.

Os números da Tabela 5 mostram que a grande maioria dos informantes teve forte contato com a língua ucraniana durante a infância. O resultado é unânime para as informantes do sexo feminino residentes na área rural. Entre os do sexo masculino, a resposta é negativa para apenas um deles. Já na área urbana, a resposta é negativa para apenas uma mulher e dois homens. Como vimos na Tabela 3, a maioria dos nossos informantes fazem parte da quarta e quinta gerações de descendentes. Este resultado contraria o padrão de transição de uma língua minoritária para a majoritária nas gerações de imigrantes, apontado por Makarova (2015), o qual sugere que a terceira geração passa a ser predominantemente monolíngue na língua majoritária.

Na Tabela 6 expomos os resultados da pergunta sobre a inclusão do ucraniano na vida escolar dos informantes.

Tabela 6. Você estudou ucraniano na escola?

	ÁREA RURAL			ÁREA URBANA			Total Geral
	F – EM	M – EM	Subtotal	F – ES	M – ES	Subtotal	
Sim	4(10%)	3 (7,5%)	7(17,5%)	7(17,5%)	7(17,5%)	14(35%)	21(52,5%)
Não	6(15%)	7(17,5%)	13(32.5%)	3 (7,5%)	3 (7,5%)	6 (15%)	19(47,5%)

Legenda: F = Feminino. M= Masculino. EM = Ensino Médio. ES = Ensino Superior.

De acordo com a Tabela 6, apenas 17,5% dos informantes do interior declararam ter estudado a língua ucraniana na escola, sendo 10% das mulheres e 7,5% dos homens. Já na cidade, esse número dobra, pois, no total, 35% dos informantes afirmam ter estudado a língua, ou seja, o mesmo número (17,5%) de homens e mulheres. Como

podemos verificar, o número de pessoas que estudou a língua ucraniana na escola é praticamente igual ao das que não a estudaram. Como mencionamos anteriormente, diversas escolas em Prudentópolis incluíam a língua ucraniana no seu currículo até recentemente, possibilitando acesso ao seu ensino.

A Tabela 7 traz resultados acerca do acesso que os informantes tiveram a cursos de língua ucraniana.

Tabela 7. Você frequentou algum curso de língua ucraniana?

	ÁREA RURAL			ÁREA URBANA			Total Geral
	F – EM	M – EM	Subtotal	F – ES	M – ES	Subtotal	
Sim	8(20%)	4(10%)	12(30%)	7(17,5)	6(15%)	13(32,%)	25(62,5%)
Não	2 (5%)	6(15%)	8(20%)	3(7,5%)	4(10%)	7(17,5%)	15(37,5%)

Legenda: F = Feminino. M= Masculino. EM = Ensino Médio. ES = Ensino Superior.

Na Tabela 7, observa-se que o número de pessoas que frequentaram algum curso de língua ucraniana é maior (62,5%) do que o que estudou a língua na escola (52,5%), como vimos anteriormente na tabela 6. Responderam afirmativamente 30% dos informantes do interior, 20% das mulheres e 10% dos homens. Já na cidade 32%, sendo 17% mulheres e 15% homens. Observa-se que os informantes da cidade tiveram mais acesso ao ensino de língua ucraniana, na escola, ou em cursos de língua e que, de maneira geral, as mulheres se sobressaem.

A Tabela 8 traz dados sobre o engajamento dos informantes nas organizações sociais relacionadas à língua e cultura ucraniana.

Tabela 8. Você pertence a algum grupo ou organização relacionados à cultura ou língua ucraniana?

	ÁREA RURAL			ÁREA URBANA			Total Geral
	F – EM	M – EM	Subtotal	F – ES	M – ES	Subtotal	
Sim	7(17,5%)	5(12,5%)	12(30%)	5(12,5%)	9(22,5%)	14(35%)	26 (65%)
Não	3(7,5%)	5(12,5%)	8 (20%)	5(12,5%)	1(2,5%).	6(15%)	14(35%)

Legenda: F = Feminino. M= Masculino. EM = Ensino Médio. ES = Ensino Superior.

De acordo com a Tabela 8, a maioria (65%) dos participantes pertence a algum grupo nos quais há possibilidade de contato com a língua. Desse total, 30% dos participantes (17% das mulheres e 12,5% dos homens) residem no campo, e 35% (12,5% das mulheres e 22,4% dos homens), na cidade. Nota-se que, na área urbana, o

percentual geral é um pouco mais elevado e que os homens participam mais, enquanto no interior a participação maior é das mulheres. Possivelmente, esse resultado se deva ao fato de haver mais opções na cidade, como os grupos de jovens, grupos folclóricos, o grupo de Cossacos, corais, entre outros. No interior, os solteiros geralmente participam do grupo de jovens e depois de casados passam a fazer parte do Apostolado da Oração.

A Tabela 9 apresenta o percentual de jovens que participa de celebrações religiosas que ocorrem na língua ucraniana nas igrejas existentes no município.

Tabela 9. Você participa de alguma igreja ucraniana na qual as celebrações ocorrem em língua ucraniana?

	ÁREA RURAL			ÁREA URBANA			Total Geral
	F – EM	M – EM	Subtotal	F – ES	M – ES	Subtotal	
Sim	10(25%)	10(25%)	20(50%)	10(25%)	10(25%)	20(50%)	40 (100%)
Não							0%

Legenda: F = Feminino. M= Masculino. EM = Ensino Médio. ES = Ensino Superior.

A resposta para essa pergunta foi unânime, porque 100% dos informantes participam de alguma igreja ucraniana. O resultado aponta para a importância da religião para a comunidade ucraniana, que serve também como um dos meios mais importantes para a manutenção da língua.

A Tabela 10 nos mostra a frequência do uso da língua ucraniana pelos informantes.

Tabela 10. Com que frequência você usa a língua ucraniana hoje em dia?

	ÁREA RURAL			ÁREA URBANA			Total Geral
	F – EM	M – EM	Subtotal	F – ES	M – ES	Subtotal	
Sempre	2(5%)	3(7,5%)	5(12,5%)	2(5%)	3(7,5%)	5(12,5%)	10 (25%)
Com frequência	4(10%)	3(7,5%)	7(17,5%)	6(15%)	3(7,5%)	9(22,5%)	16 (40%)
Às vezes	4(10%)	4(10%)	8(20%)	2(5%)	2(5%)	4(10%)	12(30%)
Raramente	-	-	-	-	2(5%)	2(5%)	2(5%)
Nunca	-	-	-	-	-	-	-

Legenda: F = Feminino. M= Masculino. EM = Ensino Médio. ES = Ensino Superior.

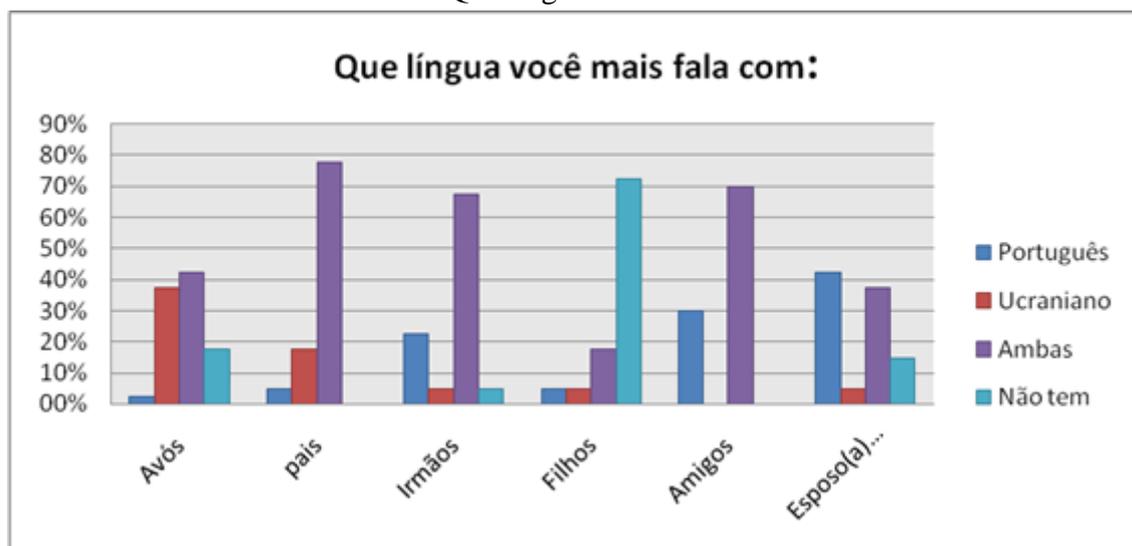
De acordo com a Tabela 10, 25% dos informantes afirmam que utilizam a língua ucraniana *sempre*, 40% *com frequência*, 30% *às vezes*, apenas 5% *raramente* e ninguém se mostrou totalmente alheio a ela. Para a opção *sempre*, temos um número igual de participantes – 12,5% da cidade e 12,5% do interior. Os homens se sobressaem em um

dígito de diferença em ambos os casos. A opção *com frequência* foi eleita por 17,5% dos residentes na área rural, sendo quatro mulheres e três homens. Na área urbana, por 22,5% pessoas, sendo seis mulheres e três homens. Às vezes foi a opção de 20% no interior - quatro homens e quatro mulheres – e 10% da cidade dois homens e duas mulheres. *Raramente* foi a opção de dois homens residentes na área urbana.

A Tabela 10 reflete, desse modo, um resultado equilibrado tanto da área urbana quanto na rural, e, ao mesmo tempo, positivo quanto ao uso da língua: apenas 5% afirmam utilizá-la raramente enquanto no total 95% a utilizam sempre, *com frequência* e *às vezes*.

Para melhor visualizar o uso da língua, elaboramos o Gráfico 1, o qual mostra um panorama geral das atitudes dos informantes referentes à escolha linguística ao se comunicarem com seus familiares, amigos, cônjuges e namorado (a).

Gráfico 1. Que língua você mais fala com:

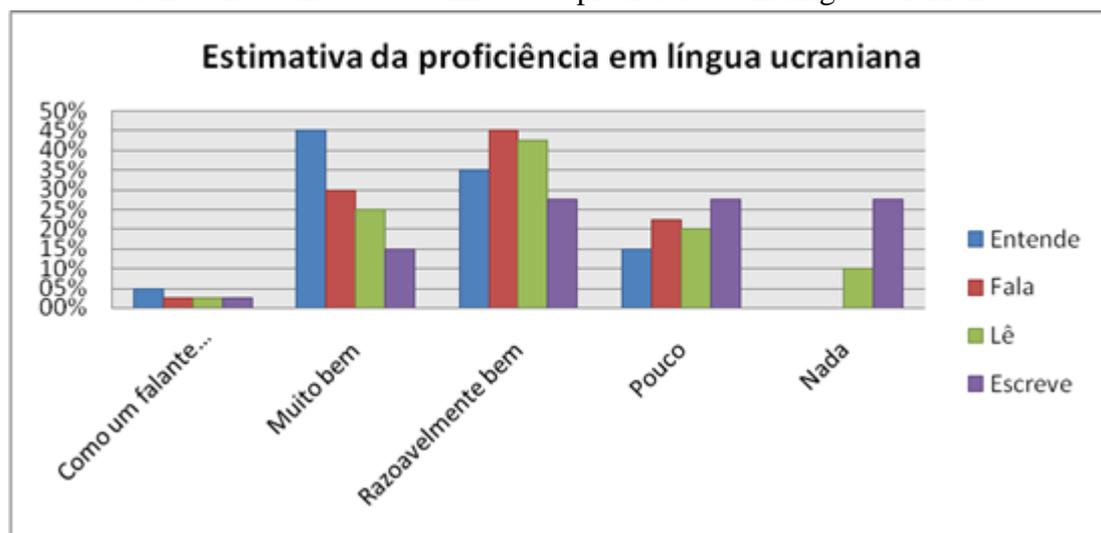


Segundo os números do Gráfico 1, para se comunicar com os **avós**, a maioria dos informantes (42,5%) utiliza tanto português quanto ucraniano, enquanto 37,5%, o ucraniano e 2,5%, o português. 17,5% não possuem mais os avós vivos. Com os **pais**, a maioria (77,5%) afirma utilizar ambas as línguas, 17,5%, o ucraniano e apenas 5%, o português. Com os **irmãos**, a maioria (67,5%) também utiliza ambas as línguas, enquanto 22,5% preferem o português e apenas 5% o ucraniano. Outros 5% não possuem irmãos. A maioria dos informantes (72,5%) não possui **filhos** ainda. Dos que os possuem, 17,5% utilizam ambas as línguas, enquanto 5%, o português e outros 5%, o

ucraniano. Com os **amigos**, a maioria (70%) fala ambas as línguas e outros 30% somente português. Com **marido, esposa** ou **namorado** (a), a maioria (42,5%) fala português. Ambas são faladas por 37,5% dos informantes enquanto o ucraniano por apenas 5%. 15% não são comprometidos ainda. Os resultados apontam para a predominância do bilinguismo nas interações e o uso do ucraniano se mostra mais notável na comunicação com os membros mais velhos da família. Já com o marido, esposa ou namorado, a predominância é do português uma vez que os relacionamentos e casamentos muitas vezes ocorrem com pessoas de outros grupos étnicos ou monolíngues do português.

O Gráfico 2 ilustra, de maneira geral, como os informantes avaliam suas habilidades de compreensão, de fala, de leitura e de escrita em língua ucraniana. A escala apresentada aos informantes continha as opções: *Como um falante nativo, muito bem, razoavelmente bem, pouco e nada*.

Gráfico 2. Como você estima a sua proficiência em língua ucraniana?



De acordo com o ilustrado no Gráfico 2, a maioria (45%) afirma **compreender** a língua ucraniana *muito bem*; na sequência, *razoavelmente bem* (35%), *pouco* (15%) e como um *falante nativo* (5%). No que concerne a suas habilidades de **fala**, a maioria (45%) julga falar *razoavelmente bem*, seguidos de *muito bem* (30%), *pouco* (22,5%) e como um *falante nativo* (2,5%). Em relação à **leitura**, a maioria (42,5%) afirma ler *razoavelmente bem*, seguidos de *muito bem* (25%), *pouco* (20%), *nada* (10%), e como um *falante nativo* (2,5%). Quanto à **escrita**, o Gráfico 2 mostra o mesmo número

(27,5%) para *razoavelmente bem, pouco e nada*, seguidos de  *muito bem* (15%) e como um *falante nativo* (2,5%).

Nesta seção pudemos observar que a parcela maior dos informantes teve a língua ucraniana como predominante na infância e teve acesso ao seu ensino, seja na escola ou em cursos de línguas. A maioria também declara pertencer a grupos e organizações voltadas à cultura ucraniana e à igreja. A igreja, como já afirmamos anteriormente, se constitui, como um dos mais importantes espaços de socialização, principalmente na área rural do município e oferece possibilidades de aprendizagem da língua materna tanto na participação das cerimônias e eventos religiosos, quanto nas aulas de catequese, que são ministradas parcialmente em língua ucraniana. Os dados da tabela 10 indicam que a língua é utilizada em diferentes proporções no dia a dia por todos os informantes.

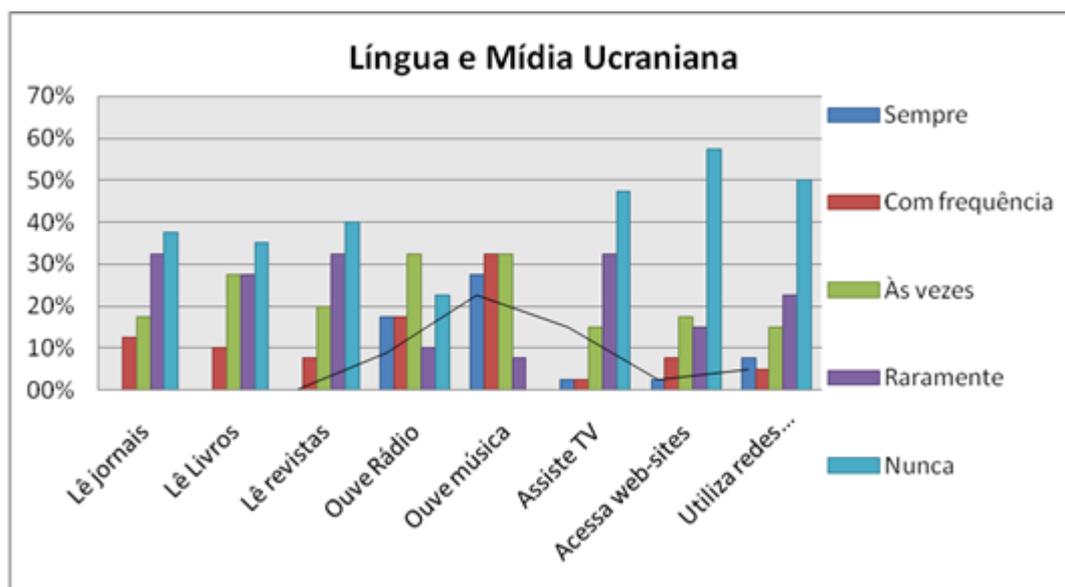
No que tange às atitudes dos informantes referentes à escolha linguística ao se comunicarem com as pessoas próximas, observamos que o ucraniano é mais utilizado para a comunicação com os membros mais velhos da família, já com os pais, irmãos e filhos predomina o bilinguismo. Com o esposo(a) ou namorado(a), predomina a língua portuguesa, pois é provável que essas pessoas não tenham descendência ucraniana. Na autoavaliação de proficiência proposta, dentre as quatro habilidades, a escrita é avaliada com os conceitos mais baixos enquanto a compreensão é a opção mais bem avaliada.

A terceira parte da investigação para este trabalho diz respeito ao acesso que os informantes têm à mídia em língua ucraniana.

### **Parte III. Língua e mídia**

O Gráfico 3 traz o resultado da **terceira** seção de perguntas referentes à exposição dos participantes a diferentes meios de comunicação ucranianos ou em língua ucraniana, como: televisão, rádio, música, livros, jornais, revistas e internet.

Gráfico 3. Com que frequência você tem acesso à mídia em língua ucraniana?



Como mostra o Gráfico 3, a maioria *nunca* (37,5%) ou *raramente* (37,5%) lê **jornais** em ucraniano enquanto 17,5% afirmaram ler *às vezes* e 12,5% *com frequência*. Com relação à leitura de **livros**, a maioria (35%) declara *nunca* fazê-lo, seguidos de 27% tanto para *raramente* quanto para *às vezes* e de 10% para a opção *com frequência*. As **revistas** *nunca* são lidas por 40% dos informantes, seguidos de *raramente* por 32,5%, *às vezes* por 20% e *sempre* por apenas 7,5%. A maioria (32,5%) ouve **rádio** *às vezes*, 22,5% *nunca*, 17,5% o fazem *sempre*, 17,5% *com frequência* e 10% *raramente*. Com relação à **música** ucraniana, 32,5% declaram ouvi-la *com frequência*, 32,5% *às vezes*, seguidos de 27% para *sempre* e 7,5% *raramente*. Praticamente metade dos informantes (47,5%) declarou *nunca* assistir **canais de TV** ucranianos. Outros 32,5% o fazem *raramente*, 15% *às vezes* e 2,5% *com frequência* e 2,5% *sempre*. O acesso à **web sites** ucranianos ou em ucraniano também não é uma prática popular entre os informantes. Mais da metade (57,5%) selecionou a opção *nunca*, seguido de *às vezes* (17,5%), *raramente* (15%) *com frequência* (7,5%) e *sempre* (2,5%). As **mídias sociais** *nunca* são utilizadas por 50% dos informantes. Outros 22,5% o fazem *raramente*, 15% *às vezes*, 7,5% *sempre* e 5% *com frequência*.

Os dados apontam que há pouco contato dos informantes com a mídia em língua ucraniana. As opções que se mostraram mais populares são a música e o rádio.

Na parte IV trazemos os resultados das questões relacionadas às crenças e atitudes dos informantes com relação à língua ucraniana.

#### Parte IV. Crenças e atitudes linguísticas

Na **quarta** seção, pedimos aos informantes uma avaliação acerca da importância da língua ucraniana para as pessoas suprirem as seguintes necessidades: 1) Ser aceito na comunidade ucraniana. 2) Adquirir sucesso profissional. 3) Identificar-se como ucraniano brasileiro. 4) Viajar. 5) Associar-se com amigos. 6) Manter tradições. 7) Reunir gerações da família. Os informantes deveriam escolher a resposta que melhor retratasse sua opinião dentro da escala: 1 Sem importância. 2. Pouco importante. 3. Importante. 4. Muito importante. 5 Crucial.

Os resultados que constam da Tabela 11 dizem respeito à avaliação sobre a importância do conhecimento do idioma para uma pessoa ser aceita na comunidade ucraniana.

Tabela 11. Qual é a importância da língua ucraniana para ser aceito na comunidade ucraniana?

	ÁREA RURAL			ÁREA URBANA			Total Geral
	F – EM	M – EM	Subtotal	F – ES	M – ES	Subtotal	
1	1(2,5%).	1(2,5%).	2(5%)	1(2,5%)		1(2,5%)	3(7,5%)
2							
3	5(12,5%)	5(12,5%)	10(25%)	2(5%)	7(17,5%)	9(22,5%)	19(47,5%)
4	3(7,5%)	4(10%)	7(17,5%)	6(15%)	1(2,5%).	7(17,5%)	14(35%)
5	1(2,5%).		1(2,5%)	1(2,5%).	2(5%)	3(7,5%)	4(10%)

Legenda: 1 Sem importância. 2. Pouco importante. 3. Importante. 4. Muito importante. 5 Crucial.

De acordo com a Tabela 11, a maioria (19%) selecionou a opção *importante*, seguido de *muito importante* (14%), *crucial* (10%) e *sem importância* (3%). No interior, a opção mais escolhida foi *importante* por 12% dos homens e 12% das mulheres. O mesmo ocorreu na cidade por 17,5% dos homens e 22,5% das mulheres. A importância dada à língua ucraniana para a aceitação na comunidade demonstra que os informantes a consideram como um fator de integração, pertencimento e identificação com o grupo.

A Tabela 12 apresenta a opinião dos informantes acerca da importância da língua ucraniana para a obtenção de sucesso profissional.

Tabela 12. Qual é a importância da língua ucraniana para adquirir sucesso profissional?

	ÁREA RURAL			ÁREA URBANA			Total Geral
	F – EM	M – EM	Subtotal	F – ES	M – ES	Subtotal	
1	-	-	-	-	-	-	-
2	-	2(5%)	2(5%)	3(7,5%)	3(7,5%)	6(15%)	8(20%)
3	5(12,5%)	6(15%)	11(27,5%)	4(10%)	4(10%)	8(20%)	19(47,5%)
4	5(12,5%)	2(5%)	7(17,5%)	2(5%)	2(5%)	4(10%)	11(27,5%)
5	-	-	-	1(2,5%).	1(2,5%).	1(2,5%)	2(5%)

Legenda: 1 Sem importância. 2. Pouco importante. 3. Importante. 4. Muito importante. 5 Crucial.

Pelos dados da Tabela 12, o uso da língua como meio para adquirir sucesso profissional foi considerado *importante* por praticamente metade (47,5%) dos informantes, seguido de *muito importante* (27,5%), *pouco importante* (20%) e *crucial* por (5%). *Importante* foi a opção mais escolhida por ambos os sexos tanto no interior (27,5%) quanto na cidade (20%).

Na Tabela 13 verificamos a importância dada à língua ucraniana para uma pessoa ser considerada “ucraniano-brasileira”.

Tabela 13. Qual é a importância da língua ucraniana para identificar-se como ucraniano brasileiro?

	ÁREA RURAL			ÁREA URBANA			Total Geral
	F – EM	M – EM	Subtotal	F – ES	M – ES	Subtotal	
1	-	-	-	-	-	-	-
2	-	-	-	1(2,5%).	1(2,5%).	2(5%)	2(5%)
3	-	6(15%)	6(15%)	2(5%)	7(17,5%)	9(22,5%)	15(37,5%)
4	3(7,5%)	3(7,5%)	6(15%)	5(12,5%)		5(12,5%)	11(27,5%)
5	7(17,5%)	1(2,5%).	8(20%)	2(5%)	2(5%)	4(10%)	12(30%)

Legenda: 1 Sem importância. 2. Pouco importante. 3. Importante. 4. Muito importante. 5 Crucial.

Na tabela 13, para identificar-se como ucraniano-brasileiro, *importante* foi a opção mais votada (37,5%), seguida por *crucial* (30%), *muito importante* (27,5%) e *pouco importante* (5%). Na área rural, a opção *crucial* foi eleita pela maioria das mulheres enquanto os homens optaram por *importante*. a maioria dos informantes do sexo masculino da área urbana optou por *importante* enquanto as do sexo feminino por *muito importante*. os resultados demonstram, novamente, a importância da língua como fator de identificação com o grupo a que pertencem.

A Tabela 14 diz respeito à importância dada pelos informantes à língua ucraniana no quesito viagem.

Tabela 14. Qual é a importância da língua ucraniana para viajar?

	ÁREA RURAL			ÁREA URBANA			Total Geral
	F – EM	M – EM	Subtotal	F – ES	M – ES	Subtotal	
1	-	-	-	1(2,5%)	-	1(2,5%)	1(2,5%)
2	2(5%)	2(5%)	4(10%)	2(5%)	1(2,5%).	3(7,5%)	7(17,5%)
3	3(7,5%)	4(10%)	7(17,5%)	1(2,5%).	4(10%)	5(12,5%)	12(30%)
4	4(10%)	4(10%)	8(20%)	4(10%)	4(10%)	8(20%)	16 (40%)
5	1(2,5%).	-	1(2,5%)	2(5%)	1(2,5%)	3(7,5%)	4(10%)

Legenda: 1 Sem importância. 2. Pouco importante. 3. Importante. 4. Muito importante. 5 Crucial.

A partir dos dados da Tabela 14, verificamos que o uso da língua ucraniana para viajar foi considerado *muito importante* pela maioria (40%) dos informantes, seguido de *importante* (30%), *pouco importante* (17,5%), *crucial* para 10% e *sem importância* para 2,5%. *Muito importante* foi a escolha do mesmo número de pessoas tanto do sexo masculino quanto do feminino no interior e na cidade.

A Tabela 15 demonstra a importância dada pelos informantes à língua ucraniana para associar-se com amigos.

Tabela 15. Qual é a importância da língua ucraniana para associar-se com amigos?

	ÁREA RURAL			ÁREA URBANA			Total Geral
	F – EM	M – EM	Subtotal	F – ES	M – ES	Subtotal	
1	-	1(2,5%).	1(2,5%)	-	1(2,5%)	1(2,5%)	2(5%)
2	-	4(10%)	4(10%)	3(7,5%)	1(2,5%)	4(10%)	8(20%)
3	6(15%)	3(7,5%)	9(22,5%)	3(7,5%)	7(17,5%)	10(25%)	19(47,5%)
4	4(10%)	2(5%)	6(15%)	3(7,5%)	-	3(7,5%)	9(22,5%)
5	-	-	-	1(2,5%).	1(2,5%).	2(5%)	2(5%)

Legenda: 1 Sem importância. 2. Pouco importante. 3. Importante. 4. Muito importante. 5 Crucial.

Os resultados constantes da Tabela 15 apontam que, praticamente, metade dos informantes (47,5%) considera a língua ucraniana *importante* para associar-se com os amigos, seguido de *muito importante* (22,5%), *pouco importante* (20%), *sem importância* e *crucial* (5%). No interior, a maioria das mulheres considerou as opções

*importante e muito importante* enquanto os homens optaram por *pouco importante*. Na cidade, a maioria dos homens escolheu a opção *importante*, enquanto as mulheres tiveram escolhas mais diversas. É possível correlacionar a importância dada à língua ucraniana para associar-se com os amigos aos dados da tabela 1, na qual vimos que a maioria dos informantes utiliza tanto a língua ucraniana quanto a portuguesa para se comunicar com eles.

Na Tabela 16 podemos verificar o quão importante os informantes consideram a língua ucraniana para a manutenção das tradições.

Tabela 16. Qual é a importância da língua ucraniana para manter tradições?

	ÁREA RURAL			ÁREA URBANA			Total Geral
	F – EM	M – EM	Subtotal	F – ES	M – ES	Subtotal	
1							
2		1(2,5%).	1(2,5%)				1(2,5%).
3	1(2,5%).	3(7,5%)	4(10%)	1(2,5%).		1(2,5%)	5(12,5%)
4	4(10%)	3(7,5%)	7(17,5%)	4(10%)	3(7,5%)	7(17,5%)	14(35%)
5	5(12,5%)	3(7,5%)	8(20%)	5(12,5%)	7(17,5%)	12(30%)	20 (50%)

Legenda: 1 Sem importância. 2. Pouco importante. 3. Importante. 4. Muito importante. 5 Crucial.

Os dados da tabela 16 apontam que 50% dos informantes consideraram a língua ucraniana como *crucial* para manter as tradições, seguido de *muito importante* (35%), *importante* (12,5%) e *pouco importante* (2,5%). A maioria das mulheres da área rural optou por *crucial* enquanto os homens se dividiram nas escolhas. Na área urbana, a opção *crucial* foi a mais escolhida tanto por homens quanto por mulheres.

na tabela 17 podemos verificar o quão importante os informantes consideram a língua ucraniana para reunir gerações da família.

Tabela 17. Qual é a importância da língua ucraniana para reunir gerações da família?

	ÁREA RURAL			ÁREA URBANA			Total Geral
	F – EM	M – EM	Subtotal	F – ES	M – ES	Subtotal	
1	-	-	-	-	-	-	-
2	-	1(2,5%)	1(2,5%)	1(2,5%)	3(7,5%)	4(10%)	5(12,5%)
3	1(2,5%)	3(7,5%)	4(10%)	2 (5%)	3(7,5%)	5(12,5%)	9(22,5%)
4	6(15%)	4(10%)	10(25%)	6(15%)	3(7,5%)	9(22,5%)	19(47,5%)
5	3(7,5%)	1(2,5%)	4(10%)	1(2,5%)	2 (5%)	3(7,5%)	7(17,5%)

Legenda: 1 Sem importância. 2. Pouco importante. 3. Importante. 4. Muito importante. 5 Crucial.

Pela Tabela 17, observamos que, para reunir gerações de família, o uso da língua ucraniana foi considerado como  *muito importante*  pela maioria (47,5%), seguida por  *importante*  (22,5%),  *crucial*  (17,5%) e  *pouco importante*  (12,5%).  *Muito importante*  foi a opção mais selecionada pelas mulheres tanto do interior, quanto da cidade. No interior menos homens, mas, ainda assim, a maioria optou por  *muito importante* , enquanto na cidade a opinião dos homens ficou bastante dividida.

Neste bloco de perguntas foi possível identificar que os informantes consideram a língua ucraniana como  *importante* ,  *muito importante*  e  *crucial*  para suprir diversas necessidades. Adquirir sucesso profissional, viajar e associar-se com amigos foram as opções que mais dividiram opiniões e receberam um grau de importância reduzido.

Na seção seguinte, os informantes foram convidados a assinalar a alternativa que melhor representasse sua opinião frente a diversas questões acerca da língua ucraniana dentro da escala: 1. Concordo plenamente. 2. Concordo parcialmente. 3. Não concordo nem discordo. 4. Discordo parcialmente. 5. Discordo plenamente.

A tabela 18 apresenta a opinião dos informantes acerca da importância do conhecimento da língua ucraniana para os descendentes de ucranianos.

Tabela 18. Para uma pessoa com raízes ucranianas, é importante saber falar ucraniano?

	ÁREA RURAL			ÁREA URBANA			Total Geral
	F – EM	M – EM	Subtotal	F – ES	M – ES	Subtotal	
1	8(20%)	8(20%)	16(40%)	7(17,5%)	8(20%)	15(37,5%)	31(77,5%)
2	1(2,5%)	2(5%)	3(7,5%)	2(5%)	2(5%)	4(10%)	7(17,5%)
3	1(2,5%)		1(2,5%)	1(2,5%)	-	1(2,5%)	2(5%)
4	-	-	-	-	-	-	-
5	-	-	-	-	-	-	-

1. Concordo plenamente. 2. Concordo parcialmente. 3. Não concordo nem discordo.

4. Discordo parcialmente. 5. Discordo plenamente.

Os resultados da Tabela 18 indicam que a grande maioria (77,5%) dos informantes concordou plenamente com essa afirmação. Uma parcela menor (17,5%) concordou parcialmente e apenas 5% demonstraram uma atitude neutra. Os números dos que concordaram plenamente entre os homens e as mulheres, tanto no interior quanto na cidade, são praticamente o mesmo.

Na Tabela 19 os informantes deram a sua opinião com relação ao papel da língua ucraniana para participação plena na vida da comunidade.

Tabela 19. A língua ucraniana é vital à participação plena na vida da comunidade?

	ÁREA RURAL			ÁREA URBANA			Total Geral
	F – EM	M – EM	Subtotal	F – ES	M – ES	Subtotal	
1	5(12,5%)	5(12,5%)	10(25%)	2(5%)	3(7,5%)	5(12,5%)	15(37,5%)
2	3(7,5%)	4(10%)	7(17,5%)	5(12,5%)	5(12,5%)	10(25%)	17(42,5%)
3	2 (5%)	1(2,5%)	3(7,5%)	2(5%)	2(5%)	4(10%)	7(17,5%)
4	-	-	-	1(2,5%)	-	1(2,5%)	1(2,5%)
5	-	-	-	-	-	-	-

1. Concordo plenamente. 2. Concordo parcialmente. 3. Não concordo nem discordo. 4. Discordo parcialmente. 5. Discordo plenamente.

Verificamos, nos percentuais da Tabela 19 que, para essa afirmação, temos 42,5% dos informantes que concordam parcialmente e outros 37,5% que concordam plenamente, enquanto 17, 5% ficaram neutros e apenas um deles (2,5%) discorda parcialmente. No interior, a maioria dos homens e mulheres concorda plenamente enquanto, na cidade, a maioria dos homens e mulheres concorda parcialmente com essa afirmação.

Na tabela 20 os informantes demonstraram sua opinião acerca da aprendizagem do ucraniano e do português concomitantemente.

Tabela 20. As crianças deveriam aprender ucraniano e português ao mesmo tempo?

	ÁREA RURAL			ÁREA URBANA			Total Geral
	F – EM	M – EM	Subtotal	F – ES	M – ES	Subtotal	
1	5(12,5%)	5(12,5%)	10(25%)	8(20%)	6(15%)	14(35%)	24(60%)
2	5(12,5%)	5(12,5%)	10(25%)	2(5%)	4(10%)	6(15%)	16(40%)
3	-	-	-	-	-	-	-
4	-	-	-	-	-	-	-
5	-	-	-	-	-	-	-

1. Concordo plenamente. 2. Concordo parcialmente. 3. Não concordo nem discordo. 4. Discordo parcialmente. 5. Discordo plenamente.

A Tabela 20 expõe que a maioria (60%) dos informantes concorda plenamente com essa afirmação e outros 40% concordam parcialmente. a maioria dos que concordam plenamente são os homens e mulheres residentes na área urbana, enquanto na área rural, o número dos que concordam plena e parcialmente é o mesmo.

Na Tabela 21 os informantes demonstraram suas crenças acerca da possibilidade de benefícios econômicos que o conhecimento da língua ucraniana pode trazer.

Tabela 21. Falar em ucraniano pode ser economicamente benéfico?

	ÁREA RURAL			ÁREA URBANA			Total Geral
	F – EM	M – EM	Subtotal	F – ES	M – ES	Subtotal	
1	6(15%)	4(10%)	10(25%)	2(5%)	2(5%)	4(10%)	14 (35%)
2	2(5%)	5(12,5%)	7(17,5%)	3(7,5%)	4(10%)	7(17,5%)	14 (35%)
3	1(2,5%).	1(2,5%).	2(5%)	2(5%)	2(5%)	4(10%)	6 (15%)
4	1(2,5%).	-	1(2,5%)	3(7,5%)	1(2,5%).	4(10%)	5 (12,5%)
5	-	-	-	-	1(2,5%).	1(2,5%)	1 (2,5%).

1. Concordo plenamente. 2. Concordo parcialmente. 3. Não concordo nem discordo.  
4. Discordo parcialmente. 5. Discordo plenamente.

As opiniões com relação a essa afirmação estão bastante divididas, conforme comprovam os dados da Tabela 21. Exatamente o mesmo número (14%) dos informantes concorda plena e parcialmente, 15% tomam uma posição neutra, 12,5% discordam parcialmente e apenas um (2,5%) discorda plenamente. O número dos que concordam plenamente é maior entre os informantes do interior, composto predominantemente por mulheres, pois os homens, em sua maioria, concordam parcialmente. Na cidade, os números estão mais fragmentados para ambos os sexos. Ainda assim, a maioria dos homens concordou parcialmente.

A tabela 22 traz os resultados das opiniões relacionadas à prática do uso tanto do português quando do ucraniano no cotidiano.

Tabela 22. O uso tanto do português quanto do ucraniano no dia a dia não é difícil, você concorda?

	ÁREA RURAL			ÁREA URBANA			Total Geral
	F – EM	M – EM	Subtotal	F – ES	M – ES	Subtotal	
1	8(20%)	8(20%)	16 (40%)	7(17,5%)	3(7,5%)	10(25%)	26 (65%)
2	-	2(5%)	1(2,5%)	1 (2,5%)	3(7,5%)	4(10%)	6(15%)
3	1(2,5%)	-	1(2,5%)	1 (2,5%)	2(5%)	3(7,5%)	4(10%)
4	-	-	-	1 (2,5%)	1(2,5%)	3(7,5%)	2(5%)
5	1(2,5%)	-	1(2,5%)	-	1(2,5%)	1(2,5%)	2(5%)

1. Concordo plenamente. 2. Concordo parcialmente. 3. Não concordo nem discordo.  
4. Discordo parcialmente. 5. Discordo plenamente.

Os dados da tabela 22 apontam que a maioria (65%) dos informantes concorda plenamente com essa afirmação, 15% concordam parcialmente, 10% ficaram neutros e apenas 5% discordam parcial e plenamente, respectivamente. A maioria dos informantes

da área rural, tanto do sexo masculino quanto feminino, concorda plenamente. Na cidade, as informantes do sexo feminino têm o maior número dos que concordam plenamente. Os informantes do sexo masculino apresentam opiniões fragmentadas.

Na tabela 23 os informantes opinaram acerca da visão de que manter a língua ucraniana viva no Brasil seria um desperdício de tempo.

Tabela 23. É um desperdício de tempo tentar manter viva a língua ucraniana no Brasil?

	ÁREA RURAL			ÁREA URBANA			Total Geral
	F – EM	M – EM	Subtotal	F – ES	M – ES	Subtotal	
1	-	-	-	-	-	-	-
2	-	-	-	1(2,5%).	-	1(2,5%)	1(2,5%).
3	-	-	-	-	-	-	-
4	1(2,5%).	-	1(2,5%)	-	-	-	1(2,5%).
5	9(22,5%)	10(25%)	19(47,5%)	9(22,5%)	10(22,5%)	19(47,5)	38(95%)

1. Concordo plenamente. 2. Concordo parcialmente. 3. Não concordo nem discordo.  
4. Discordo parcialmente. 5. Discordo plenamente.

Pela Tabela 23, verificamos que 95% dos participantes discordam plenamente dessa afirmação. Os números são iguais tanto para o interior quanto para a cidade. Apenas uma informante residente na área urbana concorda parcialmente.

A Tabela 24 apresenta a opinião dos informantes acerca do ensino da língua ucraniana nas escolas.

Tabela 24. A língua ucraniana deve ser ensinada nas escolas?

	ÁREA RURAL			ÁREA URBANA			Total Geral
	F – EM	M – EM	Subtotal	F – ES	M – ES	Subtotal	
1	9(22,5%)	8(20%)	17(42,5%)	10(25%)	6(15%)	16(40%)	33(82,5%)
2	1(2,5%).	1(2,5%).	2(5%)	-	3(7,5%)	3(7,5%)	5(12,5%)
3	-	-	-	-	1(2,5%).	1(2,5%)	1(2,5%).
4	-	1(2,5%).	1(2,5%)	-	-	-	1(2,5%).
5	-	-	-	-	-	-	-

1. Concordo plenamente. 2. Concordo parcialmente. 3. Não concordo nem discordo. 4. Discordo parcialmente. 5. Discordo plenamente.

Da Tabela 24, consta que a maioria dos informantes (82%) concorda com essa afirmação, 12,5% concordam parcialmente, 2,5% se mantêm neutros e apenas 2,5%

discordam parcialmente. Os números tanto no interior quanto na cidade são aproximados, entretanto, a maioria dos que concordam plenamente são as mulheres tanto do interior quanto da cidade.

Na Tabela 25 os informantes demonstraram seu ponto de vista com relação aos brasileiros de descendência ucraniana que desconhecem a língua.

Tabela 25. Você sente pena dos ucranianos/ brasileiros que não sabem a língua ucraniana?

	ÁREA RURAL			ÁREA URBANA			Total Geral
	F – EM	M – EM	Subtotal	F – ES	M – ES	Subtotal	
1	6(15%)	3(7,5%)	9(22,5%)	3(7,5%)	3(7,5%)	6(15%)	15(37,5%)
2		3(7,5%)	3(7,5%)	4(10%)	4(10%)	8(20%)	11(27,5%)
3	2(5%)	2(5%)	4(10%)	3(7,5%)	2(5%)	5(12,5%)	9(22,5%)
4		2(5%)	2(5%)				2(5%)
5	2(5%)		2(5%)		1(2,5%)	1(2,5%)	3 (7,5%)

1. Concordo plenamente. 2. Concordo parcialmente. 3. Não concordo nem discordo.  
4. Discordo parcialmente. 5. Discordo plenamente.

Conforme indicam os dados da Tabela 25, essa afirmação dividiu opiniões. A maioria (37%) concorda plenamente, enquanto 27,5% concordam parcialmente, 22,5% ficaram neutros, 5% discordaram parcialmente e 7,5% discordaram plenamente. A maioria dos que concordaram plenamente são as mulheres do interior, enquanto as da cidade dividiram opiniões. O mesmo aconteceu com os informantes do sexo masculino tanto do interior quanto da cidade.

A Tabela 26 apresenta a opinião dos informantes com a relação à aprendizagem da língua ucraniana pelos seus filhos.

Tabela 26. Se você tiver filhos, gostaria que eles aprendessem a língua ucraniana?

	ÁREA RURAL			ÁREA URBANA			Total Geral
	F – EM	M – EM	Subtotal	F – ES	M – ES	Subtotal	
1	10(25%)	10(25%)	20(50%)	10(25%)	10(25%)	20(50%)	40 (100%)
2	-	-	-	-	-	-	-
3	-	-	-	-	-	-	-
4	-	-	-	-	-	-	-
5	-	-	-	-	-	-	-

1. Concordo plenamente. 2. Concordo parcialmente. 3. Não concordo nem discordo.  
4. Discordo parcialmente. 5. Discordo plenamente.

A Tabela 26 mostra que 100% dos informantes concordam com essa afirmação. Os resultados unânimes indicados na tabela demonstram uma inclinação muito positiva com relação à manutenção da língua na cidade.

Na tabela 27 podemos verificar a opinião dos informantes acerca do sentimento de vergonha em relação à língua ucraniana.

Tabela 27. Ainda existe um sentimento de vergonha em relação à língua ucraniana?

	ÁREA RURAL			ÁREA URBANA			Total Geral
	F – EM	M – EM	Subtotal	F – ES	M – ES	Subtotal	
1	4(10%)	4(10%)	8(20%)	1(2,5%)	2(5%)	3(7,5%)	11(27,5%)
2	4(10%)	3(7,5%)	7(17,5%)	5(12,5%)	4(10%)	9(22,5%)	16 (40%)
3				1(2,5%)	2(5%)	3(7,5%)	3(7,5%)
4		1(2,5%)	1(2,5%)	1(2,5%)		1(2,5%)	2(5%)
5	2(5%)	2(5%)	4(10%)	2(5%)	2(5%)	4(10%)	8(20%)

1. Concordo plenamente. 2. Concordo parcialmente. 3. Não concordo nem discordo.  
4. Discordo parcialmente. 5. Discordo plenamente.

Como podemos verificar na tabela 27, as opiniões acerca dessa afirmação também são diversificadas. A maioria (40%) concorda parcialmente, seguidos dos 27% que concordam plenamente, 7,5% preferiram ficar neutros, 5% discordam parcialmente e outros 20% discordam plenamente. No interior, a maioria, tanto dos homens quanto das mulheres, concorda plenamente. Já na cidade, a maioria dos informantes de ambos os sexos concorda parcialmente.

A tabela 28 apresenta a atitude dos falantes ao serem questionados se eles próprios sentem vergonha de falar a língua ucraniana.

Tabela 28. Você tem vergonha de falar ucraniano?

	ÁREA RURAL			ÁREA URBANA			Total Geral
	F – EM	M – EM	Subtotal	F – ES	M – ES	Subtotal	
1	-	-	-	-	-	-	-
2	-	1(2,5%)	1(2,5%)	-	-	-	1(2,5%)
3	-	-	-	-	-	-	-
4	2(5%)	3(7,5%)	5(12,5%)	-	1(2,5%).	1(2,5%)	6(15%)
5	8(20%)	6(15%)	14(35%)	10(25%)	9(22,5%)	19(47,5%)	33(82,5%)

1. Concordo plenamente. 2. Concordo parcialmente. 3. Não concordo nem discordo.  
4. Discordo parcialmente. 5. Discordo plenamente.

Os dados da Tabela 28 apontam que poucos informantes afirmam ter vergonha de falar ucraniano: 82% discordam plenamente com esta afirmação, outros 15% discordam parcialmente e apenas uma pessoa do sexo masculino, residente na área rural diz concordar parcialmente. Os informantes da área urbana são a maioria dos que discordam totalmente. Já na área rural os jovens do sexo masculino são a minoria. A Tabela 28 indica uma mudança de atitude com relação à língua ucraniana falada em Prudentópolis, que até pouco tempo era motivo de vergonha.

A Tabela 29 apresenta a atitude dos falantes ao serem questionados se eles gostam de falar a língua ucraniana.

Tabela 29. Você gosta de falar em ucraniano?

	ÁREA RURAL			ÁREA URBANA			Total Geral
	F – EM	M – EM	Subtotal	F – ES	M – ES	Subtotal	
1	10(25%)	7(17,5%)	17(42,5%)	9(22,5%)	6(15%)	15(37,5%)	32 (80%)
2	-	3(7,5%)	3(7,5%)	1(2,5%).	2(5%)	3(7,5%)	6(15%)
3	-	-	-	-	2(5%)	2(5%)	2(5%)
4	-	-	-	-	-	-	-
5	-	-	-	-	-	-	-

1. Concordo plenamente. 2. Concordo parcialmente. 3. Não concordo nem discordo.  
4. Discordo parcialmente. 5. Discordo plenamente.

A afirmação referente à Tabela 29 correlaciona-se positivamente com a anterior uma vez que a maioria dos informantes (80%) concorda plenamente que gosta de falar a língua, 15% concordam parcialmente e 5% ficaram neutros. As informantes do sexo feminino, praticamente em sua totalidade, tanto do interior quanto da cidade, são as que concordam plenamente. Já a maioria do sexo masculino, tanto do interior quanto da cidade, concorda plena e parcialmente.

Na tabela 30 podemos verificar a opinião dos informantes com relação ao desaparecimento da língua ucraniana no município.

Tabela 30. Em Prudentópolis, a língua ucraniana está desaparecendo?

	ÁREA RURAL			ÁREA URBANA			Total Geral
	F – EM	M – EM	TOTAL	F – ES	M – ES	TOTAL	
1	5(12,5%)	3(7,5%)	8(20%)	3(7,5%)	1(2,5%).	4(10%)	12(30%)
2	4(10%)	1(2,5%).	5(12,5%)	5(12,5%)	5(12,5%)	10(25%)	15(37,5%)

3		3(7,5%)	3(7,5%)		1(2,5%).	1(2,5%)	4(10%)
4		3(7,5%)	3(7,5%)	2(5%)	3(7,5%)	5(12,5%)	8(20%)
5	1(2,5%).		1(2,5%)				1(2,5%).

1. Concordo plenamente. 2. Concordo parcialmente. 3. Não concordo nem discordo. 4. Discordo parcialmente. 5. Discordo plenamente.

Verificamos na tabela 30 que a maioria dos informantes concorda parcial (37,5%) e plenamente (30%) com essa afirmação, 10% se mantêm neutros, 20% discordam parcialmente e apenas um (2,5%) discorda plenamente. Na área rural, a maioria das mulheres concorda plenamente e os homens apresentam opiniões fragmentadas. Na área urbana, a maioria tanto dos homens quanto das mulheres concorda parcialmente.

Neste bloco verificamos que, apesar de acreditarem que ainda existe a vergonha de falar a língua ucraniana na cidade e de que ela esteja aos poucos desaparecendo, os informantes mantêm atitudes positivas com relação a ela, quando afirmam, por exemplo, que gostam e não têm vergonha de utilizá-la, que não haveria dificuldade em falar tanto português quanto ucraniano concomitantemente, que a língua ucraniana deve ser preservada nas escolas e que gostariam que seus filhos a aprendessem ou, quando discordam plenamente, de que a tentativa de preservá-la seja uma perda de tempo.

Na seção seguinte estão os resultados da importância dada pelos informantes a diversos fatores que contribuem para a manutenção da língua ucraniana no Brasil, tais como: acesso a jornais, livros e revistas em ucraniano; Igreja/religião; pais que falam a língua ucraniana; Cônjuge/ companheiro (a) que fala a língua ucraniana; Amigos que falam a língua ucraniana; Participação em atividades ucranianas (festivais folclóricos, bailes, corais, apresentações, etc.); Aulas de ucraniano nas universidades; Manutenção de contato com parentes na Ucrânia; Cursos de língua ucraniana para adultos e participação em organização/ grupos culturais ucranianos. Os informantes deveriam escolher a resposta que melhor retratasse sua opinião dentro da escala: 1 Sem importância. 2. Pouco importante. 3. Importante. 4. Muito importante. 5 Crucial.

A Tabela 31 demonstra o quão importante é considerado o acesso a jornais, livros e revistas em ucraniano para a manutenção da língua.

Tabela 31. Qual é a importância de ter acesso a jornais, livros e revistas em ucraniano para a manutenção da língua ucraniana no Brasil?

	ÁREA RURAL			ÁREA URBANA			Total Geral
	F – EM	M – EM	Subtotal	F – ES	M – ES	Subtotal	
1							
2							
3	5(12,5%)	5(12,5%)	10(25%)	3(7,5%)	1(2,5%)	4(10%)	14(35%)
4	5(12,5%)	3(7,5%)	8(20%)	6(15%)	3(7,5%)	9(22,5%)	17(42,5%)
5		2 (5%)	2(5%)	1(2,5%)	6(15%)	7(17,5%)	9 (22,5%)

Legenda: 1. Sem importância. 2. Pouco importante. 3. Importante. 4. Muito importante. 5 Crucial.

A Tabela 31 mostra que o acesso a jornais e revistas é considerado *muito importante* pela maioria (42,5%), seguido de *importante* (35%) e *crucial* para 22,5%. A maioria dos informantes do sexo masculino da área urbana considera *crucial* enquanto no interior a maioria considera *importante*. Já a maioria dos informantes do sexo feminino da cidade considera *muito importante* e as da área rural se dividem entre *importante* e *muito importante*.

A Tabela 32 trata da importância dada pelos informantes à igreja/religião para a manutenção da língua ucraniana.

Tabela 32. Qual é a importância da igreja/religião para a manutenção da língua ucraniana no Brasil?

	ÁREA RURAL			ÁREA URBANA			Total Geral
	F – EM	M – EM	Subtotal	F – ES	M – ES	Subtotal	
1	-	-	-	-	-	-	-
2	-	-	-	-	-	-	-
3	1(2,5%)	2(5%)	3(7,5%)	1(2,5%)	-	1(2,5%)	4(10%)
4	4(10%)	3(7,5%)	7(17,5%)	5(12,5%)	4(10%)	9(22,5%)	16 (40%)
5	5(12,5%)	5(12,5%)	10(25%)	4(10%)	6(15%)	10(25%)	20 (50%)

Legenda: 1. Sem importância. 2. Pouco importante. 3. Importante. 4. Muito importante. 5 Crucial.

Verificamos pelos dados da Tabela 31 que metade dos informantes considera a igreja/religião com um fator crucial para a manutenção da língua ucraniana, 40% *muito importante* e 10% *importante*. Os números da maioria tanto no interior quanto na cidade são os mesmos. O Gráfico 9, na página 84, mostrou que todos os participantes frequentam a igreja.

A tabela 33 reflete a importância dada à utilização da língua ucraniana pelos pais para a sua manutenção.

Tabela 33. Qual é a importância de os pais falarem a língua ucraniana para a manutenção da língua ucraniana no Brasil?

	ÁREA RURAL			ÁREA URBANA			Total Geral
	F – EM	M – EM	Subtotal	F – ES	M – ES	Subtotal	
1	-	-	-	-	-	-	-
2	-	-	-	-	-	-	-
3	1(2,5%).	2(5%)	3(7,5%)	-	-	-	3(7,5%)
4	3(7,5%)	4(10%)	7(17,5%)	3(7,5%)	1(2,5%).	4(10%)	11(27,5%)
5	6(15%)	4(10%)	10(25%)	7(17,5%)	9(22,5%)	16(40%)	26 (65%)

Legenda: 1. Sem importância. 2. Pouco importante. 3. Importante. 4. Muito importante. 5. Crucial.

Os dados da Tabela 33 apontam que a maioria (65%) dos informantes considera *crucial* que os pais falem a língua ucraniana para auxiliar na sua manutenção, seguidos de 27% para *muito importante* e 7,5% *importante*. A maioria dos que consideram *crucial* são os informantes do sexo masculino e feminino residentes na área urbana. Já na área rural, a maioria se divide entre *crucial* e *muito importante*.

A tabela 34 reflete a importância dada à utilização da língua ucraniana pelos cônjuges/companheiros para a sua manutenção.

Tabela 34. Qual é a importância do cônjuge/ companheiro(a) falar a língua ucraniana para a manutenção da língua ucraniana no Brasil?

	ÁREA RURAL			ÁREA URBANA			Total Geral
	F – EM	M – EM	Subtotal	F – ES	M – ES	Subtotal	
1	-	-	-	-	-	-	-
2	-	-	-	-	-	-	-
3	6(15%)	6(15%)	12(30%)	2(5%)	2(5%)	4(10%)	16 (40%)
4	3(7,5%)	3(7,5%)	6(15%)	6(15%)	3(7,5%)	9(22,5%)	15(37,5%)
5	1(2,5%).	1(2,5%).	2(5%)	2(5%)	5(12,5%)	7(17,5%)	9 (22,5%)

Legenda: 1. Sem importância. 2. Pouco importante. 3. Importante. 4. Muito importante. 5. Crucial.

Observando a Tabela 34, verificamos que para cônjuges/ companheiros (as) a opção da maioria (37,5%) foi *muito importante*, seguida de *importante* para 40% e *crucial* para 22,5%. A maioria dos informantes do sexo masculino e feminino do interior considera *importante* enquanto os da cidade se dividem entre *importante* (para as mulheres) e *crucial* (para os homens).

A tabela 35 reflete a importância dada à utilização da língua ucraniana pelos amigos para a sua manutenção.

Tabela 35. Qual é a importância de amigos falarem a língua ucraniana para a manutenção da língua ucraniana no Brasil?

	ÁREA RURAL			ÁREA URBANA			Total Geral
	F – EM	M – EM	Subtotal	F – ES	M – ES	Subtotal	
1	-	-	-	-	-	-	-
2	-	-	-	-	-	-	-
3	5(12,5%)	5(12,5%)	10(25%)	2(5%)	2(5%)	4(10%)	14(35%)
4	5(12,5%)	4(10%)	9(22,5%)	6(15%)	7(17,5%)	13(32,5%)	22 (55%)
5	-	1(2,5%)	1(2,5%)	2(5%)	1(2,5%)	3(7,5%)	4(10%)

Legenda: 1. Sem importância. 2. Pouco importante. 3. Importante. 4. Muito importante. 5 Crucial.

Quanto aos dados da Tabela 35, registramos que o item amigos que falam a língua é considerado *muito importante* por mais da metade dos informantes, mais precisamente por 55%, seguidos de *importante* para 35% e crucial para 10%. Entre os informantes do sexo masculino residentes na área urbana, a maioria considera *muito importante*, enquanto os da área rural consideram *importante*. Entre os informantes do sexo feminino residentes na área urbana, a maioria considera *muito importante*, ao passo que, na área rural, as opiniões se dividem entre *importante* e *muito importante*.

A tabela 36 reflete a importância dada à realização de atividades culturais para a manutenção da língua ucraniana.

Tabela 36. Qual é a importância de atividades ucranianas (festivais folclóricos, bailes, corais, apresentações, etc.) para a manutenção da língua ucraniana no Brasil?

	ÁREA RURAL			ÁREA URBANA			Total Geral
	F – EM	M – EM	Subtotal	F – ES	M – ES	Subtotal	
1	-	-	-	-	-	-	-
2	1(2,5%)	1(2,5%)	2(5%)	-	1(2,5%)	1(2,5%)	3(7,5%)
3	3(7,5%)	4(10%)	7(17,5%)	1(2,5%)	-	1(2,5%)	8(20%)
4	3(7,5%)	2(5%)	5(12,5%)	4(10%)	5(12,5%)	9(22,5%)	14(35%)
5	3(7,5%)	3(7,5%)	-	5(12,5%)	4(10%)	9(22,5%)	15(37,5%)

Legenda: 1. Sem importância. 2. Pouco importante. 3. Importante. 4. Muito importante. 5 Crucial.

A Tabela 36 mostra que o grau de importância para a participação em atividades varia entre os informantes. A maioria (37%) considera *crucial*, seguida de *muito importante* (35%), *importante* (20%) e *pouco importante* (7,5%). A maioria dos informantes do sexo masculino da área urbana considera como *muito importante* enquanto na área rural como *importante*. Já entre as mulheres, na área urbana a maioria considera *crucial* e no interior as opiniões são fragmentadas.

A tabela 37 reflete a importância dada pelos informantes à oferta de aulas de ucraniano nas universidades para a sua manutenção.

Tabela 37. Qual é a importância da oferta de aulas de ucraniano nas universidades para a manutenção da língua ucraniana no Brasil?

	ÁREA RURAL			ÁREA URBANA			Total Geral
	F – EM	M – EM	Subtotal	F – ES	M – ES	Subtotal	
1	-	-	-	-	-	-	-
2	-	-	-	-	2(5%)	2(5%)	2(5%)
3	3(7,5%)	4(10%)	7(17,5%)	3(7,5%)	-	3(7,5%)	10(25%)
4	4(10%)	4(10%)	8(20%)	4(10%)	5(12,5%)	9(22,5%)	17(42,5%)
5	3(7,5%)	2(5%)	5(12,5%)	3(7,5%)	3(7,5%)	6(15%)	11(27,5%)

Legenda: 1. Sem importância. 2. Pouco importante. 3. Importante. 4. Muito importante. 5. Crucial.

A Tabela 37 mostra as opções dos informantes quanto às aulas de ucraniano nas universidades. A maioria (42,5%) considera o fato como *muito importante*, seguidos de *crucial* (27,5%), *importante* (25%) e *pouco importante* (5%). A maior parte dos que consideram *crucial* são os informantes do sexo masculino residentes na área urbana. Os da área rural se dividem entre *importante* e *muito importante*. A maioria das mulheres tanto da área urbana quanto da rural considera *muito importante*.

A tabela 38 reflete o quão importante é para os informantes manter contato com os parentes na Ucrânia para a manutenção da língua ucraniana.

Tabela 38. Qual é a importância de manter contato com parentes na Ucrânia para a manutenção da língua ucraniana no Brasil?

	ÁREA RURAL			ÁREA URBANA			Total Geral
	F – EM	M – EM	Subtotal	F – ES	M – ES	Subtotal	
1					1(2,5%).	1(2,5%)	1(2,5%)

2	2(5%)	4(10%)	6(15%)				6(15%)
3		2(5%)	2(5%)	4(10%)	4(10%)	8(20%)	10(25%)
4	4(10%)	2(5%)	6(15%)	4(10%)	1(2,5%).	5(12,5%)	11(27,5%)
5	4(10%)	2(5%)	6(15%)	2(5%)	4(10%)	6(15%)	12(30%)

Legenda: 1. Sem importância. 2. Pouco importante. 3. Importante. 4. Muito importante. 5. Crucial.

A tabela 38 mostra opiniões bastante divergentes com relação à importância do contato com os parentes na Ucrânia. A maioria 30% considera *crucial*, seguida de *muito importante* (27%), *importante* (25%), *pouco importante* (15%) e *sem importância* (2,5%). A maioria dos informantes do sexo masculino residente na área urbana se divide entre *importante* e *crucial* enquanto os da área rural consideram isso *pouco importante*. A maioria das mulheres na área urbana se divide entre *importante* e *muito importante* enquanto as da área rural se dividem entre *importante* e *crucial*.

A tabela 39 reflete a importância dada pelos informantes à oferta de cursos de língua ucraniana para adultos para a manutenção da língua ucraniana.

Tabela 39. Qual é a importância da oferta de cursos de língua ucraniana para adultos para a manutenção da língua ucraniana no Brasil?

	ÁREA RURAL			ÁREA URBANA			Total Geral
	F – EM	M – EM	Subtotal	F – ES	M – ES	Subtotal	
1	-	-	-	-	-	-	-
2	1(2,5%).	1(2,5%).	1(2,5%)	-	-	-	2(5%)
3	5(12,5%)	4(10%)	9(22,5%)	1(2,5%).	1(2,5%).	2(5%)	11(27,5%)
4	3(7,5%)	5(12,5%)	8(20%)	6(15%)	5(12,5%)	11(27,5%)	19(47,5%)
5	1(2,5%).	-	1(2,5%)	3(7,5%)	4(10%)	7(17,5%)	8(20%)

Legenda: 1. Sem importância. 2. Pouco importante. 3. Importante. 4. Muito importante. 5. Crucial.

A Tabela 39 mostra que os cursos de língua ucraniana para adultos são considerados por praticamente metade (47,5%) dos informantes como *muito importantes*, seguidos de *cruciais* (20%), *importantes* (27,5%) e *pouco importantes* (5%). A maioria dos informantes do sexo masculino da área urbana considera como *muito importante* assim como os da área rural. A maioria dos informantes do sexo feminino da área urbana também considera *muito importante*, enquanto a da área rural considera *importante*.

A Tabela 40 demonstra o quão importante os informantes consideram a participação em organização/ grupos culturais ucranianos para a manutenção da língua ucraniana.

Tabela 40. Qual é a importância da participação em organização/ grupos culturais ucranianos para a manutenção da língua ucraniana no Brasil?

	ÁREA RURAL			ÁREA URBANA			Total Geral
	F – EM	M – EM	Subtotal	F – ES	M – ES	Subtotal	
1	-	-	-	-	-	-	-
2	-	-	-	-	-	-	-
3	4(10%)	5(12,5%)	9(22,5%)	3(7,5%)	3(7,5%)	6(15%)	15(37,5%)
4	5(12,5%)	4(10%)	9(22,5%)	4(10%)	5(12,5%)	9(22,5%)	18 (45%)
5	1(2,5%).	1(2,5%).	2(5%)	3(7,5%)	2(5%)	5(12,5%)	7(17,5%)

Legenda: 1. Sem importância. 2. Pouco importante. 3. Importante. 4. Muito importante. 5. Crucial.

Os dados da Tabela 40 demonstram que a participação em organização/grupos culturais ucranianos é considerada pela maioria (45%) como *muito importante*, seguidos de *importante* (37%) e *crucial* (17%).

A maioria dos informantes do sexo masculino residentes da cidade considera *muito importante*, enquanto os da área urbana consideram *importante*. A maioria das informantes da área urbana considera *muito importante* assim como as da área rural. Outros fatores considerados pelos informantes na opção *outros* estão: Não ter vergonha (*muito importante*); Escolas municipais que ofereçam o ensino da língua (*muito importante*); Maior participação, principalmente dos religiosos, ainda os principais detentores da língua ucraniana (*crucial*); Implantação de políticas públicas que incentivem o ensino da língua ucraniana nas escolas (*crucial*); Aulas de ucraniano na comunidade (*muito importante*) e incentivo às gerações mais novas (*muito importante*).

Nesta seção foi possível averiguar que todas as situações apresentadas são classificadas como *importantes*, *muito importantes* e *crucial* para a manutenção da língua ucraniana. O contato com os parentes da Ucrânia como forma de manutenção da língua é o que mais dividiu opiniões, provavelmente porque a maioria desses jovens já não possui mais laços familiares com os parentes ucranianos.

## Parte V. Perguntas abertas

A **quinta** e última seção traz o resultado das perguntas abertas feitas aos informantes. Apresentamos a seguir as respostas para cada uma delas, levando em conta a opinião dos informantes dos sexos masculino e feminino, da área rural e urbana do município.

### 1. Quando você ouviu alguém falando em ucraniano o que você acha dessa pessoa?

Para fazer um balanço das respostas para essa pergunta, iniciamos pela opinião do grupo formado pelo sexo masculino, residente no interior do município. Em geral, observa-se que todos tiveram uma atitude muito favorável com relação aos falantes da língua. Os informantes disseram que consideram interessante ouvir alguém falando em ucraniano, entendem que a pessoa não tem vergonha, que mantém seus costumes, tradições e raízes, que zela por suas origens e honra seus antepassados. O informante 09ZRM<sup>26</sup> revela que esse fato o faz se lembrar de quando vivia com seu avô e complementa dizendo que se trata de

uma pessoa intelectual, que não tem vergonha de suas origens (Informante 09ZRM).

O informante 01ZRM evidencia que faz parte do grupo e o quanto valoriza os falantes de língua ucraniana:

Me sinto bem. Sou um deles. Quem fala a língua ucraniana vale por duas pessoas (Informante 01ZRM).

O grupo composto por informantes do sexo feminino, também residente no interior, contribuiu com respostas muito parecidas. Utilizam adjetivos como: interessante, importante, bonito. Também acreditam que se trata de uma pessoa que não tem vergonha de suas raízes e do que os pais e avós ensinaram, que zela pelas suas origens e mantém viva a cultura, que preserva a língua na comunidade e a transmite aos demais. Descrevem a língua ucraniana como fator de identificação cultural e seu falante como uma “pessoa de valores”, “uma pessoa sábia”. A informante 11ZRF<sup>27</sup> pensa que se trata de alguém que vem de uma família tradicional porque hoje em dia é difícil ver pessoas falando em ucraniano. A 19ZRF também ressalta a perda gradativa da língua e diz que sente admiração:

<sup>26</sup> ZRM = Zona Rural, Masculino.

<sup>27</sup> ZRF = Zona Rural, Feminino

pois, hoje em dia, temos que praticar e incentivar as pessoas a não desistirem da língua ucraniana, pois, aos poucos ela está ficando quase esquecida (Informante19ZRF).

No grupo masculino da área urbana, encontramos adjetivos positivos como: incrível, interessante, valioso. Também entendem que a pessoa não tem vergonha de suas raízes, que honra e gosta das suas origens e cultiva as tradições ucranianas e a veem com bons olhos. O informante 22ZUM<sup>28</sup> afirma que simpatiza mais com a pessoa e o 24ZUM identifica-a como membro da mesma cultura que a sua. Já o 25ZUM, diz sentir admiração e respeito,

admiração porque até um tempo atrás era vergonhoso falar em ucraniano, hoje não tanto, e respeito, por ser uma língua difícil. Além da importância em manter a preservação da mesma (Informante 25ZUM).

O informante 21ZUM acrescenta que sempre que ouve alguém falando tenta incentivar. O 27ZUM reconhece que, geralmente, ouve pessoas mais idosas e mulheres falando a língua ucraniana.

No grupo feminino, residente na área urbana, várias afirmações já citadas se repetem. Entre os adjetivos estão: importante, legal e bonito. As informantes ainda declaram sentir admiração, familiaridade, confiança e destacam o preconceito sofrido pelos falantes da língua ucraniana até pouco tempo atrás:

Me sinto muito feliz por ver que a língua ucraniana está em uso (Informante 37ZUF).<sup>29</sup>

A língua faz aproximar da pessoa e interagir com a mesma (Informante 34ZUF).

Acho que é uma pessoa que não sente vergonha em se comunicar nesse idioma, não sente vergonha de suas raízes, tendo em vista que há algum tempo atrás os ucranianos sofriam preconceito das pessoas “da cidade” sendo tachadas de “ucraínos” como se fossem inferiores (Informante 36ZUF).

Pelas respostas dadas a essa pergunta, reconhecemos que, de modo geral, as atitudes são muito positivas com relação à língua ucraniana e aos seus falantes, nos vários excertos examinados, seja pelos informantes do sexo masculino, seja pelos do sexo feminino, do interior ou da cidade. Fica clara a identificação e a solidariedade com relação aos falantes dessa língua, vista como uma marca de pertencimento ao grupo, que reforça a proximidade entre seus membros.

<sup>28</sup> ZUM = Zona Urbana, Masculino.

<sup>29</sup> ZUF = Zona Urbana, Feminino.

## 2. Seus familiares ou amigos têm sotaque ucraniano? Você gosta ou não? Por quê?

Todos os informantes do sexo masculino, residentes na área rural, declaram que seus familiares têm sotaque e que eles simpatizam com esse fato. O informante 9ZRM julga ser normal que as pessoas tenham sotaque porque,

aqui, grande por cento das pessoas são descendentes e essas pessoas têm orgulho de falar em ucraniano (Informante 9ZRM).

Outros afirmam que gostam porque consideram diferente, porque acham legal saber falar em ucraniano e porque ouvem na família e na comunidade. O informante 3ZRM declara que gosta porque ele também tem sotaque. No mesmo sentido, o 4ZRM afirma que gosta porque também fala igual a eles. Apenas um dos informantes menciona que considera “estranho” quando seus familiares falam português.

As mulheres que residem na área rural também demonstram uma atitude positiva com relação ao sotaque ucraniano. Várias informantes percebem o sotaque como um fator representativo de sua identidade, como afirma a 11ZRF:

Eu gosto porque o “r” puxado<sup>30</sup> representa nossa identidade (Informante 11ZRF).

Outras declaram que gostam porque acham bonito e porque falam da mesma forma.

Com relação aos informantes do sexo masculino, residentes na cidade, a resposta positiva é unânime. Alguns Informantes declaram sentir orgulho do sotaque por ser uma característica própria deles, uma identidade cultural dos prudentopolitanos, uma indicação de fluência em mais de uma língua. O Informante 24ZUM revela que não percebe o sotaque das pessoas de origem ucraniana “por talvez ser da mesma etnia”. O 29ZUM menciona sua mudança de atitude com relação ao seu próprio sotaque:

Hoje entendo e gosto. Acredito que é uma característica linguística única, mas em tempos passados já foi motivo de chacotas e de certa forma sofri com preconceito linguístico, principalmente por indivíduos que não eram de Prudentópolis e desconheciam a questão cultural e linguística local (Informante 29ZUM).

---

<sup>30</sup> É comum que falantes de língua ucraniana tenham dificuldades para estabelecer a oposição que existe em português (como em carro e caro), substituindo o fonema /r/ (nas suas variantes fricativas ou vibrantes) pelo /r/ - tepe – típico da língua ucraniana

As atitudes das informantes residentes na cidade não se distanciam muito do que já foi dito até agora. Apenas uma pessoa se diz indiferente, enquanto as outras afirmam gostar. “Sim”, assegura a 33ZUF,

pois somos descendentes e com isso temos o “r” *puxado*. Não sinto vergonha, pois é um traço cultural nosso (Informante 33ZUM).

A informante 36ZUF afirma que seu sotaque faz com que seus amigos se sintam mais à vontade para conversar, mesmo depois de ela ter saído do interior,

assim, demonstramos que mudar de profissão não quer dizer que deixamos para trás nossas raízes (Informante 36ZUF).

Repetem-se as declarações de simpatia por eles também terem sotaque, por ser este um distintivo entre os que são ucranianos e os que não são e, outra vez, aparece um relato de preconceito linguístico sofrido e uma mudança de atitude com relação ao próprio sotaque:

A princípio não gostava do sotaque que possuía, achava estranho e fazia experienciar como algo negativo, motivo de deboches. Hoje vejo a língua ucraniana como algo que acrescenta em vários ângulos: social, cultural, educativo” (Informante 40ZUF).

Observamos, nas respostas para esta pergunta, que apenas uma pessoa afirma achar “estranho” e um se diz indiferente, enquanto todos os outros demonstram atitudes bastante positivas com relação à sua pronúncia. O “r puxado”, mencionado por vários informantes, é uma das influências mais marcantes da língua ucraniana na portuguesa, uma das “cicatrizes linguísticas” que os falantes buscavam mascarar ao falarem português. As declarações acima refletem uma mudança dessa percepção negativa acerca do sotaque ucraniano para um sentimento de valorização, respeito, admiração, afinal, trata-se de marcas que denunciam suas origens, cultura e identidade. São sons que contam história.

### **3. Em que situações você utiliza mais a língua ucraniana?**

Os informantes do sexo masculino residentes no interior do município mencionam, em primeiro lugar, a casa/ família e a igreja/ missa como as principais situações em que utilizam a língua ucraniana. Também mencionam vizinhos, amigos e pessoas mais velhas, enquanto os informantes do sexo feminino mencionam a casa, parentes, amigos, pessoas mais idosas e igreja.

Os informantes do sexo masculino residentes na área urbana destacam o papel da igreja, citam a interação com os padres, freiras e catequistas, os encontros do grupo

de jovens, encontros religiosos e congressos da AJUB<sup>31</sup>. A língua também é utilizada por alguns em casa, entre os familiares, no comércio e com as pessoas mais idosas. Já as do sexo feminino, destacam o uso da língua na igreja, pois, na missa, praticam as canções e orações. Também citam a casa, com os parentes e amigos e no trabalho. A informante 40ZUF também utiliza a língua quando realiza pesquisas no Jornal *Prácia*.

De modo geral, percebe-se, em vários momentos nos questionários, que a família e a igreja se destacam entre os ambientes em que mais se utiliza a língua em Prudentópolis. Por mais que o grupo da cidade apresente uma gama maior de situações, a maioria delas está de alguma forma ligada à igreja e à família. Essas são, como já mencionamos anteriormente, duas instituições de grande importância para a preservação da língua no município como um todo.

#### **4. Você acha que o ucraniano falado em Prudentópolis é diferente do falado na Ucrânia. Como?**

Entre os informantes do sexo masculino residentes no interior do município, um afirma não saber. A maioria acredita que a língua ucraniana falada em Prudentópolis é “misturada” com outras línguas e percebe a diferença entre as variedades faladas em Prudentópolis e na Ucrânia, como podemos ver nas afirmações abaixo:

A gente fala misturado e eles falam certo (Informante 2ZRM).

Com certeza e muito diferente do nosso. Os ucranianos falam mais rápido e em outras palavras (Informante 3ZRM).

É possível se entender, mas o ucraniano (falado na Ucrânia) é puxado para o russo (Informante 10ZRM).

A mesma crença aparece entre os informantes do sexo feminino residentes no interior do município, que descrevem o ucraniano falado em Prudentópolis como “misturado”, “aportuguesado” e “diferente” ou “muito diferente” do falado em Prudentópolis, como podemos ver nas duas afirmações seguintes:

É diferente o jeito de falar, o sotaque é bem diferente. Aqui nós misturamos ucraniano e português. Lá falam certinho (Informante 11ZRF).

O ucraniano da Ucrânia é o verdadeiro ucraniano. O nosso não é tão original (Informante 12ZRF).

---

<sup>31</sup> AJUB – Sigla da Associação da Juventude Ucraniano Brasileira.

Entre os da área urbana também acreditam que a língua em Prudentópolis está “aportuguesada”, “misturada” com outras línguas, como o português e o polonês, com palavras “adaptadas” e sotaque diferente. O informante 21ZUM relata que, durante as Olimpíadas no Rio de Janeiro, os ucranianos comentaram que a língua falada no Brasil é a tradicional, como a que os avós usavam na Ucrânia, pois a língua falada pelos jovens naquele país está misturada com o russo. Outros acreditam que a língua ucraniana no Brasil ficou “parada no tempo”, “não evoluiu como a da Ucrânia”, e “perdeu parte de sua originalidade desde a vinda dos imigrantes”. Segundo o informante 29ZUM.

A língua ucraniana no Brasil permaneceu quase que engessado, enquanto a língua ucraniana na Ucrânia sofreu o movimento natural de uma língua. Dado ao fato da distância e ao contato restrito entre a língua ucraniana entre os dois países, a língua ucraniana no Brasil não acompanhou o desenvolvimento da língua ocorrido na Ucrânia. No Brasil, a língua ucraniana sofreu o hibridismo linguístico, “mesclas na língua”, pois, apesar da língua ucraniana no Brasil permanecer com a característica da língua ucraniana arcaica, também teve incremento de outras línguas as que entravam em contato com essa principalmente a língua portuguesa e a polonesa (Informante 29ZUM).

Para o informante 22ZUM, a variação linguística ocorre sempre e é causada por diversos fatores, entre eles o tempo e a área geográfica.

O ucraniano falado na Ucrânia não é o mesmo em toda a Ucrânia assim como o português falado no Brasil não é o mesmo em todo Brasil (Informante 22ZUM).

Por fim, as informantes também comungam com o que foi dito a respeito da mistura, do aportuguesamento e do arcaísmo da língua ucraniana e da diferença entre a língua falada na Ucrânia e no Brasil:

Aqui se mantêm as raízes trazidas por gerações anteriores, enquanto na Ucrânia houve alterações com russo (Informante 33ZUF).

O nosso ucraniano sofreu alterações em sua estrutura, já o ucraniano da Ucrânia manteve-se mais intacto (Informante 35ZUF).

(...) Muitas palavras na Ucrânia têm um significado e nós conhecemos por outras coisas aqui em Prudentópolis (Informante 34ZUF).

Nosso ucraniano não evoluiu como na Ucrânia, falamos um dialeto (Informante 36ZUF).

A informante 38ZUF relata que já teve oportunidade de conversar com ucranianos e teve dificuldade em entendê-los. Para ela,

O ucraniano falado em Prudentópolis é uma linguagem mais coloquial enquanto na Ucrânia é utilizada uma linguagem mais culta (Informante 38ZUF).

Por sua vez, a 39ZUF afirma já ter interagido com pessoas da Ucrânia e a fala desenvolveu-se de forma “normal e entendível”.

Coulmas (2004) afirma que quando um corpo substancial de determinada população sai do seu território, depois de algum tempo sua língua deixa de ser a mesma que a falada no seu local de origem e as mudanças que ocorrem não são mais sincronizadas, pois sua transmissão e recriação seguem trajetórias diferentes. Do ponto de vista teórico, isso é notável porque significa que as mudanças sociais estão envolvidas na mudança linguística e que a língua não é governada por leis inerentes ao sistema linguístico, como afirmavam os linguistas no passado. As línguas estão sempre propensas a novas possibilidades de uso, pois acompanham a evolução e a mudança da sociedade.

A língua ucraniana ao ser trazida para o Brasil entrou em contato com outra realidade linguística, social e cultural e é natural que tenha se transformado e evoluído, assim como a língua ucraniana falada na Ucrânia não se manteve intacta. Entretanto, seu “aportuguesamento” não é visto como uma característica positiva. As respostas obtidas evidenciam que a maioria dos informantes acredita que a língua ucraniana seja um construto mais puro, evoluído e uniforme, enquanto a falada em Prudentópolis seja sua versão estagnada e corrompida que perdeu sua “originalidade” e de certa forma inferior quando comparada à falada na Ucrânia.

##### **5. Qual é a língua mais bonita em sua opinião, o ucraniano ou o português? Por quê?**

Seis dos informantes do sexo masculino, residentes no interior do município, consideram a língua ucraniana mais bonita enquanto os outros quatro disseram que ambas são bonitas. Ninguém comentou o motivo da escolha.

Para seis dos informantes do sexo feminino, residentes no interior do município, a língua ucraniana é a mais bonita, enquanto quatro disseram que ambas são bonitas. O 11ZRM afirma que elegeu o ucraniano por representar seu berço e porque toda a família fala essa língua. O 12ZRM justifica que escolheu as duas, pois a ucraniana representa suas origens e a portuguesa é essencial no dia a dia.

Já na área urbana, também sete informantes do sexo masculino elegeram o ucraniano. Justificam a escolha por ela ser diferente e pela riqueza das palavras. Dois

disseram que ambas têm suas belezas. Dois acreditam que uma língua não é mais bonita que a outra, mas cada uma tem suas particularidades. Para o informante 21ZUM:

Falar em ucraniano é como declamar um poema! (Informante 21ZUM).

Quanto às informantes da área urbana, oito consideram a língua ucraniana mais bonita, enquanto as outras duas consideram ambas bonitas. A informante 39ZUF justifica:

Acho a língua ucraniana, pelo valor que a mesma tem na minha vida uma vez que foi a primeira língua aprendida por mim. Também a sua sonoridade torna-a elegante e única. (Informante 39ZUF).

Outras optaram pelo ucraniano por ser diferente, por contar com poucos falantes, pelas letras diferenciadas do alfabeto, por fazer parte de sua história. A 33ZUF votou em ambas, com o argumento de que, de fato, mantemos nossa cultura, porém estamos em terra brasileira. A informante 36ZUF também optou por ambas, pois se considera uma brasileira ucraniana, então, as duas têm o mesmo valor para ela.

Mesmo havendo a crença da inferioridade da versão prudentopolitana da língua ucraniana, quando comparada com a ucraniana, nas respostas para esta pergunta verificamos que a presença da língua ucraniana na comunidade é vista pela maioria com certa distinção. Ela é mais bonita porque é diferente e também porque tem um valor simbólico maior do que a língua portuguesa.

## **6. Qual é a língua mais difícil, o ucraniano ou o português? Por quê?**

Um dos informantes do sexo masculino da área rural disse que nenhuma das duas é difícil, enquanto seis consideram a ucraniana difícil, dois disseram que ambas são difíceis e um elegeu o português. O informante 9ZRM justifica que escolheu a ucraniana, pois,

português nós aprendemos desde pequenos, já ucraniano nós não aprendemos desde crianças na escola (Informante 9ZRM).

Para nove dos informantes do sexo feminino da área rural, a língua ucraniana é a mais difícil, enquanto uma pessoa considera ambas difíceis. Apenas a informante 11ZRF comentou sua escolha, afirmando que elegeu a língua ucraniana porque ela é muito diferente, começando pelo alfabeto.

Já na área urbana, sete dos informantes do sexo masculino consideram a língua ucraniana mais difícil, um o português e dois consideram ambas difíceis. Evidencia-se que a língua ucraniana seja mais difícil, por seu alfabeto “fora do comum”, por conta das declinações, porque uma palavra pode significar várias coisas, dependendo da expressão, por não estar tão presente no cotidiano e

principalmente por falta de falantes e profissionais qualificados para lecionar a língua ucraniana (Informante 29ZUM).

O informante 21ZUM justifica porque considera o ucraniano mais difícil com as seguintes palavras:

Conheço muitos jovens que tentam aprender ucraniano, mas não conseguem, até aprendem a ler e entendem o que outros falam, porém, ao ler, não sabem o que estão lendo, e não conseguem aprender a falar fluentemente (Informante 21ZUM).

O informante 24ZUM entende que cada língua tem suas dificuldades, porém o meio para aprender uma nova língua é a fonética.

Enquanto sete dos informantes da área urbana do sexo feminino consideram o ucraniano mais difícil, duas pessoas consideram as duas difíceis e uma, o português. Para a informante 35ZUF, depende da situação, pois,

para quem foi criado ouvindo ucraniano o português é mais difícil e vice versa. Mas se pensarmos no alfabeto, na escrita e nas pronúncias, o ucraniano gramaticalmente é mais difícil (Informante 35ZUF).

A informante 39ZUF também acredita que ambas possuem suas regras e gramática específica, porém considera a língua ucraniana mais difícil de aprender principalmente para a pessoa que não a ouviu desde pequena. A 34ZUF destaca as declinações que, segundo ela, acabam confundindo na fala.

Nos comentários, podemos observar que a avaliação é orientada, muitas vezes, pelo conhecimento da língua. Como vimos nos gráficos anteriores, poucos informantes consideram ter proficiência nas quatro habilidades apresentadas. Além disso, o uso da língua ucraniana é muito mais limitado que o do português.

## **7. Qual é a língua mais útil, o ucraniano ou o português? Por quê?**

Apenas um informante do sexo masculino da área rural elegeu a língua ucraniana como a mais útil, justificando que em sua casa só se fala ucraniano. Para dois outros, ambas são úteis, e a maioria (sete) escolheu o Português. Também sete das

informantes do sexo feminino da área rural elegeram a língua portuguesa como a mais útil e outras três consideram ambas úteis.

Enquanto na área urbana, seis informantes do sexo masculino consideram o português como a língua mais útil, segundo eles porque a utilizam no dia a dia, porque ela é compreensível a toda a população e porque é a língua oficial do país. Dois informantes consideram o ucraniano mais útil por se tratar de uma língua estrangeira. Um falante de ucraniano leva vantagens em meio aos falantes monolíngues do português. Outras duas pessoas consideram ambas as línguas úteis.

Para o informante 21ZUM:

O português é útil para as coisas da sociedade, o ucraniano para dentro da família. (Informante 21ZUM).

Já o informante 25ZUM acredita que, em Prudentópolis, as duas sejam de grande importância,

já que é uma cidade conhecida por ser a “terra dos ucranianos no Brasil”. Muita gente vem até a cidade justamente para conhecer mais da cultura ucraniana e saber falar o ucraniano se torna bem importante (Informante 25ZUM).

Seis informantes do sexo feminino elegeram o português, por estarmos no Brasil e por ser o idioma que mais se usa no cotidiano.

Estando no Brasil o português torna-se mais útil para o dia a dia do trabalho uma vez que, infelizmente o ucraniano não é dominado por todos. (Informante 39ZUF).

Outras quatro elegeram ambas.

Tudo vai depender da situação em que nos encontramos (Informante 36ZUF).

Por meio das respostas, observa-se que a utilidade da língua portuguesa está relacionada ao seu status, à educação, à profissão ou a situações formais; já a língua ucraniana está ligada aos interesses grupais, à família, à religião, aos amigos e às situações informais.

## **8. Qual é a língua mais prestigiosa, o ucraniano ou o português? Por quê?**

Seis informantes do sexo masculino, residentes no interior do município, elegeram a língua ucraniana como a mais prestigiosa, enquanto os outros quatro se referiram a ambas. Apenas uma pessoa comentou a resposta.

Português, por ser oficial, e ucraniano por ser usado na comunidade” (Informante 8ZRM).

O mesmo resultado foi obtido com as informantes do sexo feminino da área rural. Seis elegeram a língua ucraniana como mais prestigiosa e as outras quatro elegeram ambas.

O ucraniano porque todos acham bonito (Informante 11ZRF).

As duas são essenciais. Eu não abro mão de nenhuma das duas (Informante 19ZRF).

Na área urbana, sete dos informantes do sexo masculino elegeram a língua ucraniana como a mais prestigiosa, duas pessoas disseram que as duas têm seu valor, nenhuma se sobressai à outra e uma pessoa não soube responder. Justifica-se a escolha pela língua ucraniana porque ela desperta curiosidade fora de Prudentópolis, porque não é qualquer pessoa que a conhece, por ser uma segunda língua para os que nasceram no Brasil. O informante 25ZUM destaca a sua simbologia para a cidade:

Em Prudentópolis a língua ucraniana já foi bastante desprezada, mas hoje ela meio que representa a cidade e acredito sim que seja prestigiosa. (Informantes 25ZUM).

As respostas das informantes do sexo feminino foram semelhantes: sete optaram pela língua ucraniana, duas pessoas escolheram o português e uma pessoa ambas. Uma das justificativas pela escolha do ucraniano, que se destaca, foi a da informante 38ZUF. Nas palavras dela:

Como são poucas as pessoas que dominam esta língua em meu meio de convívio, as pessoas acabam por fascinadas por ela. (informante 38ZUF).

Já a informante 35ZUF considera o português a língua de maior prestígio,

pois abrange maior quantidade de países e pessoas (Informante 35ZUF).

Por mais que a língua portuguesa seja vista por alguns informantes como a mais prestigiosa pela sua abrangência e pelo seu *status* majoritário, a maioria considera a língua ucraniana como a mais prestigiosa. Para os informantes, o prestígio da língua ucraniana não está associado aos valores econômicos e ao *status* social superior do grupo, mas aos valores simbólicos que ela carrega.

### 9. Qual das duas línguas simboliza mais sua identidade? Por quê?

Para seis dos informantes do sexo masculino, residentes no interior do município, a língua ucraniana simboliza mais sua identidade, três optaram por ambas. O informante 10 optou pela língua portuguesa, afirmando que na infância só falava ucraniano, mas quando foi para a escola acabou perdendo o vínculo com essa língua.

Todas as informantes da área rural elegeram a língua ucraniana, mas não comentaram a escolha.

Na área urbana, nove informantes do sexo masculino elegeram a língua ucraniana. Entre as justificativas, encontra-se maior identificação com a cultura e tradições e por ser o idioma do seu grupo étnico e do meio onde foi criado. O informante 24ZUM declara as razões pelas quais optou pelo ucraniano:

Porque me sinto inserido no grupo quando falam o ucraniano. É uma língua que ouço desde criança, dentro de casa com os pais, avós, amigos mais próximos e parentes. Por isso, traz a sensação de pertencimento a um grupo. (Informante 24ZUM).

A língua ucraniana está no seu nome, sobrenome, apelido, família... em tudo (Informante 22ZUM).

Apenas uma pessoa optou pela língua portuguesa, mas não justificou a resposta.

Um dígito a menos se apresenta na resposta das informantes do sexo feminino, onde oito optaram pela língua ucraniana, por ser a língua materna, por ter sido aprendida antes do português e pela descendência.

Foi nessa língua que pronunciei minhas primeiras palavras (Informante 37ZUF).

Uma pessoa optou pelo português, justificando que consegue fazer quase tudo com o português, diferentemente do ucraniano. Um informante declarou:

O bilinguismo representa minha identidade (Informante 33ZUF).

Nesta questão, é notável que a língua figura como uma das manifestações culturais que fundamenta a identidade étnica dos descendentes. A identificação com o grupo a que pertencem revela também a identificação com a língua desse grupo.

**10. Você acha que as próximas gerações não vão mais falar ucraniano? Isso é bom ou é ruim?**

Na área rural, a maioria acredita que sua manutenção se mostra cada vez mais difícil. Entre as razões apontadas pelos falantes do sexo masculino está o fato de os pais mais novos não ensinarem os filhos e de não haver incentivo para o ensino nas escolas. Considera-se que seja um fato negativo porque, se pararem de falar ucraniano, também se acabam as tradições (Inf. 6ZRM). Condizente com essa afirmação está o pensamento do informante 7ZRM, que afirma:

Infelizmente o ucraniano está sendo deixado de lado e isso é ruim, pois nós, descendentes, deveríamos manter a língua para preservar as tradições dos nossos antepassados (Informante 7ZRM).

Os informantes do sexo feminino, por sua vez, apontam que a língua está sendo cada vez menos usada pelo fato de as crianças terem vergonha de falar. Também afirmam que a língua não está sendo repassada pelos pais e pela escola e consideram isso ruim porque com o esquecimento da língua vem o esquecimento das origens.

Acho que vai desaparecer essa língua se não preservarem. É ruim porque faz parte da história e cultura desse povo no Brasil (Informante 14ZRF).

Aos poucos a língua ucraniana está desaparecendo, pois pessoas mais velhas e mais tradicionais é que falam. Jovens bem menos e isso é muito ruim (Informante 19 ZRF).

Também na área urbana, a maioria dos informantes do sexo masculino compartilha do mesmo ponto de vista, afirmando que cada geração está falando menos e que o enfraquecimento da língua leva ao enfraquecimento cultural, “que, se bem explorado, pode inclusive ser muito rentável” (inf. 23ZUM). No entanto, demonstraram perspectivas diversas com relação ao futuro da língua.

Tudo leva a crer que sim, porque eu tenho 31 anos e vejo que meus amigos mais próximos a minha idade ainda cultivam a língua ucraniana, já entre os mais jovens é cada vez mais difícil ver algum falando. Isso é muito ruim, pois, aos poucos, isso mostra que a cultura e identidade dos descendentes de ucranianos estão enfraquecendo (Informante 24ZUM).

O informante 29ZUM acredita que a língua ainda continuará sendo usada de maneira mais restrita e isolada, mas aos poucos será extinta, o que segundo ele, é um processo normal já que essa não é a língua oficial do país. Por outro lado, o informante 28ZUM presume que, no interior, a língua ainda continua sendo passada para as

crianças e que continuará viva por bastante tempo. O informante 25ZUM destaca a recente mudança de atitude com relação à língua e enxerga um panorama mais otimista:

Acho que até um tempo atrás, aprender e ensinar a língua ucraniana foi deixado meio que de lado, mas hoje já tem um interesse mais significativo dos jovens e até mesmo das crianças em aprender o ucraniano e manter essa língua viva entre nós, até mesmo porque quem sabe falar português e ucraniano acaba se destacando e isso pode te tornar mais competitivo no mercado de trabalho (Informante 25ZUM).

Algumas informantes da área urbana também acreditam que o número de falantes irá diminuir, pois poucas pessoas têm interesse em aprender e poucas crianças conhecem a língua. A informante 40ZUF enfatiza que, à medida que a língua desaparece, a cultura também tende a se extinguir e traz como exemplo as celebrações das missas, que se não forem em ucraniano acabam aos poucos perdendo seu significado mesmo quando realizadas no rito.

Por outro lado, alguns acreditam que ainda há pessoas que pensam em mantê-la e repassá-la para os filhos; que no interior há uma preocupação maior com relação a sua manutenção e que ela ainda continuará sendo usada, principalmente na igreja. A informante 33ZUF acredita que o futuro da língua ucraniana em Prudentópolis depende das crianças e que a revitalização é possível. Cita as novas tecnologias como fator de favorecimento para a aprendizagem de línguas estrangeiras. A informante 39ZUF também ressalta, como já foi dito anteriormente, que se nota hoje em dia uma valorização maior da língua.

[...] parece-me que estamos numa época onde a nova geração está dando mais valor para sua descendência e cultura. Desta forma, espero que este amor pela língua ucraniana não morra, pois, para manter uma cultura viva, primeiro ponto fundamental é preservar a sua língua (Informante 39ZUF).

A partir do exposto, é possível perceber que as crenças dos informantes da área rural, de modo geral, são mais pessimistas quando se trata do futuro da língua ucraniana em Prudentópolis. Já os informantes da área urbana enxergam maiores possibilidades para a revitalização e manutenção da língua ucraniana e o crescente interesse pela sua aprendizagem e transmissão.

**11. Você pode pensar em qualquer coisa que o governo, a prefeitura ou outras organizações poderiam fazer para melhorar as oportunidades de preservar a língua ucraniana em Prudentópolis/ no Paraná?**

Para a maioria dos jovens do sexo masculino da área rural, a resposta que mais prevalece é o ensino de língua ucraniana nas escolas. Além disso, há cobrança de mais incentivos na promoção de atividades culturais e divulgação da cultura ucraniana.

Deveria ter ucraniano na escola, na igreja e na catequese. Para nós é mais importante que o inglês (Informante 10ZRM).

Poderia ter mais incentivo do governo porque o município já é formado por um povo mais tradicional que precisa de ajuda para manter, não só a língua, mas a cultura ucraniana viva (Informante 8ZRM).

Todas as informantes da área rural citam o ensino da língua nas escolas. Para a informante 15ZRF:

Poderia oferecer cursos ou até mesmo acrescentar aulas como mais uma matéria igual inglês e espanhol e porque não ucraniano? (Informante 15ZRF).

Os informantes do sexo masculino residentes na cidade, além da inserção da língua ucraniana nos currículos das escolas onde predomina o número de alunos de descendência ucraniana, citam ainda a implementação de intercâmbios, cursos de língua ucraniana e curso superior de língua ucraniana. Os jovens relatam a necessidade de mais apoio aos grupos já existentes, de desenvolvimento de programas que estimulem o uso da língua e conscientizem a população sobre o seu valor simbólico e cultural. O informante 28ZUM acentua que é preciso resgatar as aulas de ucraniano nos encontros da catequese e manter a liturgia em língua ucraniana, condizendo com a opinião do informante 23ZUM de que,

É preciso estimular a fala em ucraniano entre a população ao invés de traduzir missas para o português, por exemplo (Informante 23ZUM).

O informante 22ZUM sugere que o Brasil deveria se espelhar no Canadá. As informantes do sexo feminino reforçam a necessidade de implementar a língua ucraniana nas escolas. Segundo a informante 40ZUF:

A luta é grande em manter o que existe de ucraniano em Prudentópolis, as escolas estaduais em sua maioria possuíam na grade o ucraniano a partir do CELEM, hoje são poucas e ainda correm o risco de fechar pelo não incentivo governamental. As instituições que mantêm ainda a língua em Prudentópolis são as não governamentais, mas religiosas, por incentivo próprio. Acredito que, se os órgãos governamentais apoiassem, seria fundamental a oferta de

cursos principalmente nos núcleos rurais aonde ainda tem uma “chama acesa”, as crianças e os jovens ainda como conhecedores da língua (Informante 40ZUF).

Além disso, ainda chamam a atenção para a necessidade de investir em cursos e eventos que visem à preservação da cultura e despertem o interesse dos jovens, como já vem acontecendo; oportunizar intercâmbios com a Ucrânia e buscar apoio naquele país; investir mais na formação de professores. A informante 38ZUF acredita que ideias simples como encontros para leituras ou bate papos seriam uma forma de estimular o uso da língua. A informante 37ZUF enfatiza a necessidade de conscientizar os pais para que repassem aos filhos a importância de conhecer outro idioma e de preservar sua cultura. Acredita, também, que a manutenção da língua não depende apenas de incentivos institucionais, mas que é de responsabilidade de cada um. Segundo ela, as pessoas, na maioria das vezes, se acomodam e não querem saber de aprender.

Os informantes enxergam diversas as possibilidades para manutenção da língua ucraniana em Prudentópolis. Por outro lado, destacam a falta de incentivo, investimento e assistência institucional, o que tornam escassas as iniciativas para esse fim.

## **12. Você gostaria de falar mais alguma coisa que considera relevante com relação à língua ucraniana em Prudentópolis que não tenha sido perguntado?**

Apenas três informantes do interior responderam a essa pergunta e todos eles disseram que gostariam que houvesse maior motivação para que as crianças aprendessem a língua ucraniana. A informante 16ZRF enfatizou que tradições como Koliady (cantos de Natal) e a Hailka (brincadeiras típicas do dia da Páscoa) serão deixadas de lado se as pessoas não souberem a língua.

Já entre os informantes da cidade, foi reiterada a importância da conscientização dos jovens para que não sintam vergonha da nossa língua,

pois muitas só deixam a língua porque são motivo de chacota de outras pessoas (Inf. 21ZUM).

Para o informante 24ZUM existe uma ligação muito forte entre a língua e a religiosidade, já que ela é utilizada nas celebrações, por isso considera

de fundamental importância que as organizações religiosas também participem e contribuam para a manutenção e conservação da cultura ucraniana ( Inf. 24ZUM).

O informante 27ZUM relatou sua experiência de trabalho em uma empresa ucraniana nos jogos olímpicos no Rio de Janeiro, onde sentiu a importância de conhecer a língua e de como a língua ucraniana falada em Prudentópolis é “misturada”.

A informante 39ZUF contou que sentiu na pele o prazer de dominar a língua quando foi enviada ao Paraguai para ministrar catequese. Tendo pouco conhecimento de espanhol, pode ensinar em ucraniano para os adolescentes.

Vários informantes relatam o preconceito, bullying ou manifestações de chacota que enfrentaram por falarem a língua:

No passado tinha vergonha da língua ucraniana, acredito que quem falava ucraniano aqui em Prudentópolis sofria um certo “bullying”, muitos falavam que a língua era feia, tinha um sotaque feio. Hoje me orgulho muito da língua ucraniana e por saber falá-la”. (...) Na faculdade, muitos dos meus amigos admiram que eu saiba a língua ucraniana, eles sim, acham complexo demais, acham as letras estranhas, a pronúncia bem diferenciada, pedem pra ensinar algumas palavras básicas, como “bom dia”, “boa noite”, “pai”, “mãe” (informante 25).

A informante 38ZUF conta que aprendeu a língua ucraniana antes mesmo do português. Quando veio morar na cidade, aos 10 anos, sofreu preconceito e deboche por conta do seu sotaque, mas nunca deixou se abater por isso.

Hoje tenho muito orgulho e sou feliz em saber falar a língua ucraniana. Já me favoreceu no trabalho e na vida. Trabalho com atendimento direto ao público, principalmente pessoas que moram no interior e falam o ucraniano, e isso acaba que facilitando vários diálogos que tenho com eles, e isso acaba até trazendo mais confiança deles para comigo. Realmente hoje é somente orgulho que sinto por conhecer a língua ucraniana, e confesso que meu interesse é aprender ainda mais, falar melhor, ler e escrever (Informante 38ZUF).

Outras duas informantes relataram que sofreram preconceito por causa da pronúncia do “r” em início de sílaba (como alveolar simples) e por isso não queriam falar em ucraniano.

A informante 36ZUF conta que seus colegas sempre riam dela na escola por causa do “r” inicial até que um dia a professora interrompeu sua leitura e perguntou para a turma se mais alguém falava alguma outra língua. Diante da resposta negativa, a professora lhe deu os parabéns, pois ela possuía sotaque justamente porque falava mais de uma língua e que ela não deveria se envergonhar por isso.

Para nós era difícil falar a língua portuguesa assim como os falantes que a tem como primeira língua (Informante 37ZUF).

Outra resposta que chamou a atenção foi a do informante (26ZUF). Segundo ele,

É notado à discriminação por uma pequena parcela da sociedade perante as pessoas que mantêm e lutam pela preservação da cultura ucraniana (Informante 26ZUF).

O informante relatou que, durante a Jornada Mundial da Juventude, os descendentes de ucranianos foram criticados por estarem segurando a bandeira ucraniana e quando chegaram os símbolos da Jornada até Prudentópolis, também foram questionados por terem cantado o hino da Ucrânia. Para ele,

Esses fatos demonstram que uma parte da sociedade, até mesmo os de descendentes ucranianos, não aceita e sente uma espécie de inveja em relação a tantas tentativas de preservação da cultura ucraniana (Informante 26ZUF).

Esse comentário demonstra que há ainda pessoas da própria comunidade que não se identificam com seu grupo étnico e que não dão importância à preservação da língua e cultura dos seus antepassados.

Essa pergunta aberta deu aos informantes, mais uma vez, a oportunidade de falar das suas crenças em torno do que acontece com a língua ucraniana no município de Prudentópolis. O que chama atenção é a utilização deste espaço para relatar as diversas experiências de preconceito sofridas, as quais tiveram grande impacto na escolha linguística desses falantes, que afirmam ter deixado de utilizá-la em diversas situações por vergonha e por medo do *bullying*. Por outro lado, é possível observar uma mudança de atitude com relação a essa situação. Mais uma vez é visível que esses jovens desejam marcar sua solidariedade com a língua falada na comunidade e hoje compreendem que falar uma segunda língua não pode ser motivo de vergonha. Um dos depoimentos chama a atenção, inclusive, para a importância da conscientização dos jovens que mantêm as velhas crenças.

Diante do exposto acima, faz-se aqui oportuno ressaltar que a diversidade linguística não é um fator prejudicial à sociedade, pelo contrário. Nas palavras de Castro (2007):

A diversidade torna visível uma particularidade humana, isto é, o uso das diversas possibilidades de um dos processos de linguagem e interação humana: a língua. Este entendimento conduz a um outro de igual relevância: a diversidade de usos linguísticos não corrompe ou empobrece uma língua, muito menos a torna mais feia ou mais bonita, nem tão pouco mais fácil ou difícil; toda e qualquer língua tem suas especificidades e não existe língua melhor ou pior que outra por causa dos usos que são feitos nas diferentes instâncias sócio-comunicativas. (CASTRO. 2007. p. 140).

Em suma, uma língua representa as características distintivas de uma comunidade e também espelha nossa diversidade como seres humanos. Sendo parte desse complexo emaranhado social, é nosso dever promover a compreensão e a tolerância linguística para que o preconceito, os estereótipos e a estigmatização percam seu lugar e deixem de desmotivar o uso e gerar, como consequência, o silenciamento de línguas e o menosprezo por variedades linguísticas menos prestigiadas. Essas manifestações negativas desconsideram a identidade e os valores sócio-históricos construídos por indivíduos e grupos. Além disso, desrespeitam o direito linguístico enquanto *locus* do direito humano – que não trata apenas da liberdade de expressão, de dizer o que se pensa, mas da liberdade de fazer isso por meio da sua língua.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como objetivo principal investigar as crenças e as atitudes de jovens descendentes de ucranianos, residentes na área urbana e rural de Prudentópolis, frente à língua ucraniana e a sua manutenção no referido município. Para tanto, foram traçados alguns objetivos específicos, que buscamos alcançar ao longo desta dissertação.

Com o intuito de familiarizar nosso leitor com o contexto deste estudo iniciamos apresentando os resultados da investigação bibliográfica realizada acerca da história dos ucranianos e da sua vinda para o Brasil, bem como acerca da língua trazida por eles, que figurou como foco de nossa dissertação. A história não representa apenas um mero levantamento de dados ou fatos, pois é, conforme Doustdar (1990, p. 7-8), “o entendimento das relações entre os fatos e interpretação de seu sentido [...]. Quando se analisa o passado, fazemos indagações com as perguntas que nos interessam hoje, avaliando a significação desse passado na sua relação conosco”.

Amparados pelo referencial teórico de base sociolinguística, seguimos com a investigação acerca dos domínios de uso da língua ucraniana por esses jovens, por meio de um questionário semiestruturado. Na primeira parte do questionário, pudemos constatar que, para a maioria dos participantes, a língua ucraniana foi dominante na infância e continua sendo utilizada ao lado da língua portuguesa nos dias de hoje, principalmente no ambiente familiar. Entretanto, seu uso se limita predominantemente ao domínio oral. Embora os jovens afirmem que estudaram a língua ucraniana, eles dificilmente têm o hábito ou possibilidade de praticar a escrita e a leitura nessa língua. Vimos que pouquíssimos informantes dispõem do acesso aos meios de comunicação neste idioma. Por outro lado, foi destacada a importância crucial tanto da língua para manter tradições como do papel da igreja para sua manutenção corroborando para a confirmação da nossa primeira hipótese.

A partir daí, nos propusemos a investigar as crenças e atitudes destes jovens frente à variedade da língua ucraniana falada em Prudentópolis e seus reflexos na sua manutenção ou não no município, dentro das variáveis: local de residência e sexo. Os resultados indicam que as crenças e atitudes entre os informantes são relativamente uniformes e que não houve diferenças significativas entre as variáveis (sexo e local de residência) propostas e, sendo assim, nossa segunda hipótese não pode ser confirmada.

Após a conclusão do levantamento dos dados coletados nos questionários, a primeira impressão que surgiu foi que a pesquisa de campo deu voz aos jovens falantes

de língua ucraniana para expressarem suas crenças e atitudes com a relação à realidade linguística encontrada em Prudentópolis, dando-lhes a oportunidade de serem ouvidos, de possivelmente despertar sua consciência sociolinguística e fazê-los refletir acerca das opiniões, julgamentos e valores atribuídos à sua língua de herança.

Como vimos, vários informantes destacaram o preconceito vivido por eles pelo fato de serem falantes da língua ucraniana, principalmente no que se refere a sua pronúncia ao falarem português. Este preconceito é estimulado ou pela crença de que a língua ucraniana falada no Brasil é uma versão arcaica, deteriorada e inferior à língua falada na Ucrânia e/ou pela concepção do estereótipo de que os falantes de língua ucraniana eram colonos e mal instruídos. Tais crenças foram, em grande parte, responsáveis pela perda de interesse pela língua ucraniana, pois contribuíram para a sua desvalorização e desprestígio, inclusive pelos próprios falantes, que se sentiam constrangidos tanto de falar o seu idioma materno quanto das marcas deixadas pela língua ucraniana no seu português.

Embora as atitudes negativas com relação à determinada língua possam levar, em certos casos, à perda ou substituição linguística, o preconceito e a estigmatização podem produzir outro tipo de efeito: o de reforçar a lealdade e a solidariedade de seus falantes em relação à língua e ao grupo a que pertencem. De acordo com Moreno Fernández (1998), a “lealdade linguística surge como reação diante de uma possível mudança de língua; essa reação leva os indivíduos a conservarem a língua ameaçada e a converterem-na em um símbolo social” (MORENO FERNÁNDEZ, 1998, p. 245). Esse foi o caso encontrado por Labov em Martha’s Vineyard (1963), descrito no capítulo III, e parece ser o caso dos falantes de língua ucraniana em Prudentópolis, pois é notável que este cenário negativo descrito acima esteja gradativamente mudando.

Vários informantes destacaram que, hoje em dia, estão ressurgindo o sentimento de valorização e a consciência da necessidade de resgate da língua e da cultura ucraniana na cidade de Prudentópolis. As atitudes de lealdade e de solidariedade, refletidas em diversos momentos nos discursos dos informantes, podem ser vistas como fatores que contribuem para a sua manutenção e revitalização. Neste sentido, as declarações dos informantes contestam a afirmação de Hanicz (1996) de que a língua ucraniana se esvazia pouco a pouco, pois, na visão deste autor, a quarta e quinta gerações de descendentes não possuem forte compromisso com essa língua e não encontram sentido em dominá-la. Os dados encontrados também se contrapõem à afirmação de Makarova (2015) de que na terceira geração de imigrantes predomina o

monolinguismo e que há um padrão de transição de uma língua minoritária para a majoritária nas gerações de imigrantes a partir dessa geração. Apesar de terem nascido no Brasil e pertencerem à quarta e quinta gerações, a maioria dos informantes pesquisados ainda utiliza a língua ucraniana em diferentes esferas no dia a dia. Além disso, a maioria se identifica como sendo "ucraniano-brasileiro", o que indica um forte vínculo identitário com a "raiz" da qual descendem.

A perda da língua ucraniana se relaciona com a perda da sua identidade, do sentimento de pertença a um grupo e a todo valor simbólico que a ele é vinculado, que se exterioriza em grande parte por meio da linguagem. A manutenção da língua implica, portanto, a manutenção de toda a bagagem histórica, ideológica e cultural a ela vinculada e por ela representada. Essa é mais uma das razões que justifica as atitudes majoritariamente favoráveis no que concerne ao uso e à manutenção desta língua no município de Prudentópolis pelos jovens participantes deste estudo.

Somado a isso, ainda acreditamos que essa mudança de percepção pode ser consequência de diversos fatores externos suplementares, já citados na introdução que, aliados a outros já existentes, vêm contribuindo para a maior visibilidade da língua ucraniana no município e no Brasil como um todo, a saber: maior aproximação com o país de origem; as ações desenvolvidas pela UNICENTRO por meio, principalmente do Núcleo de Estudos Eslavos; o acesso mais ampliado à internet, inclusive na área rural, investimentos na área do turismo, com destaque às características ucranianas da cidade, entre outros.

Com relação ao aspecto turístico, é possível fazer outra “ponte” com o estudo de Labov em Martha’s Vineyard. Embora tenha sido conduzida em um nível fonético, a análise de Labov revelou que os ilhéus, que favoreceram a transição para o turismo, abandonaram seu antigo hábito linguístico de centralização, enquanto aqueles que se opuseram à invasão dos turistas mantiveram a marca dialética de identidade da comunidade. Possivelmente, em Prudentópolis esteja ocorrendo o contrário em relação à língua ucraniana e à “invasão turística”, pois, por causa deles, as pessoas que pararam de falar em ucraniano agora estão percebendo que o idioma é valorizado e estão considerando sua manutenção como um fator positivo para eles e para a comunidade como um todo.

Como Gómez Molina (1987) e Beker (1992) sugerem, a importância de estudos acerca de crenças e atitudes linguísticas reside no fato de que através deles é possível obter um indicativo dos pensamentos, crenças, preferências e desejo de uma

comunidade e, conseqüentemente, das chances de sucesso na implementação de projetos e políticas linguísticas, ou não.

No caso de Prudentópolis, os informantes da pesquisa reivindicam uma assistência maior do poder público e apontam para a necessidade do desenvolvimento de projetos que assegurem a promoção, ensino, reconhecimento e aprimoramento das possibilidades de acesso a esse idioma por um uso público mais abrangente; ressaltam a inevitabilidade de lhe agregar um valor utilitário maior em termos de ganhos simbólicos e também socioeconômicos, que auxiliem na intensificação de atitudes positivas frente a ela, no interesse pela sua manutenção, aprendizagem e transmissão na comunidade. Trata-se, afinal, de uma língua que carrega consigo a riqueza histórica e cultural de um povo milenar, que só tem a contribuir para diversidade cultural e linguística brasileira.

Esperamos, enfim, que a participação dos jovens da comunidade ucraniana de Prudentópolis neste trabalho tenha contribuído para a reflexão acerca das crenças e atitudes que envolvem a sua realidade linguística, bem como para o conhecimento ou reconhecimento da necessidade de novas ações para que a vitalidade da língua ucraniana tenha continuidade.

## REFERÊNCIAS

- AGUILERA, Vanderci de Andrade. *Crenças e atitudes linguísticas: o que dizem os falantes das capitais brasileiras*. Estudos Linguísticos, São Paulo, Vol. 2, n. 37, p.105-112, 2008.
- ANDREAZZA, Maria Luiza. *Paraíso das delícias: estudo de um grupo imigrante ucraniano 1895-1995*. 1996. 412f. Tese (Doutorado em história) – Programa de Pós-graduação em história. Universidade Federal do Paraná, Curitiba 1996.
- BAGNO, Marcos. *Preconceito Linguístico: o que é, como se faz*. São Paulo: Loyola, 2007.
- BAKER, Colin. *Attitudes and language*. Clevedon, England; Philadelphia, PA: Multilingual Matters, 1992.
- BALTHAZAR, Luciana. *Atitudes linguísticas de ítalo-brasileiros em Criciúma (SC) e região*. 2016. 293 f. Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós- Graduação em Letras, Setor de Ciências Humanas, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2016.
- BARCELOS, Ana Maria Ferreira. *Cognição de professores e alunos: tendências recentes na pesquisa de crenças sobre ensino e aprendizagem de línguas*. In: BARCELOS, A.
- BARCELOS, Ana Maria Ferreira. *Crenças sobre aprendizagem de línguas, linguística aplicada e ensino de línguas*. Linguagem & Ensino, Pelotas, v. 7, n. 1, p. 123-156, 2004.
- BARCELOS, Ana Maria Ferreira. *Reflexões acerca da mudança de crenças sobre o ensino e aprendizagem de línguas*. Rev. Brasileira de Linguística Aplicada, Belo Horizonte, vol. 7, n 2, p. 109-138, 2007.
- BARCELOS, Ana M. F e ABRAHÃO, Maria H. V. (Orgs.). *Crenças e ensino de línguas: foco no professor, no aluno e na formação de professores*. Campinas, SP: Pontes, 2006.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *O impacto da sociolinguística na educação*. In: Bortoni-Ricardo, Stella Maris. *Manual de Sociolinguística*. São Paulo: Contexto, 2014. p. 157-167.
- BORUSZENKO, Oksana. *Boletim informativo da Casa Romário Martins*. 2. ed. Fundação Cultural de Curitiba, Curitiba, 1995.
- BOTASSINI, Jacqueline Ortelan Maia. *Crenças e atitudes linguísticas: um estudo dos róticos em coda silábica no norte do Paraná*. 2013. 228 f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, Setor de Ciências Humanas, Universidade Estadual de Londrina. Londrina, 2013.
- BURKO, Valdomiro. *A Imigração ucraniana no Brasil*. Curitiba. Cobrag, 1963.
- CARRARO, Fernanda Priscila. *Crenças e atitudes linguísticas: um estudo sobre a língua espanhola como língua estrangeira*. 2016. 117 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Estadual o Centro-oeste, Guarapuava, 2016.
- CASTRO, Antonilma Santos Almeida. *Língua e Identidade: problematizando a diversidade linguística na escola*. Sitientibus. Feira de Santana, n.37, p.135-149, jul./dez. 2007.

- COELHO, Izete Lehmkuhl; GORSKI, Edair Maria; MAY, Guilherme Henrique; SOUZA, Cristiane Maria Nunes. *Sociolinguística*. Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2010.
- COELHO, Izete Lehmkuhl; GORSKI, Edair Maria; MAY, Guilherme Henrique; SOUZA, Cristiane Maria Nunes. *Para conhecer sociolinguística*. São Paulo: Contexto, 2015.
- CORBARI, Clarice Cristina. *Atitudes linguísticas: Um estudo nas localidades paranaenses de Irati e Santo Antônio do Sudoeste*. 2013. 259 f. Tese (Doutorado) - Curso de Letras, Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística, UFBA, Salvador, 2013.
- CORBARI, Clarice Cristina. *Crenças e Atitudes Linguísticas de Falantes de Irati (PR)*. Signum: Estud. Ling. no 15/1, p. 11-127, Londrina: 2012.
- COULMAS, Florian. *Choice in Language*. University of Duisburg-Essen General and Theoretical Fachbereich 3 Paper No. 591. Reproduced by LAUD, 2004.
- COULMAS, Florian. *Sociolinguistics: The Study of Speakers' Choices*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.
- CYRANKA, Lucia Furtado de Mendonça. *Atitudes lingüísticas de alunos de escolas públicas de Juiz de Fora – MG*. 2007. 174 f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) - Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2007.
- DOUSTDAR, N. M. *Imigração Polonesa: raízes históricas de um preconceito*. Dissertação de Mestrado. Curitiba: UFPR, 1990.
- DÜCK, Elvine Siemens. *Vitalidade linguística do Plautdietsch em contato com variedades standard faladas em comunidades menonitas no Brasil*. 2011. 335 f. Tese (Doutorado). Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2011.
- FRANKO, Ivan. *Para o Brasil*. Poesias. Curitiba. Sociedade dos Amigos da Cultura Ucrâniana, 1981.
- FUNKLER, Debora Isabel. *Crenças e atitudes de falantes ítalo-brasileiros em Chapecó-SC*. TCC. Curso de Graduação em Letras Português e Espanhol – Licenciatura, UFFS, Campus Chapecó, 2016.
- FURTADO, Maria Rita. *Uma Discussão Acerca do Conceito de Crença*. 2011. 63f. Dissertação (Mestrado em Teoria da Literatura) - Programa em teoria da literatura, Universidade de Lisboa faculdade de letras. Lisboa, 2011.
- GERUS, Oleh e REA Edgar. *The Ukrainians in Canada, Canada's Ethnic Groups*. Booklet 10. Ottawa: Canadian Historical Association, 1985.
- GOFFMAN, Erving. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Tradução de Mathias Lambert. 4ª edição. Rio de Janeiro: LTC, 1988.
- GUÉRIOS, Paulo Renato. *Memória, identidade e religião entre imigrantes rutenos e seus descendentes no Paraná*. 2007. 299 f. Tese (Doutorado) - ao Programa de Pós-graduação em Antropologia Social do Museu Nacional, Rio de Janeiro. Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2007.
- GUIL, Luiz Francisco. *As linhas de Prudentópolis*: Arte. Prudentópolis. 2015.
- HANICZ, Teodoro. *Religião, rito e identidade. Estudo de uma Colônia Ucrâniana no Paraná*. São Paulo: PUC, 1996. (Dissertação de Mestrado).

HAURESKO, Cecilia et al. *Mapeamento da Colônia Ucrâniana de Prudentópolis – Pr.* Anais do VI Simpósio Internacional De Geografia Agrária. Universidade Federal Da Paraíba, João Pessoa. 2013.

HIMKA, John- Paul. *Galician Villagers and the Ukrainian National Movement in the Nineteenth Century.* Houndmills: Palgrave Macmillan, 1988.

HUDYMA, Khrystyna. *Language Maintenance and Shift: Case Study of Ukrainian in Saskatchewan.* 2012. 94f. (Dissertação de mestrado). Department of Languages and Linguistics, Saskatoon. University of Saskatchewan, 2012.

IVANOVA, Olga. *Sociolingüística urbana: estudio de usos y actitudes lingüísticas en la ciudad de Kiev.* 2011. 1188f. Tese (Doutorado). Facultad de filología departamento de lengua española, Salamanca. Universidad de Salamanca, 2011.

KOVALSKI, Rodrigo Augusto. *Desenvolvimento territorial sustentável com identidade cultural no estado do Paraná: possibilidades e bloqueios: estudo de caso no município de Palmeira, na região de Santa Bárbara - PR.* 2015. 270f. Tese (Doutorado) Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.

LABOV, William (1972). *Sociolinguistic Patterns.* Philadelphia: University of Pennsylvania Press. [Padrões Sociolinguísticos] Trad.: Marcos Bagno; Marta Scherre e Caroline Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008.

LABOV, William. *How I got into Linguistics and what I got out of it.* 1997. Disponível em: <http://www.ling.upenn.edu/~wlabov/howigot.html>. Acesso: 12 de Dezembro de 2017.

LEHR, John. *Community and Frontier: A Ukrainian Settlement in the Canadian Parkland.* Winnipeg. University of Manitoba Press, 2011.

LEHR, John. *Peopling the prairies with Ukrainians.* In S. Hryniuk and L. Luciuk (Eds.), *Canada's Ukrainians: negotiating an identity* (pp: 30-53). Toronto, ON: University of Toronto Press, 1991.

LEITE, Marli. *Preconceito e intolerância na linguagem.* São Paulo: Contexto, 2008.

LÓPEZ MORALES, Humberto. *Sociolingüística.* 3 ed. Madrid: Gredos, 2004.

MAKAROVA, Veronika. *Linguistic Universe: An introduction to Linguistics.* Kendall Hunt, ISBN 978-1-4652- 6820-4. 2015.

MARTELOTTA, Mário Eduardo. *Manual de lingüística.* 2 ed. São Paulo: Contexto, 2012.

MATEUS, Maria Helena Mira; PEREIRA, Dulce & FISCHER, Glória. (orgs.). (2008). *Diversidade Lingüística na Escola Portuguesa.* Lisboa: ILTEC / Fundação Calouste Gulbenkian, 2008.

MEZAVILA, Albertina. *Ucranianos em Cascavel: a história, a religião e a língua.* 2007. 180 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Estadual do Oeste do Paraná, 2007.

MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza. (orgs.) *Introdução à sociolingüística: o tratamento da variação.* 2. ed. São Paulo: Contexto, 2004.

MORENO FERNÁNDEZ, Francisco. *Principios de sociolingüística y sociología del lenguaje.* Barcelona: Ariel, 1998.

OGLIARI, Marlene. *As condições de resistência e vitalidade de uma língua minoritária no contexto sociolinguístico brasileiro*. 1999. 489 f. Tese. (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. 1999.

OLIVEIRA, Lúcia Lippi. *O Brasil dos Imigrantes*. 2 ed. Rio de Janeiro: Sindicato Nacional dos Editores de Livros, 2002.

PASTORELLI, Daniele Silva. *A Crença e a atitude linguística do capanemense*. *Línguas e Letras*, v. 12, n. 22, p.13-41, 2011.

PAVLENKO, Aneta. *Multilingualism in Post-Soviet Countries: Language Revival, Language Removal, and Sociolinguistic Theory*. CITE Department, College of Education, Temple University, Philadelphia, PA, USA. 2008.

PRETI, Dino. *Sociolinguística: os níveis da fala*. 9.ed. São Paulo: EDUSP, 2000.

RAMOS, Odinei Fabiano. *Experiências da colonização eslava no centro-sul do Paraná (Prudentópolis 1895-1995)*. 2012. 2018f. Tese (Doutorado). Universidade Estadual Paulista, Franca, 2012.

RAMOS, Odinei Fabiano. *Ucranianos, poloneses e brasileiros: fronteiras étnicas e identitárias em Prudentópolis - Paraná (1895-1950)*. 2005. Dissertação (Mestrado em história) - Programa de Pós-Graduação em História, UNISINOS. São Leopoldo, 2006.

RENK, Valquíria Elita. *Nacionalização compulsória das escolas étnicas e resistências, no Governo Vargas*. In: VII Congresso Nacional de Educação - EDUCERE, 2008, Curitiba. Anais do VIII Congresso Nacional de Educação - EDUCERE. Curitiba: Champagnat/ Fundação Araucária, 2008. v. 1. – PUCPR/UFPR.

RESENDE DA COSTA, Lourenço. *A Língua Ucraniana no Currículo Escolar de Algumas Escolas de Prudentópolis-PR (1990-2010)*. Anais do XV encontro regional da história da ANPUH –Rio. Rio de Janeiro, 2012.

RESENDE DA COSTA, Lourenço. *A Língua Ucraniana Nos Colégios Estaduais Em Prudentópolis- PR*. II Congresso Internacional de História. In: *Anais do II Congresso Internacional de história UEPG- UNICENTRO*. Ponta Grossa, 2015.

ROSSA, Rosana Tais. *Crenças e atitudes linguísticas de descendentes de imigrantes italianos de Pinho de Baixo, Irati, Paraná*. 2017. 145 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Estadual o Centro-oeste, Guarapuava, 2017.

SENIUK, Talita; SKAVRONSKI, Maria Inêz Antonio. *Imigração Ucraniana e Colonização em Prudentópolis (1895-1945)*. In: *Ateliê de História*. Vol. 2, n. 1 – UEPG, Ponta Grossa, 2014.

SILVA, Hélen Cristina; AGUILERA, Vanderici de Andrade. *O poder de uma diferença: um estudo sobre crenças e atitudes linguísticas*. *Alfa*, São Paulo, vol.58, n.3, p. 703-723, 2014.

SILVA, Kleber Aparecido. *Crenças sobre o ensino e aprendizagem de línguas na Linguística Aplicada: um panorama histórico dos estudos realizados no contexto brasileiro*. Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) *Linguagem & Ensino*, v.10, n.1, p.235-271, jan./jun.2007.

SUBTELNY, Orest. *Ukraine: A History*. 4th ed. University of Toronto Press. Toronto, 2009.

SYVAK, Nina; PONOMARENKO, Valerii; KHODZINSKA, Olha; LAKEICHUK, Iryna. *Toponymic guidelines for map and other editors. Ukraine: for international use.*: Kartographia, Kyiv, 2011.

TARANENKO, Oleksander. *Ukrainian and Russian in contact: attraction and estrangement. International Journal of the Sociology of Language*, 2007 (183), pp. 119-140. Disponível em: <https://doi.org/10.1515/IJSL.2007.007>.

TRUDGILL, Peter. *Sociolinguistics – Language and society. In: Sociolinguistics: an introduction*: Penguin Books. UK, (2000).

TUWAKHAM, Maliwan. *Language vitality and language attitude among the Yong people in Lamphun province: a sociolinguistic study*, 2005. 213 f. Dissertação (Mestrado em Linguística). Payap University, Chiang Mai, Thailand, 2005.

WOUK, Miguel. *Estudo etnográfico-lingüístico da comunidade ucraniana de Dorizon*. Curitiba: Projeto, 1981.

#### REFERÊNCIAS EM LÍNGUA UCRANIANA (e respectiva tradução)

БОЙКО, Олександр Дмитрович. Д. *Історія України*. «Академія», Оригінал-макет, Обкладинка В. М. Штогриня, Kiev, 2002.

(BOYKO, Oleksandr. Dmytrovych. *História da Ucrânia*. «Akademiya», Oryhinal-maket, Obkladynka V. M. Shtohryna, Kiev, 2002).

СЕМЕНЮК, Святослав. *Історія Українського Народу*. Львів. Априорі. 2010.

(SEMENYUK, Svyatoslav. *História do povo ucraniano*. Lviv. Apriori. 2010).

СМАЛЬ-СТОЦЬКИЙ, Роман. *Українська мова в советській Україні. Друге поширене видання / Українське товариство ім. Шевченка. – Нью-Йорк; Торонто; Сідней; Париж, 1969.*

(SMAL'-STOTS'KYI Roman. *Língua ucraniana na Ucrânia soviética*. 2 ed.: Ukrayins'ke tovarystvo im. Shevchenka Nova York; Toronto; Sydney; Paris, 1969).

СУШИНСЬКА, Ірина. *Українська мова у Бразилійській Діаспорі: Стан і Статус*. In: Розділ VII. *Особливості говорів української мови та проблеми соціолінгвістики*. Лінгвістичні Студії. Збірник наукових праць. Випуск 20 - Літературне місто, 2010. Disponível em: [http://litmisto.org.ua/?page\\_id=8764](http://litmisto.org.ua/?page_id=8764). Acesso: 05/ 10/ 2017.

(SUSHYNS'KA, Iryna.. *Língua ucraniana na diáspora brasileira: estado e status* In: Rozdil VII. *Características das falas de Língua ucraniana e problemas da Sociolinguística*. Linhvistychni Studiyi. Zbirnyk naukovykh prats'. Vypusk 20: Literaturne misto, 2010). Disponível em: [http://litmisto.org.ua/?page\\_id=8764](http://litmisto.org.ua/?page_id=8764). Acesso: 05/ 10/ 2017.

ОГІСНКО, Іван. *Історія Української Літературної Мови: Наша культура і наука*. Київ. 2004.

(OGIENKO, Ivan. *História da Língua Literária Ucrainiana: Nasha kul'tura i nauka*. Kiev. 2004).

КРИЖАНІВСЬКА, Ольга Іванівна. *Історія української мови. Історична фонетика. Історична граматики*. Альма-Матер. Київ. 2010.

(KRYZHANIVSKA, Ol'ha Ivanivna. *História da língua ucraniana. Fonética histórica. Gramática histórica*. Alma Mater. Kiev. 2010).

ПАВЛЕНКО Лариса Петрівна. *Історична граматики української мови*. Вид. Волинського національного університету імені Лесі Українки. Луцьк. 2010.

(PAVLENKO Larysa Petrivna. *Gramática histórica da língua ucraniana: Universidade de Volyn Lesia Ukrainka*. Luts'k. 2010).

ЯВОРСЬКА, Стефанія. *Розвиток української мови в добу русифікації та українізації*. Чернівці, 2014. Disponível em: <http://elibrary.kubg.edu.ua/id/eprint/6969> Acesso: 25 de Fevereiro de 2018.

(YAVORSKA, Stefania. *Desenvolvimento da língua ucraniana na era da russificação e ucranização*. Chernivtsi, 2014). Disponível em: <http://elibrary.kubg.edu.ua/id/eprint/6969> Acesso: 25 de Fevereiro de 2018.

ЛАНОВИК Богдан, ЛАЗАРОВИЧ Микола . *Історія України: Знання-Прес*, Київ 2001.

(LANOVIK Bohdan, LAZAROVICH Mykola. *História da Ucrânia*. Znania Press. Kiev, 2001.

## ANEXOS

**Anexo 1: Ficha social****FICHA SOCIAL**

Nome:

Endereço:

Sexo:

Idade:

Profissão:

Fala quantas línguas?

Quais?

Como as aprendeu?

**Profissão dos pais:**

Pai:

Mãe:

**Origem/etnia dos pais:**

Pai:

Mãe:

Sua escolaridade– (estuda e/ou até que série estudou):

Seu local de nascimento:

**Anexo 2: Termo de consentimento****TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE**

A pesquisa *Crenças e atitudes linguísticas de jovens descendentes de ucranianos em Prudentópolis Paraná*, desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Letras, da UNICENTRO, tem como objetivo registrar e analisar as crenças e atitudes linguísticas de falantes descendentes de imigrantes ucranianos que residem tanto na área urbana como na rural no município de Prudentópolis. Esta pesquisa é desenvolvida pela pesquisadora *Edina Smaha* sob a orientação da Professora Doutora Loremi Loregian-Penkal. Os questionários serão posteriormente utilizados para descrições sociolinguísticas diversas. Os dados coletados serão analisados e divulgados por meio de literatura especializada e eventos científicos, porém, os informantes não serão identificados. Esta pesquisa possui caráter acadêmico e não representa qualquer dolo para o informante que participa voluntariamente respondendo aos questionários.

Assim, eu, \_\_\_\_\_  
Portador (a) da cédula de identidade nº \_\_\_\_\_ e do  
CPF nº \_\_\_\_\_ estou ciente e de acordo  
com os termos da realização desta pesquisa. Dessa forma, aceito participar  
voluntariamente e autorizo a divulgação de dados relacionados à minha oralidade e aos  
questionários escritos.

Assinatura do entrevistado

Edina Smaha – Pesquisadora

Loremi Loregian-Penkal - Professora Orientadora

Irati, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2017

**Anexo 3: Questionário.****QUESTIONÁRIO****Orientações:**

**Assinale as alternativas marcando um X nos parênteses:**

**PARTE I - IDENTIFICAÇÃO**

- 1) **Nome:**
- 2) **Endereço:**
- 3) **Sexo: M ( ) F ( )**
- 4) **Idade:**
- 5) **Ocupação:**
- 6) **Nível de escolaridade:**
- 7) **Você se identifica como:** Ucraniano( ). Ucraniano Brasileiro( ). Brasileiro( )  
Outro( ). (especifique).....
- 8) **A qual geração de brasileiros com descendência ucraniana você pertence?**
  - Primeira** (Você imigrou para o Brasil quando tinha 18 anos ou mais) ( )
  - Segunda** (Você imigrou quando criança, ou pelo menos um dos seus pais imigrou para o Brasil) ( )
  - Terceira** (Você nasceu no Brasil e pelo menos um dos seus avós imigrou para o Brasil) ( )
  - Quarta** (Você nasceu no Brasil e pelo menos um de seus bisavós imigrou para o Brasil) ( )
  - Quinta** (Você nasceu no Brasil e pelo menos um de seus trisavós imigrou para o Brasil) ( )
  - Outra** ( ) Especifique .....
9. **Você é descendente de ucranianos de qual cidade ou região da Ucrânia?**
  - .....
  - Não sei ( )

**PARTE II - USO DA LÍNGUA**

1. **O ucraniano foi a língua predominante na sua infância?** - Sim( ). Não( ).
2. **Com que frequência você utiliza a língua ucraniana hoje em dia?**  
- Sempre( ). Com frequência( ). Às vezes( ). Raramente ( ). Nunca ( ).
3. **Você estudou ucraniano na escola?** - Sim( ). Não( ).
4. **Você frequentou algum curso de língua ucraniana?** - Sim( ). Não( ).
5. **Você pertence a algum grupo ou organização relacionados à cultura ou língua ucraniana?** - Sim( ). Não( ).
6. **Você participa de alguma igreja ucraniana na qual as celebrações ocorrem em língua ucraniana?** - Sim( ). Não( ).

**7. Que língua você mais fala:**

- **Com os avós:** Português ( ). Ucrâniano ( ). Ambas ( ).
- **Com os pais:** Português ( ). Ucrâniano ( ). Ambas ( ).
- **Com os irmãos:** Português ( ). Ucrâniano ( ). Ambas ( ).
- **Com os filhos:** Português ( ). Ucrâniano ( ). Ambas ( ).
- **Com os amigos:** Português ( ). Ucrâniano ( ). Ambas ( ).
- **Com marido/ esposa/ namorado (a):** Português ( ). Ucrâniano ( ). Ambas ( ).

**8. Estime sua proficiência em língua ucraniana:****a) Eu entendo a língua ucraniana falada:**

Como um falante nativo( ). Muito bem( ). Razoavelmente bem( ). Pouco( ). Nada( ).

**b) Eu falo ucraniano:**

Como um falante nativo( ). Muito bem( ). Razoavelmente bem( ). Pouco( ). Nada( ).

**c) Eu leio em ucraniano:**

Como um falante nativo( ). Muito bem( ). Razoavelmente bem( ). Pouco( ). Nada( ).

**d) Eu escrevo em ucraniano:**

Como um falante nativo( ). Muito bem( ). Razoavelmente bem( ). Pouco( ). Nada( ).

**PARTE III - LÍNGUA E MÍDIA**

- 1) Você lê jornais em ucraniano (incluindo versões on-line)?  
Sempre( ). Com frequência( ). Às vezes( ). Raramente( ). Nunca( ).
- 2) Você lê livros em ucraniano?  
Sempre( ). Com frequência( ). Às vezes( ). Raramente( ). Nunca( ).
- 3) Você lê revistas em ucraniano?  
Sempre( ). Com frequência( ). Às vezes( ). Raramente( ). Nunca( ).
- 4) Você ouve rádio ucraniana?  
Sempre( ). Com frequência( ). Às vezes( ). Raramente( ). Nunca( ).
- 5) Você ouve música ucraniana?  
Sempre( ). Com frequência( ). Às vezes( ). Raramente( ). Nunca( ).
- 6) Você assiste algum canal de TV ucraniana? (na televisão ou online)?  
Sempre( ). Com frequência( ). Às vezes( ). Raramente( ). Nunca( ).
- 7) Você navegar web-sites da Ucrânia ou web-sites em ucraniano?  
Sempre( ). Com frequência( ). Às vezes( ). Raramente( ). Nunca( ).
- 8) Você segue chat-rooms, twitter ou se comunica no Facebook / outra rede social (s) em ucraniano?  
Sempre( ). Com frequência( ). Às vezes( ). Raramente( ). Nunca( ).

## PARTE IV – CRENÇAS E ATITUDES LINGUÍSTICAS

### 1. Qual a importância, em sua opinião, da língua ucraniana para que as pessoas preencham as seguintes necessidades:

- 1 = *Sem importância*  
 2 = *Pouco importante*  
 3 = *Importante*  
 4 = *Muito importante*  
 5 = *Crucial*

- Ser aceito na comunidade ucraniana – 1-(), 2-(), 3-(), 4-(), 5-().
- Adquirir sucesso profissional – 1-(), 2-(), 3-(), 4-(), 5-().
- Identificar-se como ucraniano brasileiro – 1-(), 2-(), 3-(), 4-(), 5-().
- Viajar – 1-(), 2-(), 3-(), 4-(), 5-().
- Associar-se com amigos – 1-(), 2-(), 3-(), 4-(), 5-().
- Manter tradições – 1-(), 2-(), 3-(), 4-(), 5-().
- Reunir gerações da família – 1-(), 2-(), 3-(), 4-(), 5-().
- Outras funções consideradas importantes:
- .....
- .....

### 2. Leia e assinale a alternativa que melhor representa a sua opinião:

- 1 = *Concordo plenamente*  
 2 = *Concordo parcialmente*  
 3 = *Não concordo nem discordo*  
 4 = *Discordo parcialmente*  
 5 = *Discordo plenamente*

- Para uma pessoa com raízes ucranianas, é importante saber falar ucraniano.  
1-(), 2-(), 3-(), 4-(), 5-().
- A língua ucraniana é vital para participação plena na vida da comunidade.  
1-(), 2-(), 3-(), 4-(), 5-().
- As crianças devem aprender ucraniano e português ao mesmo tempo.  
1-(), 2-(), 3-(), 4-(), 5-().
- Falar em ucraniano pode ser economicamente benéfico.  
1-(), 2-(), 3-(), 4-(), 5-().
- O uso tanto do português quando do ucraniano no dia a dia não é difícil.  
1-(), 2-(), 3-(), 4-(), 5-().
- É um desperdício de tempo tentar manter a língua ucraniana no Brasil viva.  
1-(), 2-(), 3-(), 4-(), 5-().

- A língua ucraniana deve ser ensinada nas escolas.  
1-( ), 2-( ), 3-( ), 4-( ), 5-( ).
- Eu sinto pena dos ucranianos/ brasileiros que não sabem a língua ucraniana.  
1-( ), 2-( ), 3-( ), 4-( ), 5-( ).
- Se eu tiver filhos, gostaria que eles aprendessem a língua ucraniana.  
1-( ), 2-( ), 3-( ), 4-( ), 5-( ).
- Hoje ainda existe um sentimento de vergonha em relação à língua ucraniana.  
1-( ), 2-( ), 3-( ), 4-( ), 5-( ).
- Eu tenho vergonha de falar ucraniano.  
1-( ), 2-( ), 3-( ), 4-( ), 5-( ).
- Eu gosto de falar em ucraniano.  
1-( ), 2-( ), 3-( ), 4-( ), 5-( ).
- A língua ucraniana está desaparecendo em Prudentópolis.  
1-( ), 2-( ), 3-( ), 4-( ), 5-( ).

**3. Em sua opinião, quais são os fatores mais importantes na preservação da língua ucraniana no Brasil?**

*1 = Sem importância*

*2 = Pouco importante*

*3 = Importante*

*4 = Muito importante*

*5 = Crucial*

- Acesso a jornais, livros e música ucraniana 1-( ), 2-( ), 3-( ), 4-( ), 5-( ).
- Igreja e religião 1-( ), 2-( ), 3-( ), 4-( ), 5-( ).
- Pais que falam a língua ucraniana 1-( ), 2-( ), 3-( ), 4-( ), 5-( ).
- Cônjuge/ companheiro (a) que fala a língua ucraniana 1-( ), 2-( ), 3-( ), 4-( ), 5-( ).
- Amigos que falam a língua ucraniana 1-( ), 2-( ), 3-( ), 4-( ), 5-( ).
- Participação em atividades ucranianas (festivais folclóricos, bailes, corais, apresentações, etc.) 1-( ), 2-( ), 3-( ), 4-( ), 5-( ).
- Aulas de ucraniano nas universidades 1-( ), 2-( ), 3-( ), 4-( ), 5-( ).
- Manter contato com parentes na Ucrânia 1-( ), 2-( ), 3-( ), 4-( ), 5-( ).
- Cursos de língua ucraniana para adultos 1-( ), 2-( ), 3-( ), 4-( ), 5-( ).
- Participação em organização/ grupos culturais ucranianos 1-( ), 2-( ), 3-( ), 4-( ), ( ).
- Outros (especifique) ..... .. 1-( ), 2-( ), 3-( ), 4-( ), 5-( ).
- Outros (especifique) ..... .. 1-( ), 2-( ), 3-( ), 4-( ), 5-( ).
- Outros (especifique) ..... .. 1-( ), 2-( ), 3-( ), 4-( ), 5-( ).

**PARTE V – PERGUNTAS ABERTAS**

1. Quando você ouve alguém falando em ucraniano o que você acha dessa pessoa?
2. Seus familiares ou amigos tem sotaque ucraniano? Você gosta? Por quê?
3. Em que situações você utiliza mais a língua ucraniana?
4. Você acha que o ucraniano falado em Prudentópolis é diferente do falado na Ucrânia. Como?
5. Qual é a língua mais bonita em sua opinião, o ucraniano ou o português? Por quê?
6. Qual é a língua mais difícil, o ucraniano ou o português? Por quê?
7. Qual é a língua mais útil, o ucraniano ou o português? Por quê?
8. Qual é a língua mais prestigiosa, o ucraniano ou o português? Por quê?
9. Qual das duas simboliza mais sua identidade? Por quê?
10. Você acha que as próximas gerações não vão mais falar ucraniano? Isso é bom ou é ruim?
11. Você pode pensar em qualquer coisa que o governo, a prefeitura ou outras organizações poderiam fazer para melhorar as oportunidades de preservar a língua ucraniana em Prudentópolis/ no Paraná?
12. Você gostaria de falar mais alguma coisa que considera relevante com relação à língua ucraniana em Prudentópolis que não tenha sido perguntado?